Viviane Castro Camozzato

HABITANTES DA CIBERCULTURA: CORPOS 'GORDOS' NOS CONTEMPORÂNEOS MODOS DE PRODUZIR A SI E AOS 'OUTROS'

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Elisabete Maria Garbin

Porto Alegre

2007

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

A todas as pessoas que, apesar de tudo, intentam, cotidianamente, resistir à miríade de tiranias que nos são direcionadas.

Mas o que me move e me apaixona, hoje, é a convicção de que estamos começando a trilhar novos e diferentes caminhos, e que estes podem nos levar a descobrir espaços cotidianos de luta na produção de significados distintos daqueles que vêm nos aprisionando, há séculos, em uma naturalizada concepção unitária do mundo e da vida. (COSTA, 2002, p.14).

RESUMO

"O que estamos fazendo de nós mesmos?" é uma inquietação nietzschiana que percorre o decorrer desse estudo. Tal inquietação leva-me a construir uma trajetória de pesquisa em que a tônica está em almejar compreender – a partir da perspectiva dos Estudos Culturais pós-estruturalistas – como está se dando, contemporaneamente, a produção de si e dos 'outros' numa cultura tão marcada por discursos relacionados aos corpos. Para operacionalizar esse estudo o *corpus* refere-se a comunidades do *orkut*, mais especificamente as comunidades *Eu odeio gordas, Eu odeio gordas que se acham* e *No Food*, assim como *blogs* presentes no ciberespaço que possam contribuir nas argumentações. A escolha de tal *corpus* deve-se pelas peculiaridades da internet, as quais propiciam que sujeitos expressem mais abertamente coisas sobre si e sobre os outros. As discussões referem-se, então, sobre: a) produções de si que, conectadas a discursos que envolvem normalizações corporais contemporâneas, envolvem aprendizagens que se dão a partir de elementos urdidos na cultura. São considerados, assim, o quanto a cultura intervém nos processos que envolvem sujeitos assujeitados a práticas de bio-ascese, as quais são fruto de objetivações produzidas num entorno maior, o qual engloba o uso de técnicas para efetuações de aprendizagens para a produção do que nós estamos sendo; b) as tensões entre corpos 'magros' e corpos 'gordos' os quais trazem, consigo, um acirramento em práticas racistas, que envolvem a apartação e separação dos nomeados como 'outros', numa desenfreada busca pela 'pureza'. O imperativo da saúde, nesse ínterim, também é assinalado como um produtivo *locus* para a criação dos nomeados como 'diferentes', tendo em vista que uma quantidade considerável de escritas sobre os 'outros' analisadas se apóiam em discursos advindos desse imperativo para marcar e demarcar quem são os 'outros'; c) escritas que mostram o quanto certas situações cotidianas que envolvem a diminuição desse 'outro' marcado conforme a sua imagem corporal produz certos modos de sentir associados a escritas dolorosas, as quais mostram o tamanho do sofrimento que as nomeações produzem; d) o quanto a retomada da ética pode ser fecunda para a criação de modos de existência que resistam aos inúmeros imperativos direcionados a nós, tais como os 'tirânicos' imperativos relacionados aos corpos. Há, em suma, uma inseparabilidade entre as questões "o que estamos fazendo de nós mesmos?", "o que estamos fazendo de nossos corpos?" e, ainda, "o que estamos fazendo com os 'outros'?".

Palavras-chave: corpos, produções de si, diferenças, ética, cibercultura.

Lista de figuras

Figura 1: Mulher A – imagem do ‘antes’ p.

Figura 2: Mulher A – imagem do ‘depois’ p

Figura 3: Mulher B – imagem do ‘antes’ p.

Figura 4: Mulher B – imagem do ‘depois’ p.

SUMÁRIO

INQUIETAÇÕES

Situando o estudo

Parte I

WWW.HABITANTES DA CIBERCULTURA

Ciber pós-moderno

Geração@emcontato.com

O 'fenômeno' da visibilização de si mesmo no ciberespaço

O imperativo da mobilidade – identidades e novas subjetividades

Gramáticas afetivas no contemporâneo

Parte II

CORPOS E DIFERENÇAS EM CO-AFETAÇÃO

A incessante invenção dos corpos em variados espaços

O corpo como o lugar privilegiado do cuidado do 'eu'

Parte III

DOS MODOS DE ME ENVEREDAR – ANÁLISES

Enter

Práticas cotidianas de cuidado e controle corporal: submetimentos

Racismo, imperativo da saúde e produção dos 'diferentes': o corpo do 'outro' como a 'coisa' impura

Olhares produzindo a diminuição do 'outro'– ou do que se sente...

UM SOPRO ÉTICO NAS RELAÇÕES CONSIGO E COM OS OUTROS – (IN)CONCLUSÕES

Da necessidade do outro para a constituição de si...

REFERÊNCIAS

INQUIETAÇÕES

> Na vida e no trabalho, o mais importante é converter-se em algo que não se era no início. (FOUCAULT, 1996, p.142. Trad. minha.)

Nos tempos atuais parece que somos cada vez mais incitados a falar de nós mesmos nos mais variados espaços. Essa exposição crescente das coisas que vivenciamos, pensamos e sentimos – extremamente mais *visibilizada* com o advento das tecnologias digitais de informação e comunicação[1], disponíveis aos que operam com os seus códigos –, vem aumentando, e.g., com o surgimento dos *weblogs*[2], que propiciam a transposição das escritas íntimas dos diários de papel para *blogs*, tornando-as escritas públicas. Dentro desse fenômeno posso citar, inclusive, a constante aparição de anônimos e artistas que abrem suas histórias de vida na televisão, revistas, *sites*, entre outros. Podemos pensar, ainda, na construção de um perfil pessoal tornado público no *orkut*[3], assim como as constantes conversas e

---

[1] O acesso à distância, as transferências de arquivos, o correio eletrônico, são serviços de comunicação que são disponibilizados a nós através das novas tecnologias digitais. Do mesmo modo, formas de interação entre os sujeitos são tornadas possíveis através de listas de discussão, *chats*, *MSN*, *blogs*, o*rkut*, jogos eletrônicos, entre outros. Cabe destacar, ainda, que as características que perpassam esses processos de interação e comunicação digital produzem novas formas de ser e estar no mundo aos sujeitos aí conectados.

[2] *Weblog* – ou sua abreviatura, *blog* – é uma página da *web* com entradas datadas em que os conteúdos armazenados aparecem numa ordem cronológica inversa, mantendo, em sua dinâmica, as últimas atualizações no topo da página. Sendo uma espécie de '*log*', ou seja, registro, sua atualização e manutenção são acessíveis e necessitam de poucos conhecimentos específicos – o que contribui intensamente para a disseminação de idéias, trocas de experiências, etc. Utilizarei o termo *blog*, no diminutivo, no decorrer desse estudo.

[3] *Site* de relacionamentos criado em 22 de janeiro de 2004, e pertencente à empresa Google. *Orkut* também é o primeiro nome do projetista chefe desse serviço, cujo nome completo é Orkut Büyükkokten, de origem turca, e engenheiro da referida empresa. Foi Cabe destacar, ainda, que os brasileiros são a maioria no *orkut*. Até 14 jul. 2006, às 15h 53min, 67,04% dos membros se identificavam como brasileiros – embora se creia que esse número possa ser maior, uma vez que muitos também preenchem o campo destinado à nacionalidade com outros países. Para maiores informações vide Wikipédia (2006).

debates que acontecem nesse ciberespaço[4]. Tais ciberespaços propiciam – talvez pelo anonimato, pela possibilidade de reinvenção identitária (posso ser o que quero e como quero a qualquer hora e tempo, ser de qualquer idade e gênero...) – tanto o apelo para que os ocupemos, quanto as possibilidades de criação de singulares modos de cada um, nesses espaços específicos, narrar a si mesmo e aos 'outros[5]'.

Há, portanto, um apelo cada vez maior para expormos as nossas vidas, nos confessarmos, para buscarmos uma 'verdade' sobre nós mesmos na sociedade contemporânea. E talvez seja esse 'apelo' que esteja retumbando em meu ouvido nesse instante, ao dar prosseguimento a esta escrita, ou seja, uma invocação para que eu narre coisas sobre a minha vida, para que tente criar um elo entre os acontecimentos que vêm me constituindo e os meus interesses de pesquisa; interesses que vêm me fazendo vibrar, que vem me mobilizando a seguir em frente... Resolvi, por conseguinte, e com ressalvas, atender a esse 'chamado' porque creio que, ao fazer isso, ao voltar-me a algumas das minhas práticas já experienciadas, poderei repensar um tempo vivido que está, agora, presente comigo, ao ter sido condição de possibilidade para que eu me encontre onde estou, redigindo esta dissertação. Acontecimentos esses que, de modos singulares, podem ter propiciado que eu tenha tido interesse em pesquisar as formas dos sujeitos se relacionarem entre si na contemporaneidade, produzindo-se. Nesse sentido, creio ser interessante trazer as reflexões de Larrosa (2003) sobre as possibilidades de ensaiar-se na escrita acadêmica, uma vez que essa parece estar tão tomada por acessos de objetividade, racionalidade, pureza e rigidez, já que se pretende asséptica. Ensaiar-se aqui, onde

---

[4] Ciberespaço é uma expressão que foi propagada pelo escritor estadunidense William Gibson em seu livro *Neuromante*, em 1984. "Designa o espaço (virtual) criado pelas máquinas de simulação e redes de computadores" (RUDIGER, 1999, *apud* ROCHA, 2005, p. 20). Refere-se, também, "à grande variedade de recursos de informação disponíveis nas redes virtuais acessíveis através da Internet" (ROCHA,2005, p.20).

[5] Alterno, no decorrer do texto, o uso de 'outros' e outros. Isso se deve porque, quando falo em 'outros' (entre aspas), refiro-me àqueles que são marcados como 'diferentes' em relação aos mesmos. Nesse sentido, os outros se referem a quaisquer outros. Embora não utilize o termo Outro, em maiúsculo, cabe destacar que se refere à "alteridade como fenômeno ou princípio." (GUSTAFSSON, 1999, p. 127. Trad. minha).

vivo e verto lágrimas, suores, risadas, nervosismos, alegrias, paixões, apegos... é "colocar as fronteiras em questão" (LARROSA, 2003, p.106), pois as fronteiras "são gigantescos mecanismos de exclusão" (ibidem), assim como formas de aprisionamento do pensamento, da paixão, da vida que nos irradia. Creio que, se procuro ser tocada e modificada pelo que vivencio, se quero que os acontecimentos produzam experiências em mim, não há como me distanciar da pessoa que *estou sendo* nesse processo de reflexões e escritura – eis o porquê de escrever escrevendo a mim mesma.

Escrever escrevendo-me reconhecendo que: "são tantas marcas/ Que já fazem parte/ Do que eu sou agora/ Mas ainda sei me virar[6]". Para Rolnik (1993), o trabalho com o pensamento – e a pesquisa entra aí – diz respeito principalmente às marcas, que "são exatamente [. . .] estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo." (idem, p.242). A autora pondera, ainda, que trabalhar sobre o pensamento – pesquisar – é deixar-se violentar pelas marcas que, enquanto produzidas no encontro entre corpos, é "a diferença que nos arranca de nós mesmos e nos torna outro." (idem, p.244).

Marcas que não dizem respeito apenas ao visível, mas também ao invisível, posto que são aquilo que nos singularizam enquanto sujeitos. Escrever escrevendo-me, desse modo, é mais do que enumerar fatos concretos e palpáveis, mas dar vazão ao inaudito e inaudível. As marcas que me movem e que produziram, inclusive, o desejo de compreendê-las melhor através deste estudo "já fazem parte", como diz a letra, e contribuíram significativamente para que eu me tornasse a pessoa que *estou sendo* nesse ínfimo instante em que escrevo e que já se esvai... Afinal, fui percebendo aos bocados o quanto a minha trajetória de pesquisa seria, inevitavelmente, cruzada por inquietações que a todo instante se fazem presentes, evocando o duplo processo de escrever escrevendo-me.

---

[6] Trecho da música *Lanterna dos Afogados*, gravado por Gal Costa e Herbert Viana (vide ref.).

Vejo esse estudo como uma tentativa, portanto, de reescrever e me reconciliar com a minha história, com o meu corpo... Possibilidade de compreender a fabricação de algumas marcas, tendo o intuito de colocar em tensão algumas das 'verdades' direcionadas a nós, as quais envolvem modos de nos relacionarmos conosco (com o nosso corpo) e com os 'outros'.

Se pesquisar envolve estranhar o que julgamos ser sabido, então a inquietação está presente nesse processo. Inquietação que tem a ver com agitação, movimentação, apreensão, preocupação, perturbação, enfim, uma incerteza que nos incita a criar novos e diferentes caminhos.

As escolhas de pesquisa que aqui trago, portanto, relaciona-se com as marcas, posto que "Cada marca tem a potencialidade de voltar a reverberar quando atrai e é atraída por ambientes onde encontra ressonância (aliás muitas de nossas escolhas são determinadas por esta atração)." (ROLNIK, 1993, p.242). Há marcas potencializadoras e outras entorpecedoras. Dentre as últimas, Rolnik refere-se às "marcas-ferida", compreendidas como "marcas de experiências que produzem em nós um estado de enfraquecimento de nossa potência de agir que ultrapassa um certo limiar, uma espécie de intoxicação." (idem, p.247). Pesquisar e, por conseqüência, escrever, "enquanto instrumento do pensamento, tem o poder de penetrar nestas marcas, anular seu veneno, e nos fazer recuperar nossa potência." (ibidem). O que esse estudo contém, portanto, são inquietantes marcas que se fizeram escrita.

Situando o estudo

A questão das diferenças, ou seja, dos diferentes modos com que são criadas valorizações sobre as pessoas, modos singulares de

categorizar, hierarquizar e criar distinções entre os sujeitos é uma temática que sempre me mobilizou, me inquietando demasiadamente. Esse é um tema em que vejo, de maneira bem clara e específica, um delineamento da questão política, pois se trata de pensar nas fronteiras e limites do que estão impondo que sejamos e, também, os modos pelos quais podemos burlar as imposições e nos tornarmos outros-de-nós-mesmos. Um trabalho articulado a uma discussão política 'teima' em querer alterar posições, produzindo efeitos que possibilitem intentar alterar o que nos parece 'natural', 'harmônico', 'estabelecido'. Assim, também tenho o intuito de mostrar o quanto uma das principais sujeições contemporâneas se relaciona com o corpo, pois é nele que investimos nossos afetos, buscando nos auto-satisfazer e, inclusive, tornando-o alvo nas relações que estabelecemos com os outros, como pode ser ressaltado:

> o corpo é máquina de comunicar, não somente como recurso gestual, tátil, material, mas igualmente como prática narrativa situacional. Ou seja, ao corpo é conferida a dimensão interativa central de um situacionismo generalizado, em que *a aparência assume uma loquacidade particular, definindo e recortando fronteiras de sentido, códigos de aproximação e distanciamento entre os sujeitos* (ALMEIDA; TRACY, 2003, p.114, grifos meus.).

Parece ser conferido ao corpo, portanto, uma importância vital na contemporaneidade, uma vez que ele serve como máquina de comunicar, bem como instrumento para a demarcação de fronteiras. Compreendo, desse modo, que o corpo vem balizando grande parte das relações que mantemos conosco e com os outros, tornando-se um objeto a ser incessantemente planejado, inquirido, examinado, louvado, sacrificado, transformado...

Acredito que "Enfrentamos um mundo em que o culto da aparência gera um dos preconceitos mais penetrantes, embora mais negados." (ETCOFF, 1999, p.51). Devido a isso, fiquei muito perturbada ao me deparar com algumas comunidades do

orkut em que as conversas gravitam em torno do ódio[7] a pessoas 'gordas', 'homossexuais', assim como comunidades que pregam a homofobia, o nazismo, entre outras. Abro um parêntese para destacar que o uso do termo 'gordas' – e suas variações – é entendido, neste estudo, como categorizações fabricadas na cultura, ou seja, a classificação em categorias de um conjunto heterogêneo – mas por alguma característica mais marcante vem a ser agrupada num rol de 'iguais' – e multiforme de indivíduos. Como salienta Fischler (1995, p.79): "É preciso pois, em suma, distinguir entre as categorias propriamente ditas (magro, gordo, obeso, etc) e os limites, ou seja, a medida que uma dada cultura determina para eles. Os critérios, as medidas, os limiares variam fortemente". Assim, ao referir-me aos termos expostos, tendo a colocá-los entre aspas para evidenciar que em nossa sociedade, em que pese a crescente tendência a naturalizar a magritude – enquanto a condição de estar 'magro' –, essas categorias são vistas de modos distintos, variando conforme a sua localização no tempo e espaço.

Minha inquietação tomou ainda mais corpo ao encontrar a comunidade intitulada *Eu odeio gordas*[8]. Nessa comunidade podíamos visualizar conversas que expressavam uma demonização sobre os sujeitos identificados como 'gordas'. Entre tais tópicos de conversas, deparei-me com o *Gordas & anões... extermínio é a solução*, que motivou vários debates na referida comunidade:

> **Gabriel** 6/13/2004 1:18 AM Aqui estou eu para promover uma ideia que vendo desenvolvendo desde os primordios de minha existencia, essa seria a TOTAL destruicao dos seres que hoje em dia andam e assolam livremente nossas sociedades ja tao necessitadas de paz e tranquilidade, eu sou a favor do exterterminio de tais criaturas pois:1) sao completamente inuteis, ja que nao teem nenhum valor reprodutivo ou de adorno...hoje em dia os chamamos de OBESOS, GORDOS, ROLHAS DE POCO, SUPUSITORIOS DE ELEFANTE e por ai vai...aqui estou eu tambem para promover minha ideia de total destruicao do que hoje chamamos de anoes...eles devem ser destruidos pois: 1) sao parceiros

[7] Interessante que em outros serviços, tais como os *chats*, também podemos ver essa recorrência ao 'eu amo', 'eu odeio' na internet. Para maiores detalhes sugiro a leitura de Garbin (2001).

[8] Essa comunidade ficou *online* até maio de 2005, pois foi deletada pelo seu criador, que sofreu ameaças de ser denunciado ao ministério público por pregar o ódio e o preconceito. No entanto, essa comunidade foi recriada por um de seus ex-membros e funcionou até meados de janeiro de 2006, quando foi novamente excluída do sistema por motivo desconhecido por mim até o momento.

> de nossas inimigas mortais (gordas) 2) com elas formam um complo contra os humaniodes normais (nos) 3) anoes nao servem para nenhum tipo de trabalho, com execessao dos que prestam um servico util a comunidade morando e trabalhando dentro de maquinas de refrigerente, caixas eletronicos e etc...com execessao destes uteis amiguinhos TODOS devem ser mortos... PAZ[9]

Ainda estarrecida com o que li, fiquei pensando: quais singularidades dessa parte do ciberespaço possibilitam que as pessoas expressem, de forma tão escancarada, os seus ódios? Também: essas pessoas nem me conhecem, mas por eu ser 'gorda' sou também motivo de ódio? Eles generalizam certas características associadas aos indivíduos identificados como 'gordas' e as transformam em 'coisas', seres sem história, sem nome, sem valor? Que crueldade é essa? Como isso é tornado possível? Esse contato foi o primeiro mobilizador para que eu criasse o desejo de estudar mais a respeito dessas questões, pois me parece que se configura como uma urgência do nosso tempo analisar as formas com que são atribuídos valores aos diferentes modos de *estar sendo* humano. Essas operações precisam ser problematizadas, pois são produtos de nossa inserção na rede de significados que é a cultura. Além disso, nossos modos de ver não são dados *a priori*, não são simples 'veículos de olhar as verdades do mundo' – os nossos modos de ver instituem as próprias 'coisas', lhes atribuem significados. Ou seja, os 'gordos', 'homossexuais', ditos 'deficientes',... não foram sempre os 'outros' da esfera social; não são, desde sempre, nomeações 'negativas', mas passaram a ser no momento em que murmúrios que ecoavam esses ditos tomaram corpo e estatuto de verdade frente a outras significações. Aqui, portanto, o olhar recebe uma grande importância, pois, "é o olhar que botamos sobre as coisas que, de certa maneira as constitui. São os olhares que colocamos sobre as coisas que criam os problemas do mundo" (VEIGA-NETO, 2002, p. 30).

---

[9] Nesse excerto, assim como em todos que constam neste estudo, a escrita está sem nenhum tipo de correção ortográfica de minha parte para manter uma possível fidelidade às possíveis inscrições relativas ao gênero, geração, etc., bem como para preservar as linguagens internáuticas utilizadas. Mantenho, inclusive, os espaços duplos. Outrossim, os nomes e expressões gráficas (tal como a expressão **(**) utilizados referem-se aos que os internautas se identificavam, seja nos *blogs* ou nas comunidades do *orkut*.

Preciso esclarecer, ainda, que a princípio eu tinha o desejo de focar a questão principal dessa pesquisa nas diferenças. No entanto, precisei abrir o campo de abordagem para discutir, também, a questão do corpo porque, ao querer explorar as relações entre diferenças-produção de si e dos 'outros'-cibercultura, eu percebi que para os sujeitos contemporâneos o corpo é 'quase' tudo[10]. A partir das discussões de Chmiel (1996) acerca dos códigos culturais que outorgam o 'selo' de 'jovens legítimos' fui vendo que a sociedade ocidental contemporânea valoriza o 'ser jovem' como um estágio a que se deve querer chegar e não mais sair. Entre esses códigos está o corpo, posto como um modo de visibilizar o 'si mesmo' dos sujeitos que buscam tanto a semelhança quanto a diferenciação em relação aos demais. Demonstração essa da importância do corpo e da afirmação de si mesmo para ocorrer a aceitação por parte dos outros, já que através do corpo estaríamos nos afirmando diante dos demais, criando condições para a aceitação e respeito pois parece que, paradoxalmente, só com a aceitação dos outros nos sentiremos bem com a gente mesmo. Creio que essas são questões importantes de serem levantadas porque parece que estamos tendo cada vez mais dificuldades de estarmos conosco mesmo e, do mesmo modo, de aceitarmos os nossos corpos do jeito que são – sem frustrações por não nos enquadrarmos às rígidas normas que os concernem. É assim que, num mundo cheio de incertezas e inseguranças, o corpo aparece, para os indivíduos, como a sua mais segura morada, o mais seguro espaço de pertencimento.

Nesse sentido, **meu objetivo é problematizar algumas das relações que habitantes da cibercultura estão estabelecendo consigo mesmo e com os 'outros' a partir de escritas que versam sobre o corpo.** Esses 'outros' são aqueles que se distanciam dos parâmetros de normalidade que a sociedade contemporânea vem, com tanta eficiência, inventando cotidianamente. Muitos dos internautas são

---

[10] Jogo de palavras realizada com a expressão que consta no livro *Noites Nômades* (ALMEIDA; TRACY, 2003), em que as autoras dizem: "A gramática comunicativa na *night* é fundamentalmente corporal", pois "O corpo é o seu 'tudo'" (p.82)! Creio que o corpo baliza, também, a gramática comunicativa em

incessantemente interpelados para terem um corpo em forma, sem marcas 'indesejáveis' – como estrias, celulites, flacidez, gorduras localizadas e em excesso, etc. –, incentivados, portanto, a investir boa parte do seu tempo, dinheiro, preocupações e aspirações em como recauchutá-lo, aparelhá-lo, torná-lo mais próximo da 'perfeição' almejada. Frente a isso, como será que esses mesmos sujeitos estão se relacionando com as pessoas que possuem corpos nomeados como 'diferentes' e, por isso, tornam-se sujeitos 'indesejados', já que sua gordura, celulites, estrias, flacidez, etc., enfim, os diferenciam, 'diminuem', frente aos demais?

Assim, pergunto: **de que modos habitantes da cibercultura – principalmente mulheres – estão cuidando de seus corpos; que investimentos fazem sobre eles? Como discursos sobre os corpos 'desejáveis', fabricados e disseminados na sociedade contemporânea, possibilitam que sujeitos nomeados como 'normais' expressem ódio a mulheres nomeadas como 'gordas'?**

Para dar prosseguimento a este intento, analiso escritas presentes em comunidades do *orkut* e em *blogs*. Mais especificamente, as comunidades intituladas *Eu odeio gordas*[11] - 952 membros em 19 dez. 2005 –, *Eu odeio gordas que se acham* – 31.352 membros em 15 abr. 2006[12] –, *No Food* – 2.817 membros em 15 maio 2007 –, assim como excertos pontuais de *blogs* que possam contribuir nas argumentações.

---

outros contextos, como nas relações afetivas, de amizade, no trabalho, na escola, nos mais variados grupos de pertencimento, etc.

[11] Comunidades que, devido ao caráter efêmero do *orkut*, atualmente se encontram extraídas do sistema – embora novas comunidades possam vir a ser construídas com tais denominações. Além disso, cabe ressaltar o movimento que vem ocorrendo frente as comunidades que apregoam preconceitos. Frente a isso, vejo que muitas vezes o 'dono' da comunidade, o qual tem plenas condições de deletá-las acaba efetuando isso, frente a possíveis complicações com denúncias à polícia federal. Ou, então, são deletadas por 'justiceiros' – ou outros grupos – que deletam comunidades difamadoras, entre outras possibilidades.

[12] Como informação adicional destacado, ainda, as seguintes comunidades: *Odeio gorda c/pircing no umbig* – 28.131 membros em 15 maio 2007 –, *Odeio gorda q se acha gostosa!* – 5.883 membros em 15 maio 2007 –, *Eu odeio a gorda do patrola* – 5.575 membros em 15 maio 2007 –, entre muitas outras efêmeras comunidade do tipo 'eu odeio'.

A escolha por utilizar o *orkut* e *blogs* deve-se, primeiramente, ao meu arrebatamento ao ver a referida comunidade *Eu odeio gordas*, como expus anteriormente. Além disso, percebi que na internet há espaços peculiares que propiciam que os sujeitos expressem coisas sobre si mesmos e sobre os outros, já que "o outro é necessário", como Foucault (2004) nos lembra. Assim, se Andy Warhol[13] predizia que todos teríamos os nossos quinze minutos de fama, creio que com o advento dos *blogs* e do *orkut* (entre outras ferramentas e comunidades de relacionamento oriundas com a tecnologia digital), sujeitos anônimos[14] (muitas vezes sem o risco de serem identificados e/ou 'punidos' e, devido a isso, sem 'sofrerem' as conseqüências de suas palavras e atos) têm uma oportunidade crescente de expressarem vivências, sensações, sentimentos... que, até então, limitavam-se a diários íntimos escritos à caligrafia, a serem expostos em confidências presenciais, ou mesmo não eram expressas por não haver como ficarem no anonimato ou serem contadas a partir de um 'eu' reinventado para essa ocasião específica. Como assinala Garbin (2003), a Rede "converteu-se num 'laboratório' para a realização de experiências com as construções e reconstruções do 'eu' na vida pós-moderna, uma vez que, na realidade virtual, de certa forma moldamo-nos e criamo-nos a nós mesmos" (p.126). É com essa possibilidade sem limites de nos reinventarmos através de *nicknames*[15], onde se tem a possibilidade de construir e experienciar diferentes identidades, ou através de escritas que podem ser não identificadas nos *blogs* e nas comunidades do *orkut*, assim como através de perfis *fake*[16] no *orkut*, onde posso me descrever a partir de um 'eu' inventado (como alguma artista, personagem de desenho animado, ou mesmo com características físicas consideradas mais ideais),

---

[13] Andy Warhol (1928-1987), pintor e cineasta estadunidense, foi uma figura destacada do movimento artístico e cultural intitulado *pop art*.

[14] Alguns chegando, inclusive, a ganhar notoriedade no meio *blogueiro*. Fato evidenciado em reportagens de jornal, bem como em listas de indicações disponibilizadas em *blogs*, etc.

[15] Em Inglês significa apelido, sendo utilizado também pelos internautas para designar o mesmo.

[16] Refere-se, nesse caso, aos perfis criados no *orkut* com nomes falsos ou imitados de algum personagem, artista... Enfim, são considerados perfis falsos por não se referirem aos nomes próprios de seus mantenedores. Retomarei essas discussões na seção *O imperativo da mobilidade – identidades e novas subjetividades.*

entre outras possibilidades, que habitantes da cibercultura se deparam no ciberespaço, tornando possível que, nesse espaço específico, expressem suas paixões, gostos, preferências, assim como seus ódios, sua intolerância, seu desprezo para com o 'outro' que, de certo modo, os inquieta.

Para desenvolver as problemáticas apontadas organizei esse estudo da seguinte forma: na parte I, intitulada *www.habitantes da cibercultura,* aponto o quanto as tecnologias digitais parecem estar modificando, na condição pós-moderna, os modos de *estar sendo* sujeito. Ademais, abordo o quanto essas tecnologias vêm possibilitando, por conseguinte, um contato freqüente com o outro, uma crescente visibilidade de si no ciberespaço e, ainda, alguns dos modos pelos quais são expressos alguns afetos.

Na parte II, intitulada *Contemporâneos modos de produzir a si e aos 'outros'*, abordo a questão da *Co-afetação entre corpos e diferenças*, considerando que ambos são produzidos nas "tramas da linguagem e da cultura" (COSTA, 2006). Desse modo, o culto ao corpo contemporâneo vem produzindo distinções, hierarquizações, classificações, fabricando, enfim, inúmeros 'diferentes' a partir dos modos como são nomeados a partir de seus corpos.

Em *Dos modos de me enveredar – análises*, parte III, reviso minha trajetória de pesquisa, mostrando o quanto a internet é um campo fértil para pesquisas e, ainda, procuro mostrar as minhas enveredações durante a construção da trajetória dessa pesquisa. Feito isso, desenvolvo três focos de análise, quais sejam: *Práticas cotidianas de cuidado e controle corporal: submetimentos*, onde procuro discutir o quanto as contemporâneas práticas de bio-ascese engendram uma tensão entre liberdade e controle, produzindo certos modos de cuidar do seu corpo – práticas essas inseparáveis de aprendizagens operadas na cultura. E quais as reverberações do discurso da saúde? De que modo há uma atualização do racismo? Como ocorre a produção dos ditos 'diferentes' em meio à voga do corpo? Tais questões são postas

em discussão em *Racismo, imperativo da saúde e produção dos 'diferentes': o corpo do 'outro' como a 'coisa' impura*. No terceiro foco de análise, intitulado *Olhares produzindo a diminuição do 'outro'– ou do que se sente...*, trato sobre escritas de *blogueiras* que mostram o quanto o fato de serem alvo de chacotas, piadas e gozações, transforma-se em algo doloroso, mostrando o que elas sentem frente a isso.

Encerrando a parte III problematizo, no capítulo *Um sopro ético nas relações consigo e com os outros – (In)conclusões*, a questão da ética foucaultiana como uma produtiva possibilidade de resistência contemporânea frente aos ditames corporais, articulando o debate com a necessidade do outro para a produção de si.

Parte I

WWW.HABITANTES DA CIBERCULTURA

Ciber pós-moderno

Estamos, sem dúvida, vivendo em tempos singulares, pois se na modernidade instituições como a Família, Escola, Estado e também a Igreja (em que pese o declínio deste último após a Idade Média) eram centrais para a constituição dos sujeitos, hoje temos que reconhecer que "essas figuras cada vez significam menos, em nossa sociedade" (RIBEIRO, 2003, p.14), uma vez que é possível sublinhar, na esteira de Guy Debord, que "os homens se parecem mais com seus tempos que com seus pais" (ALMEIDA; TRACY, 2003, p.226). Outras instituições e espaços culturais estão, portanto, tornando-se centrais para a fabricação das subjetividades e identidades numa época em que as tecnologias de informação e comunicação contribuem para que ocorram modificações nos modos das pessoas perceberem a si, aos outros e o mundo que os cerca, considerando que estamos num mundo que se transmuta rapidamente.

Inscritas na esfera social e cultural, as marcas dessas mudanças, caracterizadas pela descartabilidade, simultaneidade, compressão do espaço-tempo, efemeridade, flutuação das identidades, flexibilidade, centralidade das mídias e da internet, borramento das fronteiras entre a esfera do público e do privado, a cultura do espetáculo e do consumo, entre outras, vem liberando certos fluxos subjetivantes que atravessam fronteiras e inventam, com isso, novos modos de existência. Essas são características pós-modernas, como nomeiam Harvey (2005), Lyotard (1987, 1989), dentre outros. Ou seja, são transformações que vem atingindo a esfera social desde meados da segunda metade do século XX, reconfigurando as paisagens

subjetivas e as nossas formas de viver na sociedade, conectadas que estão ao estado da cultura em que vivemos. Obviamente, não posso me furtar de trazer reflexões e conexões sobre os modos de existência e sociabilidade contemporâneas e as transformações que estão ocorrendo na esfera social e cultural, as quais estão nos constituindo e inventando sujeitos diferenciados em espaços e tempos específicos. Nesse panorama, acredito ser importante trazer as considerações de Raymond Williams (1969), em seu livro *Cultura e Sociedade*, onde o autor traz à tona o quanto a materialização das transformações ocorridas na sociedade produz modificações na *estrutura dos sentimentos* de cada contexto e época, pois parece estar ligada aos sentimentos e pensamentos fabricados sobre o seu mundo, tempo e pessoas nas tramas do cotidiano; ligada aos modos dos humanos estarem experienciando e sentindo os acontecimentos que estão se atravessando em/por suas vidas – como murmúrios ecoando em nós...

É dentro da condição pós-moderna que foi possível enunciar o termo cibercultura, nomeada como "a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais" (LEMOS, 2003, p.12). Desse modo, "Vivemos já a Cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar, mas o nosso presente (*homebanking*, cartões inteligentes, celulares, palms, pages, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros)." (ibidem). Ao compreender, portanto, a cibercultura como "o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço" (LÉVY, 1999, p.17), argumento que os *habitantes da cibercultura* são sujeitos que estão modificando as suas existências através das tecnologias digitais – processo que não ocorre através de um determinismo tecnológico, posto que há diferentes modos de apropriar-se das técnicas, as quais não são independentes ou autônomas, mas integrantes de lógicas cultural e socialmente produzidas. Isso significa a emergência de uma geração conectada aos novos valores e significados desses tempos, produzindo sujeitos diferenciados que pensam, sentem e agem de modos peculiares.

Afinal, é inegável que "Nossas interações com a tecnologia, especialmente com as novas tecnologias da informação e da comunicação, tornam-se tanto um recurso para nossa própria auto-produção quanto instrumental nessa auto-produção e, portanto, de forma mais geral, para nossa produção-de-sujeito" (GREEN; BIGUM, 2002, p.227).

Geração@emcontato.com

SOBRINHOS DE PLATÃO por Newton Foot

(Charge extraída do *site* Universia Brasil, datada em 28 out. de 2005)

Chats[17], *blogs*, *fotologs*[18], *MSN Messenger*[19], *orkut*, entre outras tecnologias digitais, tornam-se cada vez mais 'ícones' da geração transeunte do século XXI que, entre outras nomeações[20], foi nomeada como "geração @" por Feixa (2004). Se opto por aliar-me a Feixa para chamá-los de 'geração @' é tanto para evidenciar a centralidade das tecnologias digitais para os sujeitos viventes na sociedade digital, quanto porque o @ tem a ver com o 'para', com a relação estabelecida com um outro. Ou seja, na Rede a comunicação com um outro é a base

---

[17] Espaço para conversas simultâneas mantidas em *sites* da Rede, também nomeados como salas de bate-papo.

[18] *Fotolog* – ou mesmo suas outras denominações, como *fotoblog*, *flog* – assemelha-se aos *blogs*, diferenciando-se desses devido a centralidade que as fotografias tomam.

[19] Programa de mensagens instantâneas em que diferentes indivíduos podem conversar em tempo real. *Icq*, *skype*, entre outros, são programas similares.

[20] Geração que vem sendo nomeada como: geração R, geração Net, geração digital, geração *zapping*, geração MTV, entre outras.

de quase tudo. No *e-mail*[21] esperamos, de certo modo, o contato de algum outro, seja um outro 'próximo', ou um outro 'distante'. No *MSN Messenger* é com um outro que podemos conversar ou, mesmo, escapar, em situações específicas, dessa interação. Assim, na internet o que mais temos é um contato com um outro; um outro que pode tanto servir para que operemos uma operação de *ascese*[22] sobre nós mesmos – ou seja, um movimento de transformação –, quanto pode servir, por outro lado, para uma operação da nossa afirmação Identitária, através da nomeação e desprezo pelos 'outros' que se aproximam de nós na *web* ou, mesmo, nos espaços cotidianos em que perambulamos. Seja como for, é com um outro que nos relacionamos no ciberespaço. Demonstração de que, assim como o hospedeiro, na *hospitalidade*[23], pode selecionar, escolher, filtrar, selecionar, negar a hospitalidade a quem lhes chega, pedindo hospedagem, isso também ocorre no ciberespaço, pois aí também pode ocorrer (ou não) a hospitalidade (DERRIDA, 2003; SARAIVA, 2005).

Para Tapscott (1999), os termos que utilizamos "adquirem significado e moldam nosso pensamento" (p.32). Por isso, a escolha de utilizar o termo 'geração @' está conectada à idéia de que é uma geração que não ficou isolada a partir dos seus contatos com o computador e as ferramentas utilizadas na internet, pelo contrário, essa vem caracterizando-se como uma potente intensificadora das relações entre os pares, pois podemos nos comunicar mais com diferentes pessoas, as quais a distância espacial não aproximava.

Acredito que se trata de novos modos de agregações, pois: "Talvez estejamos vivendo uma reversão do processo individualista moderno, buscando, pelas tecnologias (o que é estranho) uma nova forma de agregação social (eletrônica, efêmera e planetária), o que chamo de agregação eletrônica." (LEMOS, 1999, p.16). Nesse sentido, cabe sublinhar que no *orkut*, por exemplo, é muito comum a

---

[21] Correio eletrônico disponível na internet.

[22] Esse conceito será desenvolvido posteriormente, na seção *Práticas cotidianas de cuidado e controle corporal: submetimentos.*

[23] Conceito que será explorado no subcapítulo *Gramáticas afetivas no contemporâneo*.

reaproximação de pessoas que não se viam há anos e que, a partir daquele espaço, até reatam os fios de amizade, passando a se reencontrar tanto *online* quanto *offline*. Isso pode ser evidenciado na comunidade *O orkut mudou a minha vida*[24], onde alguns *orkuteiros* discutem (no tópico *Como o orkut mudou a minha vida?)* sobre as mudanças que atravessaram a partir da sua imersão nessa rede de relacionamentos: `nossa tanta coisa...encontrei amigos de infancia e adolecencia...e entrei numa comunidade q tem encontros toda semana e fiz varios amigos.....oq é muito bom.....relamente o orkut mudou minha vida`. Ou, ainda: `Localisei amigos e amigas q há muito não conseguia contato.O orkut salvou o meu passado e pode-me mostrar um pouco mais sobre minha personalidade. Também proporcionou-me boas risadas, além d mostrar quem são os meus verdadeiros amigos.AMO ORKUT!!!`

O *orkut* é, nesse sentido, uma rede social, ou seja:

> Uma estrutura em rede – que é uma alternativa à estrutura piramidal – [que] corresponde também ao que seu próprio nome indica: seus integrantes se ligam horizontalmente a todos os demais, diretamente ou através dos que os cercam. O conjunto resultante é como uma malha de múltiplos fios, que pode se espalhar indefinidamente para todos os lados, sem que nenhum dos seus nós possa ser considerado principal ou central, nem representante dos demais. Não há um 'chefe', o que há é uma vontade coletiva de realizar determinado objetivo" (WHITAKER, 2006).

O objetivo de tal *site* de relacionamentos consiste, assim, em proporcionar que seus membros criem novas amizades e mantenham seus relacionamentos. O que ocorre não de forma vertical mas horizontal, através da construção de redes de relacionamento que são difíceis de serem completamente mapeadas. É assim que, ao contrário da visão maniqueísta sobre a internet que sustenta que ela destrói os laços sociais e lança os indivíduos a um isolacionismo que seria característico destes tempos, o que venho observando, a partir das minhas andanças na Rede, é o quanto

---

[24] Comunidade criada em 30 de abril de 2005, e que até o dia 28 jun. 2006 possuía 3.686 membros. Disponível em: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1975238>.

estamos interagindo, em contato freqüente com as demais pessoas. Não é raro, no *orkut*, como vimos anteriormente, relatos de pessoas que reencontraram amigos de infância, colegas de tempos atrás, ex-vizinhos, etc. Desses reencontros, muitos partem para encontros que acontecem *offline*, multiplicando as redes de contato estabelecidas. Encontros *offline* de *blogueiros* também é algo que acontece cada vez com mais freqüência, pois são redes de convivialidade que não produzem efeitos apenas no plano das interações *online*, uma vez que reverberam em nós, inclusive quando estamos desconectados. Há, em suma, linhas de continuidade entre as relações que mantemos no ciberespaço e fora dele.

Achados do *Dossiê Universo Jovem 3 MTV*[25], realizado em 2005, e que incluía 2.359 entrevistas junto a jovens entre quinze e trinta anos, oriundos das classes A, B e C de sete estados brasileiros, vem corroborar a afirmação de que as crianças e jovens de hoje são os sujeitos *par excellence* de uma sociedade em que as tecnologias de informação e comunicação são cada vez mais proeminentes – embora esses dados necessitem ser matizados. Evidencia-se, na pesquisa, a centralidade das tecnologias para essa novíssima geração que quer estar sempre plugada, em contato direto com os pares e que introduziu a mobilidade em diversos planos da sua existência. Assim, não são somente as suas relações que são móveis, líquidas (BAUMAN, 2004), mas seus engajamentos, pensamentos, desejos, gostos, etc.

Das pessoas pesquisadas pelo *Dossiê*, foram levantados dados significativos a partir dos jovens que acessam a internet. Oitenta e quatro por cento (84%) desses jovens disseram enviar e receber *e-mails* habitualmente, atestando o que falava a pouco, que a base da internet é a comunicação, o contato com o outro. Cinqüenta e um por cento (51%) dizem que a *web* mudou para melhor a forma de se relacionarem com os amigos, evidenciando que a proximidade, o contato não depende mais

---

[25] Projeto planejado e desenvolvido pela MTV Brasil. O estudo tem como objetivo "Detectar tendências, entender comportamentos, apreender novos significados e traduzir em posturas as atitudes do jovem brasileiro, visitando seu universo" (DOSSIÊ UNIVERSO JOVEM 3 MTV, 2005).

apenas da presença que acontece *offline*, pois podemos estar próximos, trocar confidências, novidades, informações no ciberespaço. Nesse sentido, trinta e nove por cento (39%) acreditam que passaram a falar mais com os amigos depois da internet. Chega a cinqüenta por cento (50%) a quantidade de jovens que afirmaram se relacionar com algumas pessoas apenas pela internet, ou seja, fizeram ciberamizades, constituídas nos mais variados espaços da Rede. Quarenta e oito por cento (48%) reconhecem que às vezes mentem na Rede. Um 'mentir' que compreendo, aqui, como as possibilidades de reinvenção de si mesmo propiciadas quando estão *online*, experimentando outras formas de *estar sendo* jovem, inscrevendo em si mesmo outras qualidades, características físicas, posicionamentos... Por fim, cinqüenta e um por cento (51%) dos jovens desta amostra expressaram se sentir mais à vontade para dizer determinadas coisas pela *web* – o que explica a quantidade de coisas ditas sobre os 'outros' em algumas comunidades do *orkut* e outros ciberespaços –, já que esta se configura como um espaço fecundo em oportunidades para expressar opiniões sem os habituais riscos que envolvem, e.g., uma conversa *offline* – onde podemos ter nossos posicionamentos rechaçados no mesmo momento, ou ficar sem poder sair da conversa – e que *online* não demanda muito esforço, pois basta ignorar, mesmo que momentaneamente, os argumentos do outro, ou mesmo deletar as suas mensagens, numa alusão às relações líquidas.

Enfim, para os sujeitos que estão digitalmente em contato com um outro a internet é uma ferramenta indispensável, pois possibilita estar conectado (quase) o tempo todo.

O 'fenômeno' da visibilização de si mesmo no ciberespaço

> É necessário compreender o momento em que vivemos para contemplar o ciberespaço com um outro olhar. (PINHO, 1999, p. 121)

Em *A sociedade transparente*, Gianni Vattimo (1991) defende a tese que o pós-moderno teria sido engendrado a partir da dissolução das histórias unitárias. Essas teriam sido dissipadas pela disseminação de uma 'sociedade de comunicação generalizada' que teria desempenhado um papel decisivo para que diferentes visões de mundo fossem visibilizadas. Vemos, assim, que na contemporaneidade quase tudo parece ter se tornado tema ou alvo dos meios de comunicação. Com isso, afirma o autor, vemos a emergência de novas histórias invadindo a arena social, compondo com novos nuances, matizes, um mundo que há muito se pensava ser Uno e destinado à "realização da civilização, isto é, da forma do homem europeu moderno" (idem, p.11) que foi nomeado, durante a modernidade, como o 'ideal do homem'. Ora, a dissolução de "um ponto de vista supremo, globalizante, capaz de unificar todos os outros" (idem, p.14) através de *a* história, parece esvair-se num mundo em que houve uma crescente 'tomada de palavra' dos grupos antes invisibilizados, possibilitando, portanto, uma "pluralização que parece ser irresistível" (ibidem)[26].

Creio que é dentro desse contexto, de um processo crescente de visibilização dos sujeitos que multiplica os 'centros de história', que se situa a internet, possibilitando que sujeitos, antes considerados 'invisíveis', possam falar, verbalizar, expressar os seus posicionamentos na sociedade contemporânea, tornando-se 'visíveis' (VATTIMO, 1991). O que parece ter acontecido é que "a rádio, a televisão e os jornais [acrescento a internet] se tornaram elementos de uma explosão e multiplicação generalizada de [. . .] visões de mundo." (idem, p.13). Essa afirmativa pode atestar que a internet vem se configurando como uma contemporânea 'torre de

babel' ou, mais apropriadamente, uma "babel eletrônica" (SARAIVA, 2005). Isso porque no ciberespaço podemos encontrar de tudo: *blogs* de sujeitos anônimos que versam sobre ao mais díspares e variados assuntos, como os que explicitam modos de viver a vida a partir da anorexia e bulimia, adotada como um 'estilo de vida' por algumas das jovens que vivem nessa sociedade em que é pregada a ditadura da magreza e da beleza; outros que tratam de perspectivas teóricas em que seus autores se 'filiam'; assim como pessoas que fizeram (ou estão querendo fazer) cirurgias de redução do estômago e relatam, em *blogs*, seus percursos e percalços, incluindo, além disso, as redes de solidariedade entre pessoas que estão querendo emagrecer e que se auxiliam mutuamente, dando força, dividindo conquistas; *sites* que apregoam a pedofilia, explorando, infelizmente, a imagem do corpo de milhares de crianças pelo mundo afora; outros, por sua vez, tematizam sobre novos modos de experienciar as relações de gênero, como o movimento *Crossdresser*[27], onde homens (e algumas mulheres) burlam as fronteiras de gênero e se transvestem de mulheres (e as mulheres de homens), sentindo-se femininas (alguns em momentos específicos, outros cotidianamente), mas que nem por isso são homossexuais – alguns são, efetivamente, mas muitos outros são ou bissexuais ou heterossexuais (se é que é preciso fixar em alguma dessas categorias...). O interessante nesse último exemplo, para esse estudo, é o quanto a internet ajudou a agregar esse grupo, pois vi relatos de pessoas que não sabiam 'o que eram', pois numa sociedade em que as distinções de gênero são tão marcadas, onde temos separações gritantes entre o que é destinado para as mulheres e o que é destinado para os homens, muitos se escondiam para se vestir de mulheres e, por não sentirem atração nenhuma por homens, e sim por mulheres, não sabiam se eram *gays* ou não, ou seja, eles não se sentiam dentro dos

---

[26] Como Vattimo (1991) também assinala, não desconsidero que a comunicação não seja neutra, sendo, pois, codificada, disputada como território para a construção e disseminação de valores de grupos mais fortes simbolicamente, estando no centro de contínuas disputas pelo poder de representar.

[27] "Crossdressers são indivíduos que gostam de utilizar roupas usualmente próprias do sexo oposto, sem que tal atitude implique necessariamente em sua orientação sexual: uma pessoa *crossdresser* não necessariamente pautará sua orientação ou seu papel sexual em função deste seu gosto por roupas do sexo oposto." (WIKIPÉDIA, 2006).

parâmetros já criados e assumidos pela sociedade em relação as fronteiras de gênero – são homens que sentem prazer em se vestir, ocasionalmente, de mulher, e vice-versa. Com a internet, como muitos relataram (conforme depoimentos em *sites* e *chats*), encontraram pessoas para compartilhar as suas dúvidas, inquietações e, nessas redes de identificação, passaram a se compreender melhor, vendo que não são 'aberrações', 'abortos da natureza', mas que estão recriando-se, e experimentando seus prazeres desconsiderando as rígidas delimitações criadas na esfera social.

Além destes, em salas de bate-papo destinadas a temas específicos como música, sexo, namoros, cidades, entre outros, pode-se perceber que as tecladas acabam, muitas vezes, transbordando as limitações de fronteiras entre o que se deve escrever ou não nessa delimitação de temáticas. Mais recentemente, o *site* de relacionamentos *orkut,* criado em 2004, surgiu para ajudar a compor esse mosaico babélico, congregando em seu espaço, até o momento – 29 mar. 2007, às 23h 59min – 48.590.951[28] membros – note que esse número cresce a cada instante, por isso qualquer tentativa de apreendê-lo é impossível. E o que *rola* nesse espaço? Dizer que *rola* de tudo, sinceramente, não é nenhum exagero. Podemos encontrar no *orkut* desde comunidades que versam sobre o engajamento político dos jovens que se aglomeram em torno de ações coletivas para um bem comum até a comunidade *Divã Orkutiano Anônimo*[29], em que se pode, anonimamente ou não, expor problemas que estão afligindo a pessoa em questão para, a partir disso, estabelecer conversas com aqueles que, incitados com os 'problemas alheios', aconselham, propõem direções e caminhos. Muito presente também são as comunidades que expressam o 'eu amo' (gostos e preferências de seus participantes), tais como: *Eu amo lilás*, *Eu amo baby look*, *Eu amo as minhas amigas, Eu amo a minha família!!!, Eu amo Música*, dentre outras. Por outro lado, há inúmeras comunidades que expressam as coisas que os seus

---

[28] Em 15 dez. 2005, às 15h 43min, o *orkut* enunciava, entretanto, o seguinte: 'Você está conectado a 11.598.902 pessoas'. Já em 29 jun. 2006, às 2h, havia 21.724.250 membros inscritos (considerando as pessoas que possuem mais de um perfil).

[29] Disponível em <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1222123>.

participantes não gostam, fazendo parte do grupo do 'eu odeio', tais como: *Eu odeio gordas*, *Eu odeio gordas que se acham*, *Eu odeio pretos*, *Eu odeio argentinos*, *Eu odeio nerds*, *Eu odeio preconceito*, etc.

Frente a pluralidade manifesta no ciberespaço, lembro-me da tentativa de construir a Torre de Babel, exposta no Gênesis, a qual expressava a pretensão humana de construir uma torre para chegar ao céu. Deus puniu a soberba dos homens impondo a eles Babel, ou seja, a "Confusão de línguas ou de vozes" (LUFT, 2000, p.99) para que não pudessem se compreender – teriam passado da existência de unificação da língua para uma variedade delas. O que análises sobre esse mito (LARROSA; SKLIAR, 2001a) vem nos contando é que, aos nossos olhos, contemporâneos, o castigo divino da confusão entre as línguas pode não ser um castigo, mas a abertura para a diferenciação, a multiplicidade e, conseqüentemente, a reinvenção. Se compreendermos, nesse sentido, a língua não apenas no seu sentido restrito, como uma operação lingüística, mas no sentido mais amplo, desenvolvido por Derrida (2003), como o conjunto cultural, perpassando valores e significados, a metáfora da Babel encaixa-se perfeitamente na internet, pois o que temos nela é a multiplicidade de línguas, ou seja, de culturas. Lá (assim como *aqui*) não encontraremos uniformidade.

Podemos visualizar na contemporaneidade, por conseguinte, todo um movimento, incessante, contínuo, da procura do apagamento das marcas das diferenças em prol da construção de um mundo supostamente harmônico e que, por isso, busca minar e desativar o que difere, marcando com uma Identidade o que escorrega, burla, rompe, desenquadra, suja, destoa... das monstruosas jaulas dos contemporâneos parâmetros de normalidade que engessam os sujeitos, seus corpos, seu pensamento... Paradoxalmente, por outro lado, mostra-se movimentos de constante abertura à imprevisibilidade e, nesse escopo, creio que a internet configura-se, de modo geral, como uma multiplicadora invejável de visões de mundo, propiciando a construção de redes de pertencimento, expressão de

posicionamentos, crenças, valores..., ou seja, se constitui como uma grande vitrine das misérias e grandezas que nós, humanos, passamos. Assim, se Babel "aparece cada vez mais, com mais freqüência, para caracterizar o confuso mundo em que vivemos" (LARROSA; SKLIAR, 2001b, p.7), creio que podemos nomear os espaços internáuticos como a "babel eletrônica", como já foi referido, pois é um espaço em que, por podermos ser o que queremos ser, demonstram que "nossas idéias, nossas palavras e nossas experiências não podem ser senão babélicas" (idem, p. 9).

Com a internet, enfim, pessoas 'anônimas' passaram a tecer redes informativas. Algumas alimentando, sim, a ânsia, a necessidade contemporânea de entrar na vida 'alheia', de esgueirar-se para ver a banalização do cotidiano que acomete a todos nós (nos *blogs* vemos essa vida do outro, tão parecida com a da gente...), outros, partindo de enfoques diversos, mas nem por isso imunes a essa curiosidade suscitada pelo cotidiano alheio, constroem e participam de *blogs* – dentre os milhares existentes – que tratam de notícias, comportamentos, ensaios literários, etc., alimentando outras ânsias, outras necessidades e urgências[30]. Essa possibilidade, 'quase' sem limites[31], de fazer circular histórias a partir de ângulos tão diversos, vem sendo cada vez mais experimentada com os já mencionados serviços de comunicação como os *blogs*, *fotologs*, *orkut*. Através disso qualquer pessoa pode publicar o que quiser e, assim, fazer circular micro-histórias a partir de seus distintos pontos de vista, que não se vinculam a apenas um modo de ver os acontecimentos que estão nos acometendo. Como assinala Garbin (2001, p.43), "Antes da explosão da tecnologia digital, as palavras na conversação eram a principal janela cotidiana para se adquirir qualquer informação; depois apareceu o rádio, que foi favorito por muito tempo, seguido da televisão". O que podemos ver é que "Atualmente para um

---

[30] Interessante a referência que Schittine (2004) faz sobre a resistência dos *blogueiros* em narrar os seus *blogs* como diários virtuais. Pelos mesmos tratarem, em muitos casos, de assuntos amplos e diversos, creio que é difícil afirmar que *blogs* são, sempre, sinônimos de diários virtuais.

[31] Embora o ciberespaço tenha sido, por muito tempo, nomeado como 'terra de ninguém', o que vemos crescentemente é o poder público se interessando por esse terreno, criando novas formas de controle na Rede.

grande número de jovens do mundo inteiro, a 'janela' principal de acesso a informações é seu computador conectado à Internet" (ibidem). Pessoas que "preferem a comunicação recíproca ao estilo da Internet, ao contrário de uma comunicação unilateral própria da televisão que oferece a informação sem dar oportunidade de uma participação 'ativa' do público" (ibidem).

Se partirmos da premissa de que o que escrevemos na internet pode ser lido por milhares de pessoas, possibilitando a multiplicação das visões de mundo, os novos recursos técnicos que cada vez mais estão sendo criados vêm contribuindo imensamente para tanto – como os *blogs*, *wikis*[32], etc. –, já que construir e gerir regularmente um *site* requer muitos artifícios. Após as escolhas sobre o enfoque do *site*, necessita-se de conhecimentos acerca de algum dos programas destinados à confecção dos mesmos, tais como: *front page*, *dreamweaver,* entre outros. Para executá-los, obviamente, são necessárias várias habilidades que advém de um certo investimento pessoal para conhecer seus domínios, sendo capaz de executar eficazmente as suas demandas, como, inicialmente, o longo período de horas, dias, construindo tabelas, letreiros, digitando informações... Após, para alimentar o *site,* é preciso conectar-se a outras ferramentas, para enviar as atualizações ou modificações realizadas para a Rede. Um *blog*, ao contrário, requer muito pouco para elaborarmos, bastando seguir alguns passos que o próprio serviço de armazenamento fornece. Para atualizá-lo, por outro lado, basta nos dirigirmos ao endereço virtual do armazenador do *blog*, digitar o nosso nome de usuário, senha já criados, digitar o que desejamos, ou incluir algum *link* ou imagem e pronto! Teremos contribuído para a condição babélica do ciberespaço. Além disso, muitos *blogueiros* iniciantes, se querem modificar o visual do seu *blog*, encontram *sites* com os chamados *templates*[33], muitos gratuitos à sua escolha – os mais experientes aventuram-se a criar o seu próprio

---

[32] São softwares colaborativos em que os documentos podem ser editados de forma colaborativa e descentralizada. O exemplo mais comum é o *site wikipédia*: < http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal>.

visual personalizado. Ora, também essa facilidade, crescente, de acessar a internet e seus recursos para escrever seus pontos de vista, participam da 'liberação do pólo da emissão', relatado por Lemos (2003). Contribuindo, em suma, para a efetivação desse fenômeno da visibilização de si mesmo no ciberespaço. Evidenciando, por conseguinte, "um fenômeno muito complexo e rico, marcado pela variedade, a diversidade e as mudanças velozes, que se apresenta também como uma inovadora prática comunicativa e de criação intersubjetiva" (SIBILIA, 2003, p.145).

O imperativo da mobilidade – identidades e novas subjetividades

> As práticas contemporâneas ligadas às tecnologias da cibercultura têm configurado a cultura contemporânea como uma cultura da mobilidade. (LEMOS, 2006)

Se o estar 'em contato' é a base da internet, podemos considerar que as crianças e jovens com os quais convivemos nos mais variados espaços são sujeitos que emergiram numa nova configuração social e cultural – cabe salientar que outras gerações também podem estar se tornando sujeitos dessas novas configurações ao adotarem novos códigos. Mais especificamente, num contexto em que as novas tecnologias de comunicação e informação – não esquecendo que essa nomeação não dá conta das peculiaridades e hibridizações entre esses meios – vem tomando uma centralidade cada vez mais crescente para essas novíssimas gerações. Quando assinalo tais idéias, não me refiro apenas aos usos que os diferentes grupos vem mantendo com os celulares, as mais variadas ferramentas disponíveis para o uso *online* na internet, TV a cabo, *webcams*, câmeras digitais, etc., mas,

---

[33] Refere-se à apresentação, no caso, de *blogs*. No subcapítulo Enter, na parte III desse estudo, há uma

complementarmente, à interação estabelecida com esses meios que propicia, por sua vez, uma certa mobilidade não apenas espacialmente, mas psiquicamente. Configurando, portanto, novas tecnologias como produtoras de novos regimes existenciais, geradores de fluxos subjetivos radicalmente diferenciados dos experienciados pelas gerações anteriores, que não sofreram as incríveis mutações relativas aos processos de subjetivação contemporâneos.

Podemos salientar, nesse sentido, que "a popularização das tecnologias virtuais introduziu a mobilidade em todos os planos da experiência." (ALMEIDA; TRACY, 2003, p.33). Mobilidade que se efetiva em quase todos os aspectos da existência, mostrando-se na variedade de gostos, estilos, atividades, posicionamentos... que constituem os viventes desse tempo.

Ora, o que parece estar em evidência é o quanto a mobilidade traz consigo, por sua vez, a fluidez. Uma fluidez que desenraiza, desestabiliza e que, por isso, pode gerar o 'novo', o 'impensado', tornando possível um constante movimento de tornar-se-outro. Essa é, sem dúvida, *uma das possibilidades*. Umas das possibilidades àqueles que se movimentam em fluxos, ou melhor, constituem-se em fluxos, deixando que os acontecimentos produzam experiências – fluidez que, dentro do imperativo da mobilidade, não deixa de ter os seus percalços e problemas, como a geração de um sentir mais efêmero, instantâneo, deslocado das inúmeras urgências que nos acometem no cotidiano...

Essas questões remetem, inevitavelmente, às identidades e novas subjetividades que estão sendo construídas.

Sobre identidades...

---

imagem da página inicial de um *blog*. O *template* é o formato.

Duquesa Lilith, Rainha Margot, Sandy, Wanessa, Maria, Renato Russo e Jedi Hercules são alguns dos inúmeros, ou melhor, incontáveis perfis *fake* presentes no *orkut* – enquanto em *blogs* vemos muitos pseudônimos. É através de uma certa reinvenção identitária nesse ciberespaço específico que seus mantenedores potencializam o que intitulei, no capítulo anterior, d'O 'fenômeno' da visibilização de si mesmo no ciberespaço, ou seja, uma amostra crescente de si mesmo que tal espaço – com sua peculiar dinâmica e especificidade – propicia.

Garbin (2001), analisando processos identitários atrelados à música em *chats* de internet, identificou que os *nicknames* funcionam como marcadores cruciais de identidade. Acredito que os nomes adotados nos perfis *fake* também agem como marcadores identitários na medida em que eles 'falam', de certo modo, de relações de pertença que atravessam os sujeitos, tais como: gênero, nacionalidade, etnia, geração, entre outras marcas. É na forma de serem outros-de-si-mesmos que são construídos seus perfis *fake*, *nicknames*..., pois não é raro nos depararmos com pessoas que, admitindo tê-los, assumem que se posicionam diferentemente em cada um deles.

Através dessa reinvenção identitária – assumida na forma do "Vou ser de outro modo", "Vou assumir outra identidade, específica para esse lugar e esse momento" – indivíduos entram no fluxo de mostrarem sentimentos, percepções, gostos, desejos... que, se assumidos nas suas *personas* públicas, poderiam lhes causar constrangimentos.

Além disso, cabe salientar que as identidades constroem-se a partir dos olhares que lançamos sobre os outros, sobre nós mesmos e, ainda, a partir dos olhares que os outros nos lançam. Dessa maneira, os modos dos sujeitos se voltarem para os seus corpos relaciona-se, e.g., dentre outros aspectos, com a afirmação de que o modo como nós estamos sendo está relacionado com a imagem que os outros tem de nós, já que esses outros são de máxima importância para a nossa constituição – e é

por isso que escritas que 'dizem dos 'outros'' são tão dolorosas, já que são constituídas em relação a outras escritas e enunciações que 'dizem de si'. É assim que, como afirma Kehl:

> o espelho que importa, para o humano, é o olhar de um outro humano. A cultura contemporânea do narcisismo, ao remeter as pessoas continuamente a buscar o testemunho do espelho, não considera que o espelho do humano é, antes de mais nada, o olhar do semelhante. É o reconhecimento do outro que nos confirma que existimos e que somos (mais ou menos) os mesmos ao longo da vida, na medida em que as pessoas próximas continuam a nos devolver nossa "identidade" (2005).

Assim como o olhar e, por conseguinte, a aprovação de si no olhar do outro funciona como um modo de percebermos que estamos em consonância com o que esperam – e esperamos – de nós, os processos de identificação são, também, importantes balizadores das relações que mantemos. Nesse sentido, as discussões realizadas no âmbito dos Estudos Culturais contemporâneos que tratam das imbricações entre identidade e diferença tornam-se importante para o entendimento do quanto "O Eu e o Outro estão de fato tão entrelaçados que, para pararmos de falar n'eles', é preciso parar de falar de 'nós'" (RIGGINS, 1999, p. 6). Como aponta Gustafsson (1999, p. 125. Trad. minha):

> Não se dá a identidade [. . .] em si, senão em função da diferenciação frente a outros, os quais, por sua vez, adquirem identidade ao diferenciar-se dos demais. Porém, os sinais dessas diferenciações – língua, costumes, fisionomia, origem espacial, cosmovisão, etcétera – não adquirem sua significação senão na criação de imagens da identidade e alteridade, de uma consciência do mesmo e o outro.

Desse modo, podemos compreender as identidades – os modos pelos quais cada um dá sentido a si e aos diferentes grupos – como sendo produzidas através de processos de diferenciação, ativados no movimento de identificar-se e desidentificar-se frente aos outros. As identidades, como Hall (2002) afirma, são fabricadas através de discursos que atravessam os indivíduos convidando-os a ocuparem uma ou outra posição de sujeito.

Retomando Gustafsson (1999), que menciona os sinais das diferenciações, talvez possa chamar a atenção para o quanto o corpo vem sendo um importante sinal de diferenciação na contemporaneidade – corpo que assume seus significados através de processos que criam o 'outro' e o mesmo. E também, por outro lado, sinalizar que em meio aos processos constitutivos as escritas sobre si e sobre os 'outros' no ciberespaço, e.g., são constituidoras dos nossos 'eus' e, por conseguinte, estão no cerne do que estamos nos tornando.

Cabe salientar que quando utilizo o termo identidade(s), em minúsculo, refiro-me ao modo como a identidade vem sendo tratada nos Estudos Culturais contemporâneos, ou seja, como sendo móvel, transitória e produzida por intermédio de representações construídas através de embates de relações de poder que 'ganham', nessa disputa, o poder de construir certas representações sobre quem nós somos e como deveríamos ser, por exemplo. Ao utilizar o termo Identidade, em maiúsculo, por sua vez, refiro-me às marcas que esse termo traz consigo, tendo sido, por muito tempo (para alguns indivíduos e perspectivas teóricas), posto como a 'verdade' sobre os indivíduos, encarnando aquilo que os sujeitos seriam, de fato, uma vez por todas e para sempre, já que eram postas como estáveis e fixas. Ao tratar da questão das diferenças na cultura contemporânea essa distinção, mesmo que não dê conta da complexidade teórica que envolve essas distinções e escolhas, torna-se importante devido ao fato de que falar da produção das diferenças é falar dos embates entre alteridades e os mesmos, ou seja, aqueles à semelhança da Identidade, do que é Uno. Reitero, ainda, que tal distinção me parece pertinente, principalmente levando em consideração a distinção entre Cultura e culturas que Veiga-Neto (2003) também construiu e operacionalizou em seu artigo, dotando de significados distintos cada um dos termos.

Sobre subjetividades...

O nosso 'eu' é sempre temporário porque está em constante transformação. Isso se dá porque somos alvo de um intenso arsenal de técnicas, estratégias, métodos... que são acionados para efetivar a transformação do nosso eu, realizando um direcionamento da nossa vida interior. Processos de subjetivação tem a ver, portanto, com a produção de sujeitos.

As nossas respostas aos apelos e chamados que a cultura nos oferece, através das transformações que realizamos em nós para responder a estas demandas são os processos de subjetivação. Ora, para citar um exemplo mais 'concreto', cito processos de subjetivação que se dão através de discursos sobre o corpo disseminado por diferentes áreas do conhecimento. Imaginemos, nesse sentido, alguns dos discursos da área da saúde, o qual refere, reiteradamente, que "Ser gordo não é saudável" ou "Cuide-se, se alimente corretamente, faça exercícios físicos diariamente", entre outros enunciados. Processos de subjetivação ocorrem quando eu – ou cada sujeito em particular – responder afirmativamente a estes enunciados, operando sobre mim mesma para ser mais saudável, realizar exercícios, etc., mesmo que se isso não se efetive na prática, visto que é a minha (a nossa) 'filiação' a esse modo de pensar.

As relações de poder são algo que, então, atravessam as subjetividades, pois envolve a forma como somos governados e como aprendemos a nos governar. Subjetivação, então, como as ações que realizamos sobre a nossa 'alma', envolvendo relações de poder que transformam o nosso jeito de ser através de constantes avaliações e comparações que, urdidas na cultura, nos apontam modos 'desejáveis' de ser. Como exemplifica Corazza (2002, p. 63):

> A subjetivação é a relação consigo que renasce sempre, em vários lugares e sob múltiplas formas. Afetando a si, a fórmula geral da subjetivação consiste em produzir efeitos sobre si mesmo/a. Estes efeitos não são reflexos passivos das experiências humanas, mas têm, articulados aos códigos morais, uma eficácia constitutiva, subjetivadora e de governo.
> Os indivíduos são a matéria sobre a qual se realiza o trabalho de subjetivação. Eles não são "nada" sem a forma na qual a experiência ética os modela, e não têm verdadeiramente "ser" independente deste

> trabalho de subjetivação. Há sujeitos porque certo tipo de relação com o si-mesmo foi constituído em uma cultura, e também porque os indivíduos prestam a si uma determinada forma de atenção, nela reconhecendo-se como sujeitos.

Por fim, cabe frisar o quanto a mobilidade experienciada no ciberespaço pode proporcionar identificações aceleradas, constantes, produzindo volatilidades subjetivas.

Gramáticas afetivas no contemporâneo

Parece-me oportuno perguntar: que imagens de si e do 'outro' estão invadindo a cena pública, nos constituindo? De que modos essas imagens entrelaçam-se, configurando-se como um produtivo arsenal para a efetivação de modos de produzir a si e aos 'outros'? Fico à vontade para deixar que as indagações expostas produzam ressonâncias, pois, como sugere Grün (2005), trata-se de uma "atitude científica de 'instauração da dúvida'" (p.141).

O título desse capítulo endereça, por sua vez, ao estudo de alguns elementos/discussões que servem para pensar nos modos pelos quais estamos sendo afetados pelo que nos acontece, nos envolve. O que importa é, pois, trazer à discussão, de uma forma ampliada, elementos outros, que ora articulados, ora não, estão nos fazendo sujeitos desses tempos. O que trago, então, são três elementos, quais sejam: a) relações com o outro a partir da hospitalidade condicional e incondicional; b) a amizade como possibilidade outra de reinventar a si em relação a um outro; c) deslocamento de questões de suma importância do espaço público para o privado e vice-versa.

No texto *Sujeitos e subjetividade na contemporaneidade: reflexões sobre o anestesiante espetáculo da diferença*, Luís Antônio Baptista (2000) nos traz reflexões do filósofo Karel Kosik, que considera a personagem Grete Samsa, irmã do homem

transformado em barata no livro *A Metamorfose*, de Kafka, como a personagem emblemática do final do século XX; representante dos sujeitos contemporâneos, onde suas dores restringem-se ao despolitizado âmbito familiar. O drama de Antígona, por sua vez, representaria uma forma de luta ao poder político e pode ser evocada, segundo o autor, para mostrar a indissociação dos seus sofrimentos 'individuais', que são também sofrimentos da *polis*. Como Baptista argumenta: "Da dor perpassada pelo desejo enfrentando a tirania convivemos na contemporaneidade com dores localizadas, sem enfrentamentos com as cidades, particulares, anestesiadas pela eficácia do esquecimento" (idem, p.56-57). Podemos pensar, dentro desse contexto, o quanto somos afetados pelas outras existências que nos rodeiam. E, inclusive: com que intensidade as outras existências nos afetam? Como nomeamos o 'outro' no espaço do nosso pensamento?

Centro-me, portanto, nos modos como estamos conduzindo as nossas vidas, fechados que estamos na esfera do privado e nas incessantes voltas que fazemos sobre nós mesmos, esse 'outro' a quem temos contato quase que diariamente vai perdendo a capacidade de nos perturbar, de fazer com que a gente os olhe dentro da nossa responsabilidade ética de indagarmos o humano que estamos sendo, hoje, e que está eticamente indissociável do 'outro' que está ao nosso redor. Responsabilidade que impossibilita separarmos aquela famosa pergunta "o que estamos fazendo de nós mesmos?" da pergunta "o que estamos fazendo com os 'outros'?"

O conceito de hospitalidade, entendido como "o nome geral para todas nossas relações com o outro" (DERRIDA (1997) *apud* ORTEGA, 2002a, p.20), pode ser trazido aqui para fazermos uma relação com a afetivação e desafetivação das nossas relações com os 'outros'. As práticas desafetivadas podem aproximar-se da hospitalidade condicional, que está condicionada a pactos, contratos ou alianças que tendem a tornar o outro um semelhante ou igual a mim, assimilando-o. O excerto a

seguir, extraído da comunidade *Eu odeio gordas que se acham*, corrobora o que estou expondo:

> **Tópico:** ***Odeio Gordas que humilham os magros***
>
> **Ana Carolina** 27/4/2005 11:54 Ai... Não falo nada... Se jogar no chão e se contorcer de tanto rir é uma boa coisa quando as gordas decidem nos criticar... tsc tsc *Primeiro ela emagrece, depois some uns 3 anos pra que ninguém lembre que ela era gorda, aí sim ela pode zuar quem ela quiser...* (Grifos meus)

Se considerarmos que estamos enredados numa sociedade que vem alçando cada vez mais a questão das diferenças como um imperativo a ser pensado, aceitado e tolerado – como se, para existir, esse 'outro' precisasse de nosso 'consentimento' –, podemos pensar o quanto tanto as práticas de inclusão dos ditos deficientes na escola quanto os efeitos do discurso do politicamente correto, e.g., baseiam-se na tentativa de transformar o 'outro' em mesmo, sujeito fabricado tendo uma Identidade como referência, a dos ditos 'normais'. Sobre a tolerância, cabe destacar o que segue:

> **Tópico:** ***Vcs são um absurdo!!! São escrotos...***
>
> **Luis** 26/6/2005 10:32 *nao vejo como preconceito, eu tenho todo o direito d nao gostar e expressar isso, nao sou obrigado a fingir q gosto, apenas tolero* e nao saio por ai dizendo na q nao gosto delas q se acham. foi por isso q entrei na comunidade e se quem nao gosta dos nossos pensamentos, q crie uma comunidade soh para vcs e ai via uma ideia para o nome: "odeio quem odeia gordas q se acham". sendo assim, criem a comunidade e deixem de vir fazer gracinhas aki como se vcs fossem gostassem de tudo, e tenho dito[34]. (Grifos meus).

A tolerância traz, assim, os seus próprios limites, pois não desestabiliza a supremacia do mesmo, não questiona o que estamos nos tornando, não desloca o problema da diferença do 'outro' para o 'nós', ou seja, não se centra numa possível e necessária desestabilização da normalidade que, como sabemos, é fabricada, inventada. Nesse sentido, e considerando que há uma valorização constante das Identidades-referências, o sujeito nomeado como 'diferente' é posto como um ser que invade o 'meu' espaço, me inquieta, perturba, mas como sou 'eu' quem fabrico as leis da hospitalidade, posso integrá-lo a uma organização plenamente codificada, "suprimindo a sua singularidade, a sua alteridade" (ORTEGA, 2002a, p.19).

---

[34] Comunidade *Eu odeio gordas que se acham*.

Nesse sentido, lembro que numa das minhas observações em escolas públicas, no decorrer do curso de graduação em Pedagogia, visitei uma turma de primeira série em que havia uma menina com 'deficiência visual' que sentava num canto da sala de aula, fazendo a sua tarefa solitariamente (o material era preparado por outra professora que fora contratada especificamente para auxiliar no processo de integração desses alunos na escola em questão). Ora ou outra, entretanto, ela era importunada por alguns colegas que colocavam algum material na frente dela e pediam para que ela os lesse, ou gritavam em seus ouvidos, entre outras coisas. Essa situação me parece pertinente para exemplificar essa hospitalidade condicional, em que esse 'outro' é reduzido a um Eu, pois, de certo modo, há um contrato já pré-estabelecido através dessa tentativa de integração que tende a assimilar o 'outro', inserindo-o dentro desse espaço específico para que, de certa maneira, seja 'civilizado' a partir dos imperativos dos 'normais' – e foi o que visualizei nesse caso em especial, pois as tarefas, a convivência no ambiente em sala de aula, não envolvia essa aluna, que ficava à margem.

Também destaco o seguinte fragmento de diálogo da telenovela *Coração de Estudante*, exibida em 2002 pela Rede Globo de Televisão: *Os pais ficam preocupados com a entrada de um aluno com síndrome de Down, mas a aula não irá mais devagar ou mais rápido porque tem um aluno com síndrome de Down, e a integração é boa para as crianças crescerem sem preconceito*[35]. Quando ouvimos exposições desse tipo podemos compreender que se está dizendo que é esse 'outro' que vai ter que se adequar ao espaço escola, pois essa não vai ser repensada a partir desses sujeitos. Como assinala Derrida ((1997) *apud* ORTEGA, 2002a, p.19):

> O outro deve ser protegido ou acolhido no meu espaço, eu devo tentar abrir meu espaço sem tentar incluir o outro no meu espaço.

[35] Tal fragmento sinaliza uma conversa travada entre uma professora das séries iniciais do Ensino Fundamental e um pai, o qual questionava sobre a presença de um menino com *Síndrome de Down* na sala de aula de seu filho. Acompanhei – enquanto bolsista de iniciação científica – tal artefato no decorrer do projeto *O Magistério na mídia televisiva* (concluído em 2003), coordenado pela Prof.ª Dr.ª Marisa Vorraber Costa, e realizado com o apoio do CNPq.

> Isso seria demandar que ele ou ela aprendam minha língua, ou adotem minha religião, ou se tornem inglês ou francês. Hoje, por exemplo, essa é a condição, esse é o discurso de esquerda, o discurso de esquerda predominante: 'somos hospitaleiros para com os imigrantes na medida em que se tornem cidadãos franceses, respeitem o secularismo, aprendam a língua francesa'.

Assimilação, fixação na diferença, localizando-a "num simples ventríloquo da nossa mesmidade" (SKLIAR, 2003b), pois mesmo quando se diz que se está respeitando, autorizando, tolerando, atentando para a diversidade existente, vivendo num 'lindo e feliz' caldeirão cultural, mesmo afirmando "que estamos frente a frente com um novo sujeito" (ibidem), precisamos atentar que estamos frente a frente "com um novo sujeito da mesmidade. Porque se multiplicam suas identidades a partir de unidades já conhecidas; se repetem exageradamente os nomes sobre nomes já pronunciados; são autorizados, respeitados, aceitos, tolerados apenas uns poucos fragmentos ordenados da alma" (ibidem).

Ou, referindo-se às 'gordas', a maioria das escritas analisadas em comunidades demonstram que são elas que devem se modificar, emagrecendo para serem aceitas na esfera social, como salienta Alexandre: Só digo uma coisa: se querem ficar bonitas, que emagreçam, oras[36]!

As práticas afetivadas, por sua vez, enquanto práticas que não busquem reduzir o 'outro' a um Eu, podem ser relacionadas com o conceito de hospitalidade incondicional, onde acolho o outro enquanto outro, potencializando a criação de novos modos de ser-consigo-mesmo e ser-com-os-outros, pois "A hospitalidade [. . .] deve ser reinventada a cada segundo, ela é alguma coisa sem uma regra pré-determinada" (DERRIDA (1997) *apud* ORTEGA, 2002a, p.20). E a possibilidade de relações que gere afetivações frente a alteridade é um modo de nos relacionarmos com o 'outro' que deve ser cotidianamente reinventada, repensada, vivida, sem regras pré-determinadas ou códigos restritos. Essa afetivação com o 'outro', relação que busque uma certa *abertura do coração* frente outras existências, relaciona-se com a

confiança que podemos encontrar numa amizade efetiva e afetiva. Resta, como simples mortais que somos, desprendermo-nos de nossos pudores, dores, amarras, para nos atirarmos a essa relação com o outro que pode servir para nos deslocar do modo como estamos sendo humanos nestes tempos.

Sobre essa questão, é visível em algumas comunidades do *orkut* que gravitam sobre o ódio, pessoas adentrarem nesse espaço para problematizar as sentenças que tratam de forma cruel aqueles que são identificados como 'diferentes'. Exemplo disso a seguir:

> **Tópico:** ***O que é isso?***
>
> **Duquesa Lilith** O que é isso? 25/5/2005 20:13 Sinceramente, pessoas como vcs denigrem ainda mais a imagem do ser humano. So por que outra pessoa é diferente vcs odeiam ela? Se elas estão felizes como são quem são vcs para dizer a ou b sobre ela? Sinto dó de vcs.

Para trazer à baila mais alguns elementos, utilizo-me do conceito de amizade, trabalhado por Ortega (2002a) – inspirado em Foucault –, pois esse serve para pensar nos modos com que estamos nos relacionando conosco e com as demais pessoas, fazendo "parte das redes de sociabilidade e convivialidade que liga[. . .] os indivíduos entre si" (idem, p.15). Importante salientar que o referido autor trabalha sobre a temática da amizade propondo-se fazer uma abordagem histórico-genealógica, analisando os discursos e práticas sociais que vem produzindo a amizade desde a Antiguidade greco-romana até o século XX; desobedecendo a práticas engessadas e trajetórias contínuas, modificando-se com o tempo e contextos específicos. Suas manifestações são, portanto, múltiplas, inclusive na contemporaneidade.

Se, para Foucault, umas das formas de luta mais importantes em nosso século seriam aquelas direcionadas contra as nossas próprias sujeições, evidenciando uma nova política, suspendendo, inclusive, os modos com que estamos nos tornando sujeitos em espaços-tempos específicos, a amizade torna-se um ativador de explosões

---

[36] Comunidade *Eu odeio gordas que se acham*, no tópico *Coisa sem sentido: moda para as gordas.*

contra as 'tiranias das estruturas Identitárias' que reforçam localizações fixas e específicas aos sujeitos, investindo-os com uma certa arrogância e desprezo frente aos que não compartilham dessas mesmas estruturas. Vale lembrar: "No pensamento da hospitalidade a questão do nome é fundamental, demandar o nome, supõe atribuir uma identidade e uma responsabilidade ao estrangeiro [. . .]. O outro sem nome é excluído do abraço da xênia". (ORTEGA, 2002a, p.20). Demandar o nome é trazer esse 'outro' para perto de mim, tornando-o um outro eu, com o qual olhando me vejo refletido nesse outro-mesmo, não outro-alteridade. Durante o decorrer da história da amizade, aprendemos que ela foi, por muito tempo, nomeada como sendo um momento de simbiose perfeita.

A amizade, aliada ao conceito de hospitalidade incondicional, então, pode nos fazer vê-la como possibilidades de desembocamento de diferenciadas estratégias para a construção de novas subjetividades, subjetividades que venham a transgredir os modelos expostos para nós. A amizade pode ser, assim, o ápice da criação de novos modos de vida, escolhas de existência... condições criadoras para novas subjetividades. Amigos não se transformando em um único Eu – num processo simbiótico –, portanto, mas colhendo as dádivas de serem dois, de serem múltiplos, abrindo-se ao devir... Podemos entendê-la, portanto, como uma experimentação de múltiplas formas de vida que se oponham ao mesmo, bem como existências que podem ser estilizadas a partir da relação com o outro. Relações que se abririam para o novo, para que os sujeitos adotassem novos, mesmo que provisórios, posicionamentos. A amizade pode ser vista como um modo de cuidar de si, de inquietar-se frente as discursividades de sua época, junto com a relação a um outro. Encontraríamos, assim, possibilidades de invenção de outros modos de relação consigo e com os outros...

Na entrevista *Da amizade como modo de vida*, Foucault (2005) relata a questão de que na "guerra de 14, os homens viviam completamente juntos, uns sobre aos outros, e, para eles isso não era nada". Foucault traz a idéia de que o que faz as

pessoas suportarem essas sanguinárias guerras, onde ficam meses e meses, apartados, separados, pensando mais na morte do que na vida, talvez seria, segundo ele, um *tecido afetivo*. Esse elo, laço, que os uniria e os faria amar uns aos outros. "Não quero dizer que era porque eles estavam amando uns aos outros que continuavam combatendo. Mas a honra, a coragem, a dignidade, o sacrifício, sair da trincheira com o companheiro, diante do companheiro, isso implicava uma trama afetiva muito intensa" (idem). Construir novos elos entre os sujeitos, explorar o que de genuíno e emocionante pode existir no prazer de estar junto, em convivência, no olhar generoso sobre o outro que é de máxima importância para o mundo, para o que cada um de nós está se tornando, para o que queremos e damos valor nestes tempos. Mesmo que tal posicionamento, modo de se portar no mundo e com os outros, seja difícil de ser valorizado num entorno em que as condições são para que valorizemos cada vez mais aspectos relacionados ao consumo de objetos, de identidades – ou mesmo o que Ortega salienta (2000, 2002a), de que estamos nos fechando em nossas relações privadas, seja através do fechamento nesse aspecto específico, ou mesmo através da colonização da esfera pública através das questões de ordem mais privada –, acredito na importância da retomada de algo que não está perdido, que não está esquecido, e que pode ser reavivado a cada dia, a cada instante, que é esse laço de afeto, o tecido afetivo ao qual Foucault (2005) salientava anteriormente.

Os afetos – enquanto "investimentos, vivências, paixões, experiências" (ARFUCH, 2005, p.13. Trad. minha) – nos fazem ser sujeitos contemporâneos de tempos e espaços específicos, construindo-os a partir de urgências que nos interpelam no presente. Relacionando essas questões com as possibilidades de afetar-se com os outros através da amizade no contemporâneo, vemos o quanto diferentes modificações vêm deslocando a amizade do espaço público para o privado. Tais modificações constituem-se como condição de possibilidade para que a nossa sensibilidade, assim como os modos de nos inquietarmos frentes as barbáries cotidianas que vem sendo realizadas, sejam postos, também, para o domínio da

esfera privada, diminuindo as manifestações de apreço, dedicação e carinho aos outros na esfera pública.

Assim como Deus parece total demais frente à nossa pequenez[37], creio que outras imagens tornaram-se tão fortes em nosso imaginário que exigem uma resistência quase que sobre-humana para criarmos o novo, o impensado, o que difere nas relações que mantemos. É o que Ortega ressalta: "a pobreza, que nossas formas de sociabilidade e de relacionamento testemunham, se deve principalmente a nos encontrarmos presos a um imaginário que determina nossa[s] forma[s] de interagir afetivamente, seja no amor ou na amizade" (2000, p.11-12). São imagens que se tornaram dominantes produzindo sentimentos, ações, relações consigo... baseadas em banalidades e clichês que estão balizando, em suma, as nossas vidas.

Dentre tantas imagens que aparecem como 'total demais', é forte a de que é através da publicização da nossa vida pessoal no espaço público que nos realizamos enquanto seres humanos, contribuindo para que sejam trazidas para esse espaço as questões que outrora eram destinadas ao espaço privado. Esse movimento – que torna difícil a distinção entre espaços públicos e privados – traz consigo a despolitização, no sentido de esvaziamento do espaço público que é, para Hannnah Arendt, o espaço político *par excellence* (ORTEGA, 2000).

Espaço público que se caracterizaria como um espaço compartilhado, onde questões de extrema importância política, como as misérias de toda ordem que acometem milhões de humanos mundo afora, e.g., não tornar-se-iam problemas individuais, isolados, mas questões coletivas. (Des)humanos mundos. Isso porque, nessa necessidade incessante de colonizar o espaço público com questões que envolvem interesses estritamente pessoais e, por isso, referem-se a um 'eu' dissociado, muitas vezes, das demais pessoas, vamos privatizando os espaços públicos para que respondam a urgências que são pessoais, tais como aparecer na

tela da televisão para se fazer existir, de algum modo, ou tornar como debate público, nacional, a exclusão semanal no sétimo *Big Brother Brasil*[38]. Esse deslocamento crescente das questões do âmbito privado para o público proporciona, por sua vez, o esvaziamento de outros debates, que seriam de ordem mais coletiva, impossibilitando, assim, discussões que poderiam estar sendo compartilhadas num espaço onde o sofrimento do outro se torna sofrimento não mais individual, mas sofrimento coletivo, já que o outro é *responsabilidade* nossa, é *compromisso* que assumimos ao irromper nesse mundo. Se o que desejamos ver no espaço público, por exemplo, num *blog* ou numa comunidade do *orkut*, é a repetição do que somos, do que pensamos, esse processo vai minando as relações de alteridade. Essas questões trazem, em suma, a nossa incapacidade de criar relações outras, ou mesmo o medo diante do que desconhecemos, medo de irromper o novo onde o que transparece é o que há tempos já vivenciamos e construímos.

Se o que vemos e queremos ver no espaço público em geral e no espaço público da Rede é um outro 'próximo', porque parecido com nós, sugerindo um processo de identificação propiciada nesse movimento, então que *atenção* damos a esses outros que adentram em nossas vidas, movimentando as imagens que vemos? Que *compromissos* assumimos nesse tempo em que o que reveste-se como mais importante e belo a ser conquistado é uma nova roupa, a última novidade cosmética, o carro recém lançado, ou uma nova tendência corporal? O que toca, afeta a nossa existência nesse tempo do Deus-mercado? Se algo nos toca, quais movimentos são possíveis de serem realizados nesse, talvez ínfimo, instante de abertura à alteridade? São questões que trago, aqui, para inquietar, pois venho aprendendo que talvez o

---

[37] "E Deus é uma criação monstruosa. Eu tenho medo de Deus porque ele é total demais para o meu tamanho" (LISPECTOR, 1973, p. 111).

[38] Programa televisivo que teve sua primeira edição no Brasil em 2002, na Rede Globo de Televisão, e que consiste em trancafiar numa casa repleta de câmeras de vídeo pessoas que, a cada semana, poderão ser eliminadas do programa. O vencedor do programa, no final, ganha um prêmio em dinheiro.

mais importante seja multiplicar as perguntas para, assim, abrir novos caminhos a serem trilhados.

Essas questões correspondem, ainda, a um dos principais interesses que estão compondo as existências humanas, ou seja, a necessidade de satisfações contínuas associadas ao consumo de objetos e identidades, assim como a crescente necessidade de exposição da intimidade que traz, consigo, o esmaecimento das distinções entre a esfera pública e a privada.

Se Arendt vê a "política como acontecimento e começo, como interrupção de processos automáticos" (ORTEGA, 2000, p.22) é porque é aí, no espaço público, que os seres humanos podem agir – que é "começar, experimentar, criar algo novo" (idem, p.23) – e não simplesmente comportar-se, ou seja, seguir os processos automáticos uma vez que "só se podem formar opiniões em um processo de discussão pública, que garanta e fomente os seus intercâmbios" (idem., p.18). Assim, o movimento a que assistimos na atualidade, de decomposição da esfera pública deve-se não apenas ao movimento direcionado para a família, mas, além disso, porque o espaço público está se configurando como uma extensão do espaço privado, já que este último está se despolitizando duplamente: pelo movimento para as famílias e, por outro lado, pela colonização do espaço público por questões que seriam da ordem privada uma vez que não se entrelaçam com questões de outras ordens exprimindo, como foi ressaltado, um mero comportar-se. O que inquieta é que esse crescente encharcamento de questões privadas na cena pública traz consigo o silenciamento de outras vozes que não adentram na esfera pública. E, quando adentram, são passagens meteóricas, abafadas diante da montanha de mesmos que estampam as capas e páginas das revistas, jornais, os programas midiáticos, etc.

> **Tópico:** ***O que vcs dizem da Preta Gil ?***
>
> **||::Ferzinha::||** 31/12/2005 04:13 eu adoroo a preta... tipo ela é uma heroina pra mim... Ela é determinada e talz, e num tem medo de nd... ahhhh num adianta eu amooo ela Qd ela ia em programas e talz e falava em auto aceitação eu sentia q ela falava aquilo pra mim.. tipo como adolescente é foda crescer com tds esses

> padrões e essa neura por imagem... Qts garotas começam a ter bulimia com 13 anos... eh foda

Acima vemos uma escrita endereçada à artista Preta Gil, que é alvo de inúmeras comunidades do tipo 'eu odeio gordas' (em várias visualizei tópicos discutindo o que pensam dela). Trago esse excerto para demonstrar a importância de adentrar no espaço público a multiplicidade que compõe as sociedades para que, assim, os diferentes sujeitos tenham com quem se identificar, possibilitando o desembocamento crescente de outras imagens e vozes na esfera pública.

Além disso, as relações entre espaço público e privado estão ligadas às transformações sociais e culturais que vem ocorrendo, sem dúvida, mas que se acirra com a efetiva centralidade das questões relacionadas as vidas singulares – "para os antigos e medievais o privado *par excellence*" (ARENDT, 1987, *apud* ORTEGA, 2002a, p.103) –, que colonizaram, de vez, a esfera pública. Segundo Ortega:

> Philippe Ariès aponta como, no que concerne às mudanças na vida privada, o período compreendido entre o fim da Idade Média e o século XIX representa a passagem de uma sociedade na qual o indivíduo se encontrava imerso numa rede de solidariedades coletivas, feudais e comunitárias num mundo sem distinção entre público e privado, para uma sociedade que separa público e privado e na qual a família monopoliza a esfera privada (2002, p.106-107).

Nesse sentido, creio que pode ser elucidativo pensarmos o quanto as relações de afeto, apreço, estão deslocando-se do espaço público para o privado, centrando-se na família e, no limite, relacionando-se a sujeitos que 'conhecemos', que sabemos o nome, numa alusão as relações estabelecidas a partir da hospitalidade condicional.

No livro *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*, Derrida (2003), discutindo a questão da hospitalidade em relação com as novas *teletecnologias*, também discute as transformações ocorridas na estrutura do espaço público. Para ele, o Estado cada vez mais intervém no espaço privado, seja través das escutas telefônicas, a interceptação de *e-mails*, conversas na Rede, fax, entre outros

serviços, causando uma sensação de insegurança que dificulta as relações de hospitalidade. Se o que torna possível a hospitalidade é o lar, com um Estado cada vez mais vigilante e interferindo, como ficam essas relações? Assim:

> A hospitalidade consiste em interrogar quem chega? [. . .] Ou será que a hospitalidade começa pela acolhida inquestionável, num duplo apagamento, o apagamento da questão *e* do nome? É mais justo e mais amável perguntar ou não perguntar? [. . .] Ou a hospitalidade se *torna*, se *dá* ao outro antes que ele se identifique, antes mesmo que ele seja (posto ou suposto como tal) sujeito, sujeito de direito e sujeito nominável por seu nome de família, etc.? (DERRIDA, 2003, p.25-27, grifos do autor).

A presente sensação de insegurança e desconfiança tende a fortalecer relações de hospitalidade *hostis*. Afinal, quem deixaremos adentrar em nosso *chez-soi*[39] se o que se reveste de mais importante é interrogar o nome de quem vem, de quem chega? Apaga-se, nesse processo, a acolhida, que é a base mesma da hospitalidade.

Derrida (2003) ainda argumenta que quando um Estado ou alguma outra autoridade pública se vê no direito de vigiar, controlar, interditar relações de trocas que, mesmo privadas, atravessam o espaço público, a hospitalidade se encontra perturbada. Podemos lembrar, aqui, dos Estados Unidos e das práticas cada vez maiores de controle e vigilância, e do quanto esse país (assim como outros) vem sendo eficaz em inventar estratégias de prevenção a ataques terroristas que torna árabes, latinos e outras etnias como principais suspeitos num Estado em que reina o medo e a insegurança. O caso do brasileiro Jean Charles, assassinado por policiais britânicos no metrô de Londres, demonstra o quanto certas nações estão criando a imagem dos seus inimigos a partir de certas características físicas que apontam para

---

[39] "*Chez-soi* significa domicílio pessoal (com valor afetivo), lar, casa. *Chez* é o que está numa pessoa, no espírito de, no caráter de, e vem do latim 'casa' por meios de *chies* e *chiese*. Mas em Derrida, muitas vezes, *chez-soi* vai além de lar, casa ou moradia, justamente por esse pronome pessoal reflexivo *soi* não ser somente o nosso *si* (*em si, consigo*), mas ganhar uma equivalência a *ça*, não *isso* e *aquilo*, mas a tradução francesa do alemão *Es*, em oposição a *Ich* (*eu*), ou seja, *id*." (DERRIDA, 2003, p.80). O tradutor da obra em questão resolveu manter o termo *chez-soi* por não haver equivalente em português.

os grupos simbolicamente minoritários dentro dessas sociedades. Assim, como assinala Ortega (2002a), "A imagem do inimigo é parte constituinte das representações coletivas, por meio das quais os grupos sociais se constituem" (p.77) e o conflito, como o exemplo exposto demonstra, não dissocia apenas, mas também reúne e contribui para compor a identidade de um determinado grupo, reagrupando-o. Nesse processo o outro se torna suspeito e, nesse contexto, oferecer hospitalidade vai sendo cada vez mais difícil, pois alguns sujeitos, dependendo de sua etnia, práticas e marcas culturais, vão tornando-se, cada vez mais, o 'refugo' dessas sociedades. E para esses bárbaros contemporâneos o *chez-soi* não está disponível, eles não são reconhecidos como sujeitos de direito à hospitalidade e sim estrangeiros num entorno que os segrega.

> Por todo lado onde o "em-casa" é violado, por todo lado em que uma violação é sentida como tal, pode-se prever uma reação privatizante, seja familista, seja, ampliando-se o círculo, etnocêntrica e nacionalista, portanto virtualmente xenófoba: não dirigida contra o estrangeiro enquanto tal, mas, paradoxalmente, contra o poderio técnico anônimo (estrangeiro à língua ou religião, tanto quanto à família ou à nação) que ameaça, junto com o "em-casa", as condições tradicionais de hospitalidade (DERRIDA, 2003, p.47).

Quando falamos em voltar nossa *atenção* ao outro que nos espreita, isso exige, de certo modo, um desprender-se de um contexto social que tende a nos exigir a busca de respostas sobre o outro, barrando as perguntas do outro, como escreve Derrida (2003). As perguntas advindas do outro são importantes porque nos inquietam frente a nossa rigidez identitária, proporcionando um deslocamento desse encarceramento crescente dos sujeitos na sua Identidade, vendo com suspeita o outro que chega. Sem dúvida, frente ao contexto exposto, as condições de hospitalidade ficam comprometidas. Um motivo extra para que haja "o encontro e o convívio com novos indivíduos, o desafio do outro, do estranho e desconhecido, sem medo nem desconfiança, como uma forma de sacudir formas fixas de sociabilidade, de viver no presente e de redescrever nossa subjetividade, de recriar o *amor mundi* e reinventar a amizade" (ORTEGA, 2000, p.32, grifos do autor).

Tendo argumentado sobre algumas das relações que os sujeitos estão estabelecendo consigo e com os outros contemporaneamente, sigo essas discussões relacionando-as com a centralidade com que o corpo vem se fazendo presente na vida de habitantes da cibercultura.

Parte II

CONTEMPORÂNEOS MODOS DE PRODUZIR A SI E AOS 'OUTROS'

Corpos e diferenças em co-afetação

Pretendo argumentar, neste capítulo, que a centralidade do culto ao corpo instaura modos específicos das pessoas lidarem, cuidarem, adularem, venerarem e se relacionarem com os seus corpos. Essa condição aumenta proporcionalmente, por sua vez, os sentimentos e reações de ódio, desprezo, crueldade, humilhação e hostilidade àqueles que, através dos seus corpos, parecem demonstrar menores submetimentos aos investimentos de discursos normativos – como os sujeitos 'gordos', ou aqueles que mostram, na superfície de sua pele, modos outros de se posicionar e viver, e mesmo as pessoas que se desviam dos imperativos da vaidade, da beleza, da moda, dentre outros. Nesse sentido, creio ser possível delinear um 'elo' entre os modos pelos quais cada sujeito se vê, se cuida, e, conseqüentemente, os modos pelos quais esses indivíduos vêem os 'outros', os quais muitas vezes são narrados de modos depreciativos, visando a sua 'diminuição' frente aos adeptos dos contemporâneos parâmetros de normalidade.

Para tal, trago, a seguir, os subcapítulos *A incessante invenção dos corpos em variados espaços* e *O corpo como o lugar privilegiado do cuidado do 'eu' na atualidade,* na qual a tentativa é articular alguns 'elos' dos afetos que nos compõem.

A incessante invenção dos corpos em variados espaços

O uso do termo 'invenção' possibilita referir-me à não naturalidade dos modos pelos quais pensamos, agimos, sentimos, enfim, da pessoa que estamos sendo hoje. Afinal, aprendemos através da perspectiva pós-estruturalista que somos sujeitos produzidos nas tramas da linguagem, da cultura, e em meio a relações de poder. Não somos, portanto, sujeitos fixados em nossas estruturas biológicas – atualmente tão constantemente modificadas através das biotecnologias, pelas transformações corporais... – ou mesmo sujeitos fixados ao particularismo comunitário que nos nomearia/definiria/fixaria como integrantes de uma cultura local, estanque, fechada em si mesma... Falar dos corpos como inventados em espaços – não entendidos apenas como espaços físicos, mas como os múltiplos significados que, em circulação nesses espaços, tornam possível que esses produzam, 'instituam'... – me possibilita abrir as possibilidades do que compreendemos como corpo. A esse respeito, valho-me das palavras de Goellner (2003, p. 29):

> Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas.

Esse entendimento de corpo possibilita-me articular com a idéia de que nossos corpos são produzidos, fabricados, e tem significados distintos nas diferentes sociedades em que está presente. Ora, se o corpo fosse apenas esse 'algo' sobre o qual nascemos, teríamos, nas diferentes sociedades, os mesmos significados e usos sobre ele. É, portanto, pelo corpo estar amarrado na cultura, nos espaços específicos em

que vive/circula, que podemos dizer que ele é produzido. Corpo(s) produzido(s) e que, inclusive, produz(em). Através das inúmeras e cotidianas batalhas culturais travadas para nomear, definir, 'instituir' os corpos a serem valorizados ou desvalorizados, produz-se valores e sentidos diferenciados aos mesmos, fabricando fronteiras, limites, diferenciações.

Quando falo em corpo, ou mesmo quando falo em sujeito, não estou ancorada nos saberes que desassociam o termo corpo da mente; quando falo de corpo, estou falando, ao mesmo tempo, de um sujeito que não está 'desencarnado', visto que também é corpo. Ao me referir mais explicitamente, portanto, às significações que envolvem os corpos não nego, aqui, a sua materialidade, pois o vejo inserido numa cultura que o ressignifica constantemente. O corpo, desse modo, não escapa aos processos de significação, enquanto processos de luta em torno da construção de determinados significados. Assim, os modos como compreendemos e experienciamos os nossos corpos são tornados possíveis no interior de uma cultura que os inventa, os significa, atribui valores sobre eles, tornando-os um 'objeto' precioso por ser um dos alvos principais nos atuais processos constitutivos.

Relembro que a crença medieval de um sujeito pronto e acabado por designação divina vem sendo dissipada desde a modernidade, que engendrou, através de vários acontecimentos e construções – como as grandes navegações, a separação cronometrada do tempo através da invenção dos relógios mecânicos, etc. – a crença de que poderíamos mais do que a nós parecia estar destinado do nosso nascimento à nossa morte. Essa espécie de rompimento com uma certa concepção de mundo que ligava os indivíduos ao transcendental – a Deus –, que caracterizou os indivíduos da Idade Média, criou uma certa onipotência aos indivíduos, situando o homem como o centro do universo e deslocando Deus desse papel. Na atualidade temos, aliás, a exacerbação do processo de invenção – que põe nas mãos dos homens as possibilidades de intervir sobre si, os outros e sobre o mundo –, principalmente através das operações destinadas a transformar os corpos. Os sujeitos pós-modernos

vêem no corpo o ápice das possibilidades de intervenções e modificações corporais, como a tecnociência[40] vem ressaltando. Como explora Sibilia (2002), discutindo as questões que envolvem o corpo contemporâneo:

> o corpo humano, em sua antiga configuração biológica, estaria se tornando 'obsoleto'. Intimidados pelas pressões de um meio ambiente amalgamado com o artifício, os corpos contemporâneos não conseguem fugir das tiranias (e delícias) do *upgrade*. Um novo imperativo é internalizado, num jogo espiralado que mistura prazeres, saberes e poderes: o desejo de atingir a compatibilidade total com o tecnocosmos digitalizado. Para efetivar tal sonho é necessário reconhecer à atualização tecnológica permanente: impõem-se, assim, os rituais do auto-*upgrade* cotidiano (p.13).

Assim, não 'somos' um corpo naturalmente determinado, pois, somos *em processo*, constituídos nas tramas culturais que nos produzem ou, como nos lembra o poeta Mario Quintana: "Eu não sou eu, sou o momento: passo". Além disso, as transformações que ocorrem nas sociedades estão vinculadas aos modos de nomeação, de designação, de atribuição de valores, enfim, impossível pensar nas transformações que nos acometem sem relacioná-las às mudanças que produzem modos outros de ver, sentir, de se relacionar com os outros e com o mundo. Isso significa que nossas paisagens subjetivas modificam-se conforme as transformações no espaço-tempo, assim como o espaço-tempo vai modificando-se com os nossos modos de significá-lo – num processo espiralado de afetações contínuas.

Pensar na visibilidade e centralidade do corpo para a nossa constituição, portanto, tem a ver, fundamentalmente, com os seus diferentes modos de valorização e exposição na cultura, que vem sendo produzida por diversos fatores. Dentre tais fatores, creio ser possível destacar o envolvimento de questões de ordem científica e mercadológica, produtores de saberes e produtos a serem consumidos para os sujeitos cuidarem de seus corpos – enquanto o que de mais privado possuímos. A

---

[40] "Vale ressaltar ainda que a tecnociência esteja produzindo novos corpos, potencializados pelos usos de diferentes produtos e técnicas tais como próteses, suplementos alimentares, lentes de contato, vitaminas, vacinas, drogas químicas, estimulantes, implantes, etc" (GOELLNER, 2003, p. 38).

atual obsessão pelo corpo, então, "é sustentado por uma indústria, um mercado e um conjunto de práticas" (COURTINE, 1995, p. 84).

Essas questões passam, portanto, pela questão econômica, das indústrias farmacêuticas, de alimentos, vestuário... Nesse intento, diferentes formas corporais e modos de ser representam problemas para essas indústrias, que tem mais lucros com uma indústria padronizada. Nesse sentido, salienta-se também o quanto algumas redes, especialmente as de vestuário, não querem ter a sua 'marca' associada à gordura, considerada como um 'desvalor' e, portanto, fabricam e vendem somente confecção para pessoas tidas como 'magras'. Parece-me que estas discussões podem ficar mais claras às alusões que Courtine (1995) faz à prática do *body-building* estadunidense, localizando-o histórica e socialmente. Nessa prática de intensa construção de formas corporais o autor refere-se ao quanto essa foi se afirmando progressivamente até explodir nos Estados Unidos nos anos oitenta. Prática sustentada, portanto, por diferentes campos de saberes e através de práticas e produtos bem concretos, envolvendo a publicidade, práticas esportivas, brinquedos infantis, a grande difusão de revistas dedicadas à cultura do corpo, a literatura e, ainda, o sucesso de Arnold Schwarzenegger transformando o músculo num estrondoso sucesso hollywoodiano. Assim:

> Os anos 80 conheceram um desenvolvimento considerável do mercado do músculo e do consumo de bens e serviços destinados à manutenção do corpo. Impérios industriais, com atividades diversificadas, ocuparam esta fatia do mercado relativa ao ferro, às vitaminas e ao suor, produzindo tanto aparelhos de musculação, quanto suplementos nutricionais, ou ainda publicando revistas especializadas sobre a boa forma, a saúde, os regimes alimentares e o desenvolvimento corporal. (COURTINE, 1995, p. 84)

Além disso, com o borramento das fronteiras entre o que é da ordem do privado e da ordem do público, o corpo tende a ir para o espaço público, rompendo com esses limites – o que possibilita, por sua vez, incitamentos contínuos para que cada sujeito 'volte para si', para o seu corpo, efetuando determinadas operações a fim

de produzir-se a partir dos 'manuais' a nós destinados na esfera cultural. Todavia, como assinala Bauman:

> Os problemas privados não se tornam questões públicas pelo fato de serem ventilados em público; mesmo sob o olhar público não deixam de ser privados, e o que parece resultar de sua transferência para a cena pública é a expulsão de todos os outros problemas "não privados" da agenda pública. O que cada vez mais é percebido como "questões públicas" são os *problemas privados de figuras públicas*. (2001, p. 83, grifos do autor)

Há, em suma, uma série de condições de possibilidade para que diferentes discursos e, por conseguinte, saberes, sejam investidos sobre os sujeitos, compondo as suas existências através de uma série de ensinamentos sobre como cuidar de si, do seu corpo... Posso dizer, assim, que há uma normatividade que orienta as diversas instâncias culturais de uma época. Afinal, se pensamos que a televisão 'institui' certos seres como 'diferentes' devido aos seus corpos, e.g., podemos ver que em outros artefatos da cultura essas nomeações também replicam, constituindo sujeitos e produzindo efeitos na arena social. "Impossível, portanto, pensar o corpo humano separado e autônomo diante dos fenômenos naturais. Melhor considerá-lo como parte de uma rede, na qual estavam relacionadas condições geográficas e históricas" (SANT'ANNA, 2001, p. 7).

Dentro deste contexto, é possível argumentar que discursos advindos da Estética, Biomédica, de uma ordem tecnocientífica-empresarial, como assinala Sant'Anna (2002), produzem estimulações para que o corpo seja de determinadas formas, inserindo-o numa rede de controle ilimitada e contínua porque não centrada apenas dentro de imóveis e instituições, como ocorria na sociedade disciplinar. Rede de controle que inventa e produz sujeitos através da televisão, jornais, revistas, rádios, *sites*, *blogs*, comunidades do *orkut*, músicas, enfim, através de tentáculos que se espalham eficazmente na esfera social – demonstração de que há, em suma, toda uma discursividade envolvendo o corpo e que a mídia (entendida como um conjunto de meios de comunicação) faz circular, podendo tanto reproduzir quanto produzir

tais discursos. Discursividade esta que nos interpela e, assim, nos produz, ensinando modos específicos de cuidar dos nossos corpos, de valorá-lo, incluindo os corpos dos demais.

Para mostrar um pouco os modos pelos quais essa rede de comunicação e significação articula-se às interpelações cotidianas que sofremos, estando relacionadas aos discursos sobre o corpo 'ideal', trago alguns exemplos. Podemos visualizar que esses discursos parecem estar atingindo quase todos os recantos da nossa vida na urbanidade. Em casa, e.g., podemos ter acesso a inúmeros programas televisivos e anúncios publicitários que versam sobre como se alimentar de forma adequada, como fazer dietas e as motivações para prossegui-las, assim como podemos ser interpeladas por reportagens sobre moda que são, obviamente, maciçamente destinadas a sujeitos que estejam dentro dos atuais *parâmetros de normalidade* corporais. Se, por algum motivo qualquer, resolvermos ligar o rádio ou a televisão, estamos sujeitos, também, a ser motivados a adquirir algum 'novo e milagroso' complexo emagrecedor que promete ser a solução para todo e qualquer problema ou desconforto que possamos ter relacionado à gordura.

E quanto às aparelhagens de ginástica? Elas fazem parte dessa rede investida sobre nós, transformando os nossos lares em espaços fecundos para as práticas de exercícios físicos, estimulados por campos de saberes e meios de comunicação e informação. Já na internet, nas mais variadas páginas, *banners* piscam nos convidando para calcular os índices de gordura e massa muscular, prometendo soluções para uma possível 'deformidade' (assim como imagens de revistas contendo mulheres com o corpo à mostra são investidas sobre nós, querendo promover o nosso desejo de adquirir aquele corpo e os produtos que podem estar circulando por ali). Os programas de *e-mail*, por sua vez, já não conseguem evitar o recebimento maciço de *spams* que atolam diariamente nossas caixas postais com convites, entre outros, para conhecermos *sites* de emagrecimento, ou comprar, novamente, mais produtos milagrosos para que possamos 'tomar as rédeas de nossa vida' e fazermos

as operações necessárias para transformarmos o nosso corpo. Esses são apenas alguns dos modos pelos quais esses discursos podem estar sendo investidos sobre nós, querendo dobrar-se, deslocar-se da exterioridade para o 'dentro'. A dobra, como relata Santos, "somos nós, é a encarnação, o discurso feito carne. A dobra é o processo de subjetivação" (1997, p. 85).

Assim sendo, quero dar visibilidade a alguns modos com que estamos nos relacionando com os nossos corpos e, ainda, com alguns modos com que estamos nos relacionando com as demais pessoas a partir das maneiras que as vemos, considerando que em nossa cultura parece adquirir cada vez mais importância ter um corpo em dia com os atuais parâmetros que marcam e demarcam distintas posições aos sujeitos que se identificam e são identificados como 'gordas', por exemplo. Evidenciando, assim, processos de subjetivação específicos, ou seja, discursos que são assumidos por nós, mesmo que provisoriamente, como 'verdades', e que acabam nos constituindo.

A proliferação da centralidade do corpo na nossa cultura materializa-se, assim, nas redes que operam na nossa constituição. No extinto programa *Jogo da Vida* – exibido na Rede Bandeirante de Televisão –, no quadro *Espelho, Espelho Meu*, era escolhida uma pessoa para sofrer, em quarenta e oito horas, uma transformação radical em sua aparência [a pessoa selecionada não podia se olhar no espelho nesse período]. Nesse quadro foram realizadas cirurgias estéticas, tratamentos dentários, passagem por salões de beleza, lojas de vestuários, entre outros artifícios, com o objetivo de deixar a pessoa mais bonita externamente. Após esse processo, a pessoa que passava por essa transformação era, com muito suspense, mostrada ao público do programa televisivo. Realmente, uma grande transformação parecia ser realizada, mas o importante de salientar é o quanto a apresentadora – ancorada nos discursos atuais sobre beleza, juventude e corpo – reforçava a idéia, socialmente aceita, de que é através desse 'novo e recauchutado' corpo que a pessoa em questão, até então triste e infeliz teria, enfim, a felicidade completa ao seu alcance. Ora, isso evidencia a

crescente glorificação do corpo e também um apelo maior para que o revelemos, transformemos, qualifiquemos. Podemos pensar, assim, na apropriação do corpo como um modo dos sujeitos se expressarem e serem percebidos na/pela cultura, ou seja, o corpo como uma 'marca', um elemento identitário.

Além disso, cabe salientar o exemplo que Santos (1998) se refere, sobre o quadro *Transformações,* que ia ao ar no também extinto programa *Planeta Xuxa*. Como o autor salienta, é "na transformação/normatização/regulação que está a ênfase dos mais diferentes discursos que se entretecem na constituição dos corpos" (idem, p.104). Assim, no referido programa televisivo, "A produção é primorosa na transformação, desde o banho, passando pelas unhas, troca de cor de olho, corte de cabelo, até a roupa e modo de andar são objeto de um escrutínio rigoroso rumo à melhoria da aparência" (ibidem). O que quero salientar, entretanto, é a comparação entre o quadro que me referi e este, relatado por Santos. Pode-se evidenciar a constante atualização dos discursos e técnicas de 'melhoria' dos corpos. No exemplo em que o autor nos traz, não vemos referência a cirurgias, implantes, enfim, a transformações que envolvem a própria pele, órgãos, genes, a própria estrutura – embora naquela época, no final dos anos noventa, estas já fossem práticas bem disseminadas em nossa sociedade.

Posso citar, ainda, uma ampla variedade de revistas direcionadas ao assunto corpo, tais como: *Boa Forma, Capricho, TPM, Nova, Claudia, Corpo a Corpo, Dieta Já, Elle...* Suas matérias e reportagens centram-se em questões que envolvem relacionamentos, dietas, vestimentas, moda, corpo... Além disso, a temática corpo atravessa outras publicações no âmbito nacional. Muito recorrente é o fato das edições dessas revistas lançarem mão tanto de 'especialistas' para nos falar sobre esses temas, quanto utilizarem pessoas famosas, com as quais tenhamos mais facilidade em nos identificarmos, proporcionando com que certos discursos se dobrem sobre nós, nos produzindo.

Importantes aprendizagens também ocorrem no ciberespaço, afinal, é de se pensar nas condições produtoras – no âmbito social mais amplo – das escritas, ou seja, através dos variados espaços educativos, como através das revistas, jornais, escola, moda, família, televisão, cinema, artes, música, grupos de pertencimentos incluindo, ainda, as aprendizagens que ocorrem no interior – mas conectadas ao global – de fóruns de discussão, salas de bate-papo, *blogs*, *sites* de relacionamento como *orkut*, dentre tantos outros. Nesse sentido, trago a mensagem de um *e-mail* que recebi há algum tempo atrás, em que, através de fotos do 'antes' e do 'depois', mulheres eram mostradas após sofrerem incríveis mutações proporcionadas por cirurgias plásticas e os mais diferentes tratamentos estéticos. As imagens expostas abaixo – incluindo as legendas – demonstram as transformações produzidas no programa estadunidense *Extreme Make Over* – importado por diversos programas brasileiros.

Figura 1: Mulher A – imagem do 'antes'
De: Bruxa de Blair

Figura 2: Mulher A – imagem do 'depois'
Para: Branca de Neve

Figura 3: Mulher B – imagem do 'antes'
De: Puta que pariu...

Figura 4: Mulher B – imagem do 'depois'
Para: Puta que o pariu!!!

Demonstração de que "Até poucas décadas atrás, o que se podia comprar e vender tinha uma materialidade exterior que só excepcionalmente entrava na intimidade de nossos corpos. Hoje, não existe um território onde o mercado, com sua imponente maré generalizadora, não esteja abrindo suas lojas. Sonham-se objetos que transformarão nossos corpos, e este é o sonho mais feliz e aterrorizante" (SARLO, 1997, p.31). Além disso, vemos a junção de dois mitos que imperam nos dias atuais: o mito da juventude e da beleza. "Numa corrida contra o tempo, o mercado propõe uma ficção consoladora: a velhice pode ser adiada e possivelmente – não agora, mas talvez em breve – para sempre vencida" (ibidem). Cabe salientar, ainda, o potencial produtivo dessas representações de corpo, pois nos interpelam para que respondamos afirmativamente aos apelos de fazer do próprio corpo um objeto a ser transformado, modificado, em suma, planejado, programado. Como a referida mensagem eletrônica anuncia no seu início: *Não existe gente feia... existe gente que ainda*

não fez plástica! E, ainda, a consoladora mensagem final: V*iu? Nem tudo está perdido para você.*

Ora, se o que vemos/assistimos com cada vez mais freqüência é a promessa de construção de um novo corpo – erigido a partir dos discursos que o colocam em voga, tornando-o algo a ser infinitamente desejado e construído –, o consumo é, então, uma discussão que tangencia as discussões direcionadas ao corpo, como já referi anteriormente. Evidência de que no processo de consumo dos mais variados produtos não consumimos apenas os objetos em sua materialidade, pois, mais do que a moderna separação entre "um sujeito consumidor e um objeto consumido" (HOMEM, 2003, p.03), na atualidade o próprio sujeito torna-se objeto de consumo, ou seja, cada indivíduo tende a voltar sobre si, transformando-se continuamente, a fim de responder afirmativamente aos discursos que os ligam a uma determinada – e provisória – posição-de-sujeito. Trata-se, enfim, de um processo em que os sujeitos tornam-se objetos de si mesmos.

Conforme a observação de Hall (1997), vemos atualmente a primazia pelas batalhas simbólicas e discursivas em detrimento de amordaçamentos físicos. O que está em jogo nessas lutas, então, é o poder de nomear, definir, classificar, enfim, inventar as 'verdades' sobre as feições que o mundo deve ter, assim como os modos que devemos pensar, agir, nos posicionar. Advém de batalhas culturais, portanto, as aprendizagens que se referem aos modos de cuidar do corpo, articuladas que estão a construções e regulações sobre como geri-lo. Trata-se de aprendizagens instruídas nas tramas da cultura, pois os sujeitos não estão predestinados a modos específicos de se relacionar consigo, já que os modos de cada um cuidar do seu corpo passa pelas aprendizagens, sendo, pois, algo fabricado. Redes produtoras de certas experiências – e não outras – nos sujeitos, incitando-os para que se voltem sobre si mesmos de modo a se cuidarem e se transformarem corporalmente. Não se trata,

portanto, de um controle repressivo, de encarceramento dos sujeitos, mas de batalhas culturais, que envolvem embates em torno da significação, produzindo-nos.

Após este breve 'passeio' pelos modos com que a cultura investe sobre o corpo, valorizando alguns sujeitos e desvalorizando outros – ensinando-nos modos de 'ser' e estar –, passo a apresentar a centralidade do corpo para os cuidados que cada sujeito tem consigo, para os modos como se efetivam certas 'relações consigo'.

O corpo como o lugar privilegiado do cuidado do 'eu'

> *— Tia, vamos ver o filme [intitulado Sr. e Sra. Smith] que está passando com a Angelina Jolie?*
> *— Ah, mas não tem nenhum outro filme pra gente ver?*
> *— Mas tia, tu não quer ver a boca da Angelina Jolie?!*
> *— Mas por que alguém vai querer ver a boca dela?*
> *— É porque a boca dela é linda, toda ela é linda.*
> *— Mas tu não te importas com o conteúdo também?*
> *— Ah, me importo tia, tanto que se uma mulher for linda e tiver halitose não dá tia, não dá, ninguém agüenta, eu saio disparando*[41]*!*

O que essa conversa pode nos dizer sobre nós mesmos, sobre o nosso tempo? Creio que demonstra um dos modos pelos quais estamos experienciando os nossos corpos e valorizando os demais na atualidade. Assim, cada vez mais o 'conteúdo' se torna visível, seja através do corpo, ou mesmo das vestimentas, adereços, objetos que trazemos conosco. Esses parecem demonstrar o que a pessoa 'é'. Angelina Jolie, ícone mundial da beleza e sensualidade, ilustra esse exemplo porque, para o rapaz que participava da conversa, o conteúdo não se referia às qualidades interiores da atriz, nem às suas capacidades intelectuais, ou alguma outra coisa do gênero, mas tinha a ver, fundamentalmente, com algo que se relaciona

[41] Trecho de conversa (ocorrida em 2005) entre uma mulher e seu sobrinho, com dezenove anos na ocasião, obtida através de relato em uma reunião de grupo de pesquisa.

com o corpo ou, dito de outro modo, algo que poderia barrar o contato corporal, como a halitose.

Além disso, a conversa travada parece evidenciar que, nestes tempos – mais marcadamente dentre a juventude contemporânea –, cada vez mais adquire importância não mais os sentimentos e as formas das pessoas serem, 'internamente', mas fundamentalmente o modo das pessoas serem 'externamente'. É o que afirma Sant'Anna (2002) ao referir-se que o corpo aparece, atualmente, como o lugar por excelência da exposição da subjetividade de cada um; como o principal alvo dos cuidados que outrora eram destinados à alma. Para muitos, portanto, o corpo se reveste como o que de mais belo e importante possuímos, já que cuidar deste novo 'templo' "significaria [. . .] o melhor meio de cuidar de si mesmo, de afirmar a própria personalidade e de se sentir feliz" (idem, p. 99). Generalização, portanto, do corpo como o lugar privilegiado do 'cuidado do eu', uma vez que na atualidade o corpo reveste-se de uma centralidade ímpar e investe-se como um contemporâneo marcador social, como salienta Damico (2004).

Ora, essa visibilidade anunciada, escancarada, evidencia que num mundo em que as imagens são cada vez mais centrais o corpo, como uma imagem a ser vista e apreciada, vem cada vez mais sendo consumido tendo por base os parâmetros de normalidade criados que, efetivamente, propõe diferentes práticas para o voltar-se sobre si. Assim, o que cada sujeito espera é poder ser apreciado e admirado nesse corpo que, ao contrário do que os medievais imaginavam, não está desde sempre dado por Deus, mas é passível de sofrer modificações contínuas nestes tempos em que ele aparece como responsabilidade individual de cada sujeito.

Assim, o tema corpo vem sendo posto cada vez mais em evidência na cultura contemporânea, tornando-se alvo crescente dos nossos investimentos, cuidados e afetos. Além disso, desde outras culturas intervimos no corpo a fim de embelezá-lo e fortalecê-lo, para realizar distinções relacionadas tanto ao estatuto

social quanto a questões que envolvem pertencimentos e exclusões, enfim, abrangendo uma infinidade de finalidades (SANT'ANNA, 2000). Nesse sentido, as intervenções corporais não são algo recente em nossa história, pois, ao longo dos séculos, diferentes povos preocuparam-se em produzir distinções em seus corpos, enquanto território produtivo para as atribuições de sentidos. Nessa perspectiva, o corpo, enquanto um híbrido entre o biológico e a cultura, tem suas significações amarradas nos tempos e espaços em que está inserido. Ora, se o 'voltar a si mesmo', na atualidade, tem a ver mais com os cuidados com o corpo, com os modos pelos quais investimos nele, o qualificamos, transformamos... isso não nos reporta a uma situação estanque ou mesmo surgida sem descontinuidades. Afinal, as relações que mantemos com nós e com os demais são construídas através das transformações que estão acometendo a sociedade, ou seja, são construções contingentes, situadas e articuladas a transformações históricas, políticas, sociais e culturais.

O que transparece, portanto, é um 'eu' que não pode ser 'escavado', pois é um 'eu' que fica na superfície, marcado como sendo o corpo. Esse 'eu', visto dessa forma, vê os 'outros' [e a si mesmo] como corpos em exibição, que devem ser mostrados, exibidos, transformados constantemente, recauchutados, qualificados... a partir do que é posto como sendo o 'belo' e aceitável hoje. Assim, pensar no corpo como sendo a 'vitrine do eu' nos possibilita enxergar que estamos numa cultura em que este, por ser o que de nós é mais visibilizado e exposto, torna-se aquilo que nós somos, ou seja, nos inserimos no mundo tendo por base o que aparentamos ser, assim como 'lemos' o que uma pessoa 'é' a partir do que ela aparenta ser. Essa centralidade do parecer ser como atestador do que uma pessoa 'é' está relacionada a uma cultura em que a imagem é central como 'atestadora' daquilo que 'somos'. Numa cultura do espetáculo, em que as imagens movimentam as nossas maneiras de pensar, as pessoas relacionam-se crescentemente mais tendo por base as imagens, como contemporâneos arsenais constitutivos. Assim, enquanto uma tendência contemporânea, tende-se a "transformar todas as partes do corpo em imagens de

marca e num *marketing* privilegiado do eu. Por conseguinte, o desejo de investir nas imagens corporais torna-se proporcional à vontade de criar para si um corpo inteiramente pronto para ser filmado, fotografado, em suma, visto e admirado" (SANT'ANNA, 2002, p. 106).

É por centrar-me no contemporâneo que as reflexões de Bauman (2001) são relevantes, pois, como o referido autor argumenta, num mundo líquido, onde cada vez mais reina a incerteza, onde cada vez mais o que interessa é o final, os resultados – mesmo que estes sejam difíceis de prever – e não mais os meios, os indivíduos podem cada vez mais investir em seus corpos, vendo-o como um produto que, por meio de uma série de intervenções, pode tomar a forma do objeto desejado. Expressão, portanto, de um desejo que pode logo em seguida ser revisto, em prol de outras modificações que são acenadas para nós. Pois parece que, assim como em outras áreas, tratando-se do corpo estamos sempre insatisfeitos de alguma maneira, uma vez que as tendências sobre ele vão modificando-se continuamente e, "Para que as possibilidades continuem infinitas, nenhuma deve ser capaz de petrificar-se em realidade para sempre" (idem, p.74). Além disso, como o tempo não pára, a vontade de minimizar continuamente os efeitos do tempo em nós vai crescendo proporcionalmente. Assim, parece que estamos, irremediavelmente, enredados em intervenções nos corpos para barrar as inscrições do tempo que passa e, por outro lado, enredados tanto nos olhares que lançamos para nós mesmos – e aos outros – quanto nos olhares que os outros lançam sobre nós, pois, nesse processo, a sensação de 'desencaixe' frente aos parâmetros que estão gerindo os corpos nos direciona à solução mais comum, e por isso já banalizada, que é intervir nesse corpo, transformando-o.

Interessante que o desejo de intervenção corporal ultrapassa classes sociais, pois desde pessoas mais pobres economicamente até as mais abastadas, o desejo de intervir e qualificar o corpo se faz presente, fazendo parte do imaginário coletivo. Como vemos noticiado tantas vezes na mídia, essas intervenções estão cada vez mais

acessíveis às pessoas das mais variadas classes sociais. Para os economicamente mais abastados há clínicas e hospitais que oferecem os mais variados serviços aliando eficiência, tecnologia e uma relativa segurança. Aos financeiramente desmerecidos a solução passa pelas cirurgias plásticas ou tratamentos cosméticos financiados em vinte e quatro vezes ou mais. Ou, ainda, ao risco de submeterem-se a cirurgias plásticas e estéticas com médicos e clínicas de qualidade duvidosa, uma vez que parece que tudo vale à pena para possuir um corpo outro que não aquele que nascemos e que estaríamos fadados a morrer – a lógica parece ser a inversa atualmente, somos capazes de morrer para atingir os nossos ideais de beleza, principalmente. Assim, casos extremos acontecem, como muitos já noticiados, sobre indivíduos que desejantes em adquirir um seio em consonância com a tendência atual, ou seja, volumosos e empinados, submeteram-se a colocá-los em casa, usando métodos e materiais de origem duvidosa, o que causa várias complicações.

No *Dossiê Universo Jovem 3 MTV* (2005) também podemos ter uma noção do quanto as questões relativas aos desejos sobre os corpos estão em evidência. No referido *Dossiê* a preocupação com o corpo é algo que ultrapassa as questões relativas às classes sociais, pois é uma preocupação que se encontra transversalizada na sociedade, tendo investido as suas flechas em todas as camadas sociais. Assim, da classe A à classe C, e.g., o desejo de cuidar, adular, modificar o corpo está presente, colonizando os sonhos de jovens e outras gerações. Além disso, os depoimentos e análises demonstram o quanto a juventude centra-se no corpo, chegando ao ponto de oito por cento (8%) dos participantes da pesquisa declararem "que 'certamente estariam dispostos a ser 25% menos inteligentes se pudessem ser 25% mais bonitos', e outros 7% decla[ra]ram que 'provavelmente abririam mão de 25% de sua inteligência em troca da mesma porcentagem de beleza'" (idem, p. 35).

Há que se considerar, contudo, que ainda que essas práticas tendam a se generalizar, elas não soam unívocas, pois há inúmeros murmúrios produzindo acontecimento, subvertendo o esperado. Isso me possibilita afirmar que não tenho a

pretensão de apresentar uma versão de totalidade, ou mesmo de universalidade das condições que estão compondo as nossas existências. O que esse estudo contém são modestos elementos que, ora articulados, ora não, produzem: produzem sujeitos e outros efeitos...

Parte III

DOS MODOS DE ME ENVEREDAR – ANÁLISES

Enter

O pós-moderno, conforme autores como Harvey (2005), Lemert (2000), entre outros, pode ser encarado como transformações do jeito da cultura se configurar, interligada às modificações que permeiam a esfera social, cultural e as nossas paisagens subjetivas. Não representa, portanto, formas da sociedade 'ser' efetivamente, mas se articula nas fronteiras, configurando-se como modos de compreender as modificações que, desde meados da metade do século XX, vem compondo a sociedade contemporânea, deslocando e desenraizando posições-de-sujeito, crenças, mitos, valores, verdades... Esse entendimento corrobora o que Lemert salienta: "se se quer encontrar o pós-modernismo, é necessário antes de tudo olhar a cultura – não porque a cultura seja a única coisa importante do mundo, mas porque é um aspecto particularmente sensível da vida social" (2000, p.43). O referido autor compreende a cultura como sendo os modos – através de valores, regras, mídias, idéias políticas, etc. – pelos quais a sociedade ou os diferentes grupos sociais representam, a partir de seus posicionamentos, as configurações que o mundo tem ou deveria ter. A cultura, nesse caso, trabalha no sentido de contribuir para a forma com que as pessoas se posicionam e se movimentam em cada sociedade específica.

Dentro desse entorno, compreendo que a internet configura-se como um espaço vívido, possibilitadora do pulsar contínuo dos diversos sujeitos que aí

expressam seus sentimentos, ódios, intolerâncias, percepções e desejos quase que em estado bruto. Devido a isso, é um espaço fecundo para pesquisas que busquem compreender o que estamos nos tornando, que forças estão sendo investidas em nós e se fazendo carne, corpo, ou seja, que elementos estão nos produzindo. Por centrar-me, portanto, em discussões que envolvem diretamente questões contemporâneas, posso dizer que intento – modestamente – mover-me em meio a uma *ontologia do presente*, "que problematiza a atualidade como acontecimento e que [busca] responde[r] às perguntas acerca de nossa contemporaneidade e nossa situação presente, ou seja: o que acontece em nosso presente, na nossa atualidade? como *(sic)* se caracteriza?" (ORTEGA, 2002a, p.24).

Além do mais, persigo um dos objetivos dessa pesquisa, que é dar visibilidade às pequenas histórias do cotidiano das pessoas, dar visibilidade às minúcias, às práticas cotidianas de cuidado consigo contemporâneas. Para tanto, encontro-me, ao estilo socrático[42], indagando: como estamos conduzindo as nossas vidas? Essa pergunta se deve ao meu objetivo de tentar compreender como está se dando, atualmente, a produção de si e do 'outro' numa cultura tão marcada por discursos relacionados ao corpo. As minhas andanças nos ciberespaços selecionados para este estudo – envolvendo *blogs* e comunidades do *orkut* –, portanto, constituem-se em: a) um certo 'mapeamento' dos afazeres diários de mulheres que escrevem sobre suas lutas diárias em prol da realização de dietas; b) perscrutar sobre o que está sendo considerado 'grande' pelos sujeitos envolvidos, sobre, afinal, 'o que estão fazendo deles mesmos?'; c) as estratégias utilizadas para cuidar de si e marcar, instituir, produzir os 'outros', nesse caso, especificamente os sujeitos identificados como 'possuidores' de 'corpos-anormais', em outras palavras, pessoas nomeadas como 'gordas'. Isso, obviamente, sem crer que é possível 'dar conta' da

---

[42] Grün (2005) discute sobre a restauração da dúvida a partir de Sócrates e Descartes. Como o autor salienta: "Sócrates produziu apenas um saber negativo, pois a instauração da dúvida estava no centro de seu fazer filosófico. Sua missão consistia em instaurar a dúvida e não em uma doutrinação metafísica" (p.144).

multiplicidade de interpelações diárias que os/nos constituem – preocupação que seria tipicamente Moderna.

Confesso, entretanto, que no início do meu envolvimento com esta pesquisa eu mantive a pretensão de 'descobrir' os discursos constituidores dos escreventes nas comunidades do *orkut*. Nas minhas primeiras incursões nas comunidades deste ciberespaço eu mantive a preocupação de identificar 'fielmente' os sujeitos que escreviam cada *scrap*[43]. Isso devido a uma questão metodológica que, naquele momento, eu estava me propondo a perseguir. As mensagens escritas pelos sujeitos teriam de ser identificadas para que eu pudesse, a partir desse momento, acessar as redes discursivas que produziram esses sujeitos, tornando possível as escritas que eles dispunham no *orkut*. Ora, isso foi se demonstrando, aos poucos, algo impossível de ser realizado a partir de uma intenção de 'fidedignidade'. Isso devido a minha intenção, que era a de 'descobrir' a verdade última de cada indivíduo ali presente, como se as comunidades em que participavam, os recados trocados com amigos ou mesmo desconhecidos, ou os modos com que se nomeavam no perfil, os lugares que costumavam freqüentar, pudessem demarcar 'como esse indivíduo era', ou seja, uma Identidade a ser 'desvendada' a partir do meu olhar – um olhar interessado e direcionado. Eu me centrei, por um tempo, numa preocupação sobre o sujeito, desviando-me, de certo modo, da possibilidade de olhar para os efeitos dos discursos nos sujeitos.

A partir das leituras e associações que fui realizando – especialmente o estudo da dissertação de mestrado de Santos (1998) e a tese de doutorado de Souza (2001) –, bem como os seminários e debates que participei, fui percebendo que meu

---

[43] "Cada perfil de usuário conta com uma página de comentários individual como uma forma de interação entre os usuários. Quando o orkut ainda não contava com uma versão em português, esta era chamada de *scrapbook*. Para facilitar na linguagem, os recados passaram a ser chamados de *scraps*. Tamanha a popularidade destes termos, a versão do orkut para a língua portuguesa poderia ter optado por mantê-los, mas foram utilizadas as traduções de *scrap* e *scrapbook*: recado e livro de recados, respectivamente, que não são muito comuns entre os usuários, que optam pelo original." (WIKIPÉDIA, 2006).

corpus de análise, assim como a minha inserção no campo dos Estudos Culturais pós-estruturalistas, demandaria um modo outro para pensar na produção dos sujeitos – os quais podem, sim, ter as suas inserções em redes discursivas analisadas, mas essas não nos possibilita 'acessar' a uma verdade última sobre os sujeitos, 'descoberta' através dos fios que os ligam a um certo discurso, ou seja, não há possibilidade para a apreensão de uma 'verdade' sobre um sujeito que se esvai a cada instante, que a todo momento pode tornar-se outro.

Salientado um pouco o modo com que meu olhar foi sendo construído e reconstruído, creio ser necessário expor que compreendo que as escritas sobre si e sobre os 'outros' analisadas não são produções 'individuais', pois tiveram condições de possibilidade para emergir nesse momento, nesta sociedade específica. Ou seja, mais do que escritas individuais, portanto, podemos pensar em toda uma discursividade que produziu os sujeitos-escreventes, possibilitando que valorizassem certas coisas – e não outras – e que expressassem 'ódio' – e não 'amor' – às pessoas nomeadas como 'gordas'. Como assinala Santos (1997), valendo-se de Foucault: "a análise dos enunciados não se dá a partir da fala do indivíduo, mas [. . .] procura, justamente 'ouvir' que discursos o produziu enquanto sujeito" (p.82). Cabe ressaltar, ainda, que os sujeitos-escreventes que produziram o meu *corpus* de análise estão inseridos numa cultura em que certos enunciados sobre os corpos 'magros' e gordos' são construídos, legitimados, disseminados. Não cabe, portanto, procurar num sujeito individual a 'origem' das suas escritas sobre si e sobre os 'outros', uma vez que "Nenhum de nós pode construir o mundo das significações e sentidos a partir do nada: cada um ingressa num mundo 'pré-fabricado', em que certas coisas são importantes e outras não o são; em que as conveniências estabelecidas trazem certas coisas para a luz e deixam outras nas sombras" (BAUMAN, 1998, p.17). Há um conjunto de sentidos e significados – incessantemente em disputa – que dão, portanto, subsídios para que os sujeitos se movam neste mundo, posicionando-se e se construindo e, do mesmo modo, posicionando e construindo os 'outros'.

É, portanto, porque nossas formas de pensar são construídas a partir dos significados que para nós chegam com mais ou menos força – disputadas através das lutas pela imposição de significados, envolvendo as relações de poder – que não posso desconsiderar, como já me referi, que "'todo discurso é ocasionado'. Todo discurso ocorre em circunstâncias sociais específicas" (ROSE, 2001, p.159), e é devido a isso que não desconsidero a existência de redes discursivas que fabricam e refabricam diferentes modos de existência humana, enunciando pautas, 'ditando' modos de vida. Ou seja, a cultura contemporânea entra em questão, pois os sujeitos são constituídos em espaços e tempos situados.

Posso sublinhar que minha estratégia de produção do *corpus* da pesquisa e sua posterior análise ocorreu neste duplo movimento:

1. A partir de meu olhar interessado sobre a produção das diferenças e a partir das valorizações sobre o 'ser' 'magro' fui perscrutando, enquanto *orkuteira*, as comunidades que gravitam em torno do 'ódio' às pessoas identificadas como 'gordas'. Após conhecer variadas comunidades selecionei as duas primeiras analisadas neste estudo – *Eu odeio gordas* e *Eu odeio gordas que se acham* – por compreender que ali se travam, cotidianamente, embates sobre *quem, como* e *de que modo* são esses 'outros'. Por outro lado, e por compreender que as escritas dessas comunidades foram tornadas possíveis por intermédio de contínuos e incessantes discursos que valorizam os corpos 'magros' – e toda a rede que a sustenta – e desvalorizam os corpos 'gordos', produzindo práticas bem concretas de contemporâneos modos de 'cuidar de si', de 'relações consigo', também foquei o meu olhar – de um modo menos intenso, é preciso reconhecer – para as escritas de *blogueiras* que relatam as suas tentativas de realizar e dar prosseguimento a dietas hipocalóricas. Nesse sentido, também incorporei ao estudo uma comunidade sobre emagrecimento presente no *orkut* – *No Food* – sobre tal tema que, por obedecer a uma dinâmica diferente dos *blogs*, mantinha mais escritas e interações. Trabalhar com os *blogs* e com a

referida comunidade de emagrecimento foi caracterizando-se, ao longo dessa pesquisa, como uma necessidade para que eu pudesse compreender melhor como se dá a ligação de certos sujeitos com os discursos normativos relacionados a como aparelhar, manter, recauchutar, modificar, enfim, cuidar do corpo e, conseqüentemente, cuidar de si.

2. Movimento de ver as condições de possibilidade das escritas, em que discursos estão ancoradas, tentando compreender as contingências sociais, políticas e culturais que as embasam. Identificadas as comunidades e *blogs*, fui selecionando e arquivando as discussões e minúcias ali expostas para que eu pudesse lê-las, relacionando-as entre si e com a esfera social e cultural mais ampla, articulando, assim, os processos de subjetivação incitados, os modos de vida fabricados.

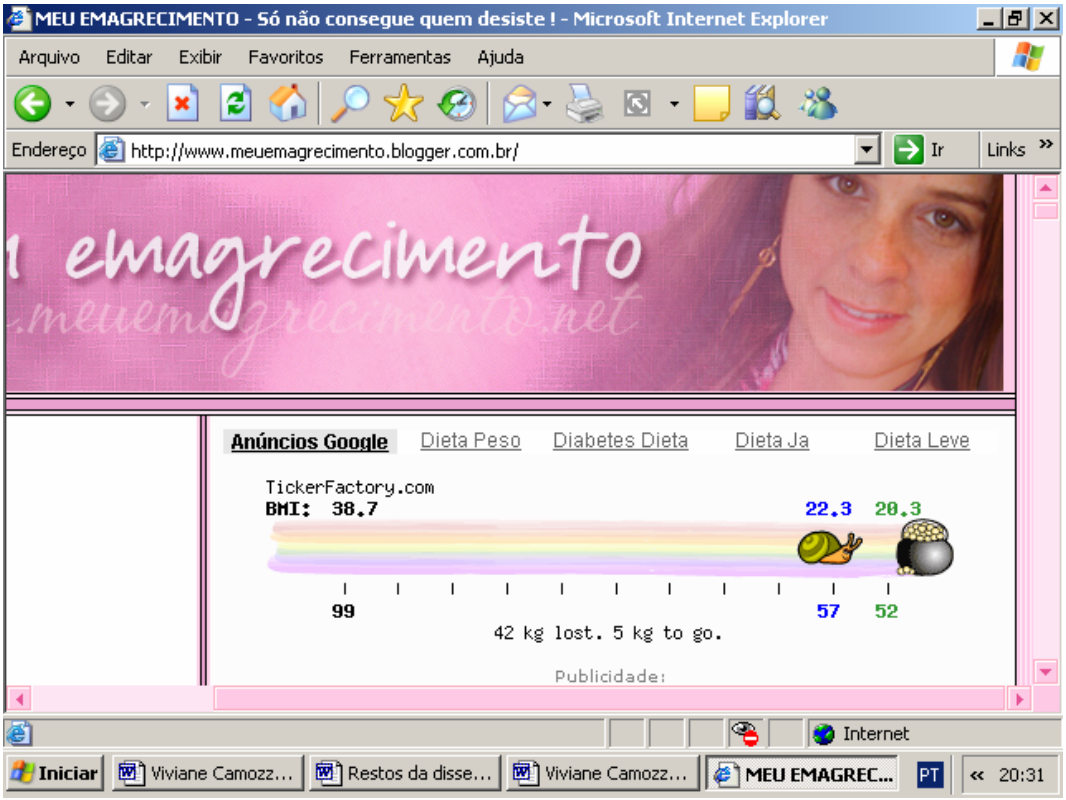
***

Especificamente, sobre as veredas mais operacionais. Como referi anteriormente, essa pesquisa teve início com uma inquietação: como são tornadas possíveis escritas na internet que demonstram o ódio a pessoas 'gordas'? Tal inquietação mobilizou-me a ponto de selecionar comunidades do *orkut* e *blogs* para o desenrolar desse estudo. Essa escolha se deve, nesse sentido, por ter visto esses espaços como fecundos para investigações que queiram problematizar produções de subjetividades contemporâneas. Ora, se o objetivo não é 'descobrir' verdades, mas analisar efeitos de certos discursos nos sujeitos, nos modos desses sujeitos se produzirem em relação a tais discursos, então a internet se mostra como um campo fértil para pesquisas.

A opção por centrar-me em escritas na internet se deve ainda por características bem peculiares desse meio. O fato de englobarem relações que não necessitam, necessariamente, de contatos corporais, possibilita que muitos ditos proliferem. Ditos esses que em encontros *offline* não encontram tantos meios para

serem pronunciados. Trata-se, assim, da invenção de novas sociabilidades, menos determinadas por locais de pertencimento, *status* sócio-econômico, etc., e por isso de uma riqueza que ainda estamos por (re)conhecer.

Cabe salientar algumas das peculiaridades concernentes aos *blogs* e comunidades do *orkut*, os quais correspondem a dinâmicas diferenciadas. Os *blogs* que acompanhei durante essa pesquisa se mostraram, muitas vezes, efêmeros. Relaciono isso ao fato de que os *blogs* que servem de suporte estritamente para a escrita de diários sobre o cotidiano ao mesmo tempo em que proliferam fartamente na Rede também cessam de serem atualizados, demonstrando um esgotamento de temáticas relativas a si e a vida dos sujeitos de modo geral – o que gera um grande volume de inatividade. Do mesmo modo, a constante desatualização dos *blogs* na forma de diários íntimos pode ocorrer, ainda, devido ao maior envolvimento demandado para mantê-lo atualizado, uma vez que envolve uma quantidade maior de tempo despendido. Dependendo da quantidade de visitantes pode-se escrever sem muita interação com outras pessoas ou, ao contrário, estabelecer fecundas conversas nos comentários ou mesmo nas visitas a outros *blogs*. A seguir, a imagem do *blog Meu emagrecimento*:



As comunidades do *orkut* que versam sobre dietas, por sua vez, mostram, de modo geral, um elevado grau de interação. Além de ser necessário considerarmos que há uma grande quantidade de pessoas envolvidas – e que embora isso seja considerado há o fato de que sejam poucas as que efetivamente escrevem – em tais comunidades, parece-me que esse aspecto sobrepõe-se também pelas comunidades do *orkut* exigirem menos esforço individual para manter-se atualizadas uma vez que, ao contrário dos *blogs* (quando escritos individualmente, pois há a opção de ser um *blog* coletivo), essa é uma tarefa coletiva. Para ilustrar, trago, a seguir a imagem inicial da comunidade *No Food*:

A escolha pela comunidade *No Food* se deu, primeiramente, para que fosse possível realizar um contraponto com as comunidades do tipo 'eu odeio' analisadas nesse estudo. A intenção era mostrar o quanto discursos corporais vão de um extremo ao outro, incidindo sobre intensas práticas de cuidado e controle corporal – algumas chegando a casos de transtornos alimentares - e, ainda, sobre as práticas de racismo sobre o 'outro-gordo'. Além disso, embora o *No Food* enderece à idéia de ficar sem comer, o que vejo é uma apropriação de tal comunidade por pessoas que, julgando-se 'gordas', tentam criar identificações em comunidades como essa para, de tal modo, voltar a si e realizar práticas intensas de cuidado e controle para a conquista de seu principal objetivo, ou seja, 'emagrecer para ser feliz': `e logo naoo só eu como todas nós vmaos estar magras lindas e felizes...`[44] Ou, ainda, como é possível visualizar no seguinte excerto: `amigas to tentando é vou conseguir é melhor de tudo é saber que tem gente igual a`

[44] Excerto da comunidade *No Food*, no tópico *Diário*, em 26 jul. 2006.

mim...que a magreza é tudo pra mim...fika sem comer me deixa feliz....vencer seus proprios limetes...[45]

Como salientei anteriormente, fui lendo e arquivando os materiais contidos nos ciberespaços analisados. Em cada comunidade era realizada a seleção e cópia da página, a qual era inserida num arquivo do editor de texto de meu computador. Dentre os arquivos das comunidades *Eu odeio gordas*, *Eu odeio gordas que se acham* e *No Food* possuo aproximadamente duas mil páginas de material. Os materiais de *blogs*, por sua vez, não precisaram ser transpostos para o editor de texto, pois puderam ser salvos como páginas html. Com tamanho material, criar uma metodologia foi complicado. Tentei criar planilhas para separar os excertos e classificá-los conforme as suas temáticas. Entretanto, cada excerto parecia-me tão rico e variado que essas classificações iam perdendo o sentido e, além disso, cada releitura realizada parecia indicar novas e variadas interligações temáticas.

Frente a essa fluidez do *corpus* de análise, fui me adaptando ao seu estilo e passei a realçar com cores coloridas os excertos, mantendo-os no conjunto. Isso me possibilitou, ainda, escrever e reescrever em cada excerto as conexões que estabelecia. Um excerto poderia, assim, endereçar a variadas questões, como: autocontrole, dietas, preconceito, etc., o que ia sendo marcado através de palavras-chave e comentários gerais, pois assim ficava fácil acessá-los quando necessário. Utilizando, para tal intento, a ferramenta de 'localizar' no editor de texto. Isso me propiciava, ainda, constantes releituras do material.

Tendo apresentado o modo pelo qual fui construindo essa pesquisa apresento, a seguir, algumas das análises empreendidas, dissolvidas nos capítulos *Práticas cotidianas de cuidado e controle corporal: submetimentos*, *Racismo, imperativo da saúde e produção dos 'diferentes': o corpo do 'outro' como a 'coisa' impura* e *Olhares produzindo a diminuição do 'outro' – ou do que se sente*.

---

[45] Tópico *Desafioooooooo!!! Uhuuu*, extraído da comunidade *No Food*, datado em 25 jun. 2006.

Práticas cotidianas de cuidado e controle corporal: submetimentos

No artigo *Da ascese à bio-ascese ou do corpo submetido à submissão ao corpo*, Ortega (2002b) procura diferenciar as práticas de bio-ascese contemporâneas, entendidas como práticas de assujeitamento e disciplinamento, das práticas ascéticas da Antigüidade, como práticas de liberdade, e entendidas como "o conjunto mais ou menos coordenado de exercícios disponíveis, recomendados, e até mesmo obrigatórios, ou pelo menos utilizáveis pelos indivíduos em um sistema moral, filosófico e religioso, a fim de atingirem um objetivo espiritual definido" (FOUCAULT, 2004, p.505). Nesse sentido, o autor entende "por 'objetivo espiritual' uma certa mutação, uma certa transfiguração deles mesmos enquanto sujeitos, enquanto sujeitos de ação e enquanto sujeitos de conhecimentos verdadeiros" (ibidem). Poderemos ver, aí, práticas que tem objetivos diferenciados e que, portanto, produzem modos de subjetivação diferenciados também.

Enquanto na ascese da Antigüidade as *práticas de si* tinham por função produzir singularidade, sujeitos resistentes às representações exteriores, constituindo-se como sujeitos éticos, podemos ver, no entanto, que as novas práticas de bio-ascese contemporâneas expressam o desejo de uniformização, adequação a esquemas e lógicas compostos, modos de existência em que aparece como prioridade a saúde e a perfeição corporal (ORTEGA, 2002b). Como o referido autor afirma: "A idéia de uma ascese exclusivamente corporal, as bio-asceses contemporâneas, é completamente estranha para o pensamento antigo" (p.145).

Ora, se compreendemos que as práticas de bio-ascese – assim como outras práticas – têm de ser vistas como irrupções datadas e situadas no interior de formações discursivas – o que possibilita que certas coisas sejam ditas e consideradas como verdadeiras num contexto específico – então compreender as transmutações

nas sociabilidades contemporâneas é imprescindível. A dinâmica social atualiza-se e novas formas de sociabilidade são experimentadas. Nesse sentido, o que Ortega (2006) profere como biossociabilidade são as "novas formas de sociabilidade surgidas a partir da interação do capital com as biotecnologias e a medicina" (p.42-43). O que a move são interesses privados, pois não se assemelham a aglomerações tradicionais, tais como as relacionadas à raça, orientação política, classe, estamento. Logo, o que transversaliza a esfera social são sociabilidades marcadas "segundo critérios de saúde, performances corporais, doenças específicas, longevidade etc." (idem, p.43).

A biossociabilidade dá vazão, portanto, a agrupamentos diferenciados, que se articulam em torno de temas que põem a dimensão corporal em primeira escala. É nesse escopo que comunidades do *orkut* e *blogs* – que, numa rede articulada, tornam-se comunidades – tem sido lugares privilegiados para a discussão de práticas que produzem e alimentam essa lógica. Nos ciberespaços selecionados para a composição deste estudo tende-se a salientar, portanto, preocupações que seus participantes e mantenedores manifestam sobre imagem corporal. Expressam, em suma, uma preocupação com a aparência, com o olhar que os outros põem sobre si ao invés das preocupações que envolviam os gregos, de inquietação frente ao seu ser. Poderíamos, aqui, fazer uma contraposição entre a dietética para os gregos – entendida como um "regime geral de existência do corpo e da alma", como "uma das formas capitais do cuidado de si" (FOUCAULT, 2004, p.74) – e os infinitos cuidados com o corpo de agora, em que trocamos, ao que parece, um cuidado de si como forma de relacionar-se e inquietar-se consigo mesmo para preocupações sobre ações individuais que giram em torno de como obter um corpo fisicamente melhor, como adiar a velhice e prolongar a juventude, etc. Afinal, "Força, rigidez, juventude, longevidade, saúde, beleza são os novos critérios que avaliam o valor da pessoa e condicionam suas ações" (ORTEGA, 2002b, p.157).

Os termos biossociabilidade e bioidentidade – a qual aponta a preponderância da dimensão corporal em nossa constituição identitária – são

decorrentes de transformações que apontam para uma maior centralidade de características biológicas para 'definir' os sujeitos. Biossociabilidade está conectada, além disso, a modificações relacionadas aos laços sociais, pois se trata de ressignificações operadas sobre tais laços que podem ser relacionadas à comunidade. Como uma forma de relação social, a comunidade invoca relações travadas entre diferentes sujeitos. Interessante pensarmos as comunidades do *orkut* e *blogs* abordados nesse estudo, portanto, como comunidades estéticas, pois visam à uniformidade e adequação, girando em torno de temas atualizados, constantemente, pela biossociabilidade, tais como: beleza, saúde, juventude, aparência, etc. Comunidade estética é uma analogia que Bauman (2003) faz à Kant, referindo que "como a beleza, [a identidade] não tem outro fundamento que não o acordo amplamente compartilhado, explícito ou tácito, expresso numa aprovação consensual do juízo ou em conduta uniforme" (p.62). Entendendo-as como comunidades que servem à produção de identidades, uma vez que as relações travadas atuam nos modos pelos quais cada sujeito dá sentido a si e aos outros, podemos assinalar, ainda, que "A necessidade da comunidade estética gerada pela ocupação com a identidade é o campo preferencial que alimenta a indústria do entretenimento" (p.63). Como exemplo de comunidade estética o autor cita a indústria do entretenimento, em especial o mundo das celebridades.

Entretanto, nem todas as comunidades estéticas dizem respeito apenas a celebridades. Bauman (2003) cita outras, como comunidades que se formam a partir de algum tema que acomete muitos, como a violência urbana, a caça de algum pedófilo à solta, ou mesmo os vigilantes do peso, entre outros. As comunidades estéticas estariam implicadas em aglomerações com laços efêmeros e superficiais entre seus membros, desobrigados de responsabilidades éticas e compromissos de longo prazo. Assim: "Quaisquer que sejam os laços estabelecidos na explosiva e breve vida da comunidade estética, eles não vinculam verdadeiramente: eles são literalmente 'vínculos sem conseqüências'". (p.67). Desse modo, podemos discorrer

que comunidades *online* tendem a intensificar essa volatilidade com que são compostas e esquecidas, pois a facilidade de estar conectado ou não a elas aumenta conforme a sua fluidez. Isso se reflete no constante trânsito com que membros de comunidades do *orkut* entram e saem de comunidades, vindo e indo à procura de variados interesses; ou mesmo na vida curta de *blogs,* os quais deixam de ser atualizados e, muitas vezes, rompem a rede de relações estabelecidas. Afinal, como assinala Bauman (2003, p.67):

> Todos esses agentes, eventos e interesses servem como "cabides" em que as aflições e preocupações experimentadas e enfrentadas individualmente são temporariamente penduradas por grande número de indivíduos – para serem retomadas em seguida e penduradas alhures: por essa razão as comunidades estéticas podem ser chamadas de "comunidades-cabide". Qualquer que seja o foco, a característica comum das comunidades estéticas é a natureza superficial, perfunctória e transitória dos laços que surgem entre seus participantes. Os laços são descartáveis e pouco duradouros. Como está entendido e foi acertado de antemão que esses laços podem ser desmanchados, eles provocam poucas incoveniências e não são temidos.

O autor ainda refere que a busca de muitos sujeitos é por uma comunidade ética, a qual se distancia (e muito) de comunidades estéticas, pois a primeira seria composta de compartilhamento fraterno e segurança a seus membros. São, portanto, dois conceitos distintos de comunidade: uma marcadamente acentuada por padrões da biossociabilidade e, por isso, visa relações mais transitórias, permeada por aspectos materiais e corpóreos; a outra envolve a questão da responsabilização pelo bem comum, pelo outro. Assim, as referidas comunidades envolvem modos de convivências diferenciados, pois os elos que os unem visam objetivos que destoam.

Importante salientar, ainda, que muitas comunidades do *orkut* – enquanto comunidades estéticas – foram criadas a partir do falecimento, em novembro de 2006, de uma modelo brasileira devido a complicações da anorexia nervosa. Esse caso, que teve grande visibilidade na mídia brasileira e internacional – dentro de uma conjuntura maior, tendo em vista que em meados de setembro de 2006, modelos

excessivamente magras foram proibidas de desfilar na Semana da Moda de Madri, na Espanha e, anteriormente, o falecimento de uma modelo uruguaia em plena passarela devido a um fulminante ataque cardíaco em decorrência da anorexia... –, impulsionou uma grande variedade de comunidades sobre o tema, envolvendo discussões sobre transtornos alimentares, tais como a anorexia e bulimia.

Frente ao crescente aumento de comunidades sobre dietas, contagem de calorias, pró-anorexia e bulimia, etc., é inegável o quanto o debate midiático atua como um poderoso produtor de ações sobre tais temas. A partir de uma perspectiva teórica diferenciada da que adoto nesse estudo, Weinberg e Cordás (2006) referem, a partir de uma historiografia sobre o conceito de anorexia nervosa, que o aumento de diagnósticos da referida doença atualmente seja conseqüência da maior informação sobre tal enfermidade, pois muitos pacientes desenvolvem a desordem após terem algum tipo de informação a respeito. Assim, "Depoimentos de jovens que fazem restrição e/ou purgação, revistas que divulgam dietas e fazem apologia do 'corpo perfeito', páginas na Internet que promovem o transtorno, associando-o a um 'estilo de vida'" (p.102), entre tantos outros lugares, "poderiam ser apontados, então, como agentes provocativos ou disparadores, responsáveis, de certa forma, pelo aumento da incidência e precocidade no aparecimento do transtorno" (idem). Creio, todavia, que tais artefatos, construídos através de certas ordens do discurso, não sejam simples "agentes provocativos ou disparadores" da anorexia nervosa, mas agentes importantes na produção de tal transtorno em mulheres, principalmente, uma vez que "Trata-se de modos de existência que [. . .] não apenas 'refletem' o que ocorre na sociedade [ou em seus genes], mas se constituem eles mesmos como modos de vida produzidos no espaço específico da TV e da mídia de um modo geral." (FISCHER, 2001, p.18-19). Cabe salientar, nesse sentido, o papel do que foi referido como 'informação' e que, penso, poderia ser mais bem nomeado como uma maior publicização de tais problemáticas na mídia uma vez que tornar tais temas públicos – porque expostos à mídia – implica em operar modificações na esfera social em função

de tais exposições, as quais têm um papel fundamental nos modos de existência produzidos num tempo no qual as tecnologias de informação e comunicação adquirem uma centralidade ímpar em nossas vidas cotidianas.

Precisamente, com o crescente aumento de confissões na *web* sobre anorexia, por exemplo, o que vemos é uma identificação cada vez maior com tal transtorno alimentar. Decorrência de estratégias que atrelam cada sujeito a aspirações de perfeições corporais e emagrecimento, em consonância com a ojeriza à gordura. Como a *orkuteira* Acid – 29 nov. 2006 – mesma relata, no tópico *desabafo! (por favor, espero respostas!)* da comunidade *No Food*: `comecei a me identificar com as comunidades anna`[46] `e fui parando, parando, parando de comer.. remedios inibidores, caminhadas.. enfim, consegui! hoje to com 52,2 kg (1.65), tao falando que to doente, mas eu to feliz e isso que importa! mas ja nao consigo parar de fazer dieta por medo de engordar, sabe? e ainda quero chegar nos 45kg!` Logo, a visibilização desse tema não gera, por conseqüência, uma redução de tal mal – o que poderia de fato ocorrer através de uma multiplicidade de estratégias diferenciadas e articuladas –, posto que a visibilização de si e dos outros – nesse caso outros a que essas mulheres aspiram se aproximar, enquanto outros próximos – sugere um crescente controle sobre si.

Em *Vigiar e Punir* Foucault (2001) nos convida a pensar que a nossa sociedade constitui-se como sendo prioritariamente da vigilância e menos do espetáculo. Acionando o panóptico, de Bentham, mostra que o fato da vigilância poder estar em qualquer e todos os lugares (institucionais), impossibilitando que saibamos em que momento, como e onde estamos sendo vigiados, a auto-vigilância, assim, torna-se regra. Podemos pensar, entretanto, o quanto vigilância e espetáculo se irmanam na atualidade. Isso porque ao internautas se exporem no ciberespaço – tornando-se espetáculo – geram uma vigilância proporcional, o que tenho visto

através das comunidades que vão se armando para se ajudarem mutuamente, se regularem para emagrecerem. O inverso também parece ocorrer, que é a busca por uma auto-regulação e vigilância levarem-nas a participar de comunidades do *orkut* e de *blogs* almejando que isso as ajude em seus objetivos em prol da conquista de perfeições corporais. Vivemos, em suma, numa sociedade que tem em ambos aspectos – espetáculo e vigilância – parte de sua força motriz.

Dentro dessas questões também é proeminente o quanto através das tecnologias de informação e comunicação vemos o advento de novos dispositivos de visibilidade, os quais produzem efeitos nas relações dos sujeitos. Entre esses efeitos, a centralidade com que a criação de identidades têm sido incitadas a serem construídas em relação ao olhar do outro. Exposição essa de projeções que mostram uma maior ênfase em subjetividades exteriorizadas em detrimento a subjetividades aferidas pela interiorização (SIBILIA, 2004). Subjetividades produzidas através da exteriorização de si e das demais, as quais têm em seu cerne a crescente predominância do mercado das aparências, afinal: "Cada vez mais, a subjetividade parece se ancorar na **exterioridade** da pele, nos sinais visíveis emitidos por um corpo que rivaliza constantemente pela captação dos olhares alheios em um mundo saturado de estímulos visuais." (idem, p.70, grifo da autora.).

Bruno (2004) refere-se a alguns deslocamentos em relação às subjetividades. Uma questão diz respeito ao fato da vigilância não querer transformar tanto a interioridade dos sujeitos, mas o seu comportamento, suas ações externas, o que acaba por impedir a ação – impedir a ação de comer, por exemplo, como na comunidade *No Food*. A autora também salienta que "o ato de vigilância não se dá sobre um indivíduo já constituído; ele projeta, antecipa um indivíduo e uma identidade potencial" (p.117). Assim, vigiar para que práticas sejam modificadas e/ou novas sejam produzidas, em prol de subjetividades igualmente novas. Quando

---

[46] Anna e/ou Ana é um apelido posto ao termo anorexia, comumente utilizado por mulheres que se identificam com tal transtorno alimentar.

mulheres projetam imagens de modelos do mundo da moda que gostariam de se assemelhar e, para tal, passam a exercer um controle rigoroso sobre suas práticas, sobre si, vigiando-se, aspiram a aquisição de uma identidade em potencial. A autora menciona, ainda, a exposição ao olhar do outro, que se dá através de *webcams*, *blogs*, *orkut* e outros dispositivos onde se pode praticar a criação de identidades. Vemos uma intimidade em exibição em busca de reconhecimento, num contexto em que o que vale é se mostrar, estar exposto, visível, em pauta, o que garante sentido à existência de muitas pessoas atualmente.

É dentro da lógica de estar 'visível' ao olhar do outro, como forma de celebração de si mesmo, que mulheres vêem em modelos profissionais imagens de si para oferecer aos olhares alheios, garantindo, assim, visibilidade no espaço público. Em relação à discussão das modelos profissionais, é interessante sublinhar a recorrência com que mulheres acionam imagens de celebridades e modelos para compor seus perfis no *orkut* (principalmente as integrantes de comunidades estéticas), uma vez que demonstram tanto identificarem-se com tais imagens quanto almejam alcançar aqueles níveis de suposta perfeição corporal. Se o invólucro corporal que ostentamos parece atestar 'quem nós somos', então almejar assemelhar-se a celebridades faz parte da produção de identidades, tendo em vista que elas servem de norma para muitas mulheres. Não é à toa que a palavra modelo significa "1. Imagem que se quer reproduzir. 2. Tipo; exemplar. 3. Molde. 4. O que serve de exemplo ou norma. 5. Indivíduo exemplar. 6. Indivíduo que posa para estudo prático de pintores ou escultores. 7. Manequim (de moda)." (LUFT, 2000, p. 462). A seguir, exponho uma série de imagens postas nos perfis de mulheres que são membros de comunidades do *orkut* que tratam do tema da anorexia e bulimia:

Åna P®øzÅ€ Gïr£	◎ Estella ◎	jenifer ___	ana	Calleigh

Mianne	Aninhaa*	Eva Luna	Anna	Ana
mia	Izabella	DESATIVADA	*Srta Mianna*	Ana [NF]

Cantoras do grupo musical RBD[47] (Dulce María e Anahí – essa última confessou ter sofrido de anorexia), destinado ao público juvenil, a socialite estadunidense Paris Hilton, a modelo brasileira Carolina Reston (falecida em novembro de 2006 devido complicações da anorexia nervosa), a cantora pop estadunidense Avril Lavigne, a apresentadora e modelo Daniela Cicarelli e a *über model* Gisele Bündchen – ambas brasileiras – (a qual aparece reiteradas vezes), entre outras, pairam sobre as posições que mulheres assumem ao identificarem-se com elas, constituindo suas identidades. Submetidas a tais padrões de beleza, falar em 'escolha' e 'opção' parece querela, pois "somos, na verdade, recrutados para aquela posição ao reconhecê-la por meio de um sistema de representação. O investimento que nela fazemos é, igualmente, um elemento central nesse processo." (WOODWARD, 2000, p.61). As representações, compreendidas "como marca material, como inscrição, como traço" (SILVA, 2001, p.41), são construídas "em relação a sistemas discursivos constituídos por relações de poder que lhes dão sua credibilidade, seu caráter de verdade e sua sustentação." (Idem, 1995, p.199). Desse modo, apenas "adquire[m] sentido por sua inserção numa cadeia diferencial de

[47] O grupo surgiu em 2004, no México. Concomitantemente com o surgimento do grupo musical, também foi produzida a telenovela Rebelde, a qual teve três temporadas e foi exibida no Brasil pelo SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) de agosto de 2005 a dezembro de 2006. Conquistaram, rapidamente, o sucesso e muitos fãs, movimentando, assim, uma enorme quantidade de produtos que ganharam a sua marca.

significantes. Ela é representação de alguma 'coisa' não por sua identidade, coincidência ou correspondência com essa 'coisa', mas por representá-la (por meio de um significante) como diferente de outras 'coisas'" (Idem, 2001, p.41). Assim, por exemplo, representações de modelos e celebridades produzem identificações a partir do momento em que essas imagens são dotadas como possuindo algo – valorizado socialmente, como a beleza – ao qual almejamos nos apoderar. Do mesmo modo, num movimento duplo, essas representações – e nossos apegos a elas – evidenciam aquilo ao qual queremos rejeitar, seja por não nos parecer conveniente, desejável, e por se mostrar estranho a nós, em suma, aquilo que queremos negar, como as imagens de gordura e de uma suposta feiúra, o que produz o apego às representações socialmente validadas.

Percebe-se, assim, que a irmandade entre espetáculo e vigilância, principalmente auto-vigilância, encontra-se nesse processo de identificação com "'celebridades à vista' (celebridades porque estão à vista)" (BAUMAN, 2003, p.63). Além disso, "Graças à imensa capacidade advinda da tecnologia eletrônica, podem ser criados espetáculos que oferecem uma oportunidade de participação e um foco compartilhado de atenção a uma multidão indeterminada de espectadores fisicamente remotos" (idem, p.63), proporcionando que através da "massividade mesma da audiência e à intensidade da atenção, o indivíduo se acha plena e verdadeiramente 'na presença de uma força que é superior a ele e diante da qual ele se curva'" (ibidem). Essas celebridades à vista, movidas com a força midiática e a superexposição, tem o seu poder de atração aumentado conforme o seu tempo de exposição na mídia, a qual as alavanca, produzindo uma massa de sujeitos que, aficcionados pelos seus corpos-imagem, expõem e impõem a si mesmo a máxima de que a sua liberdade está em planejar um corpo a ser ainda construído a fim de buscar semelhanças com os corpos-imagem socialmente valorizados: "De fato, se muitas pessoas as olham com atenção, seu exemplo deve ser 'superior' ao que um simples

espectador ou uma simples espectadora poderia aprender de sua própria experiência de vida". (idem, p.64).

Isso envolve a incessante busca por perfeição corporal, como pode ser melhor evidenciado a seguir, através de excerto da comunidade *No Food*:

> **Tópico:** ***Aconteceu de novo....***
>
> **Aninha** 23/11/2006 16:37 Aconteceu de novo.... Ontem fiz NF[48] e hj, mais uma vez comi compulsivamente! Mas bastou ligar a televisão para a consciencia voltar...No super pop[49] de hoje modelos lindas e magras estão fznd campanha contra a ANA e a MIA..Fácil para elas q tem um corpo perfeito! Senti nojo de mim, do que fiz comigo hj, me enchendo de porcarias,comi feito uma porca!sai correndo para o banheiro na tentativa de tirar de mim todas as porcarias.Vomitei, vomitei,vomitei....mas o nojo ainda não passou! Olho para mim vejo o qnt estou gorda e penso nas top models, perfeitas..tenho que alcançar aquela perfeição!

Ao reiterar que *Olho para mim vejo o qnt estou gorda e penso nas top models, perfeitas..tenho que alcançar aquela perfeição!*, a internauta Aninha está nos mostrando o quanto faz uso de julgamentos e comparações, enquanto estratégias. E se a produção de si se dá em relação a produção dos outros, as estratégias servem tanto para as voltas sobre si que cada sujeito realiza, a fim de alcançar determinados normas, quanto para demarcar e posicionar o outro – tanto o próximo ou distante. Desse modo, a necessidade do outro para a produção de si efetiva-se quando ela nos diz que olha para si, se vê 'gorda' e pensa nas *top models* – ou seja, se compara em relação a elas e dota aquela imagem corporal, aquele ideal de beleza como verdadeiro e capaz de satisfazê-la, de torná-la feliz, pois aí se encontram embutidos uma série de requisitos e ideais para se viver plenamente. Como a idéia de que a magreza proporciona maiores oportunidades de sucesso nos variados segmentos da vida o que, todavia, não parece completamente equivocado, pois pessoas 'gordas' parecem

---

[48] Referência à expressão da língua inglesa *No Food*, que na língua portuguesa endereça à idéia de 'ficar sem comer'.

[49] Programa televisivo da Rede TV, apresentado por Luciana Gimenez.

ter menores chances de conseguir uma boa colocação profissional, possuindo, inclusive, salários menores que pessoas 'magras' em muitos casos[50].

Outra dimensão importante nesse caso refere-se ao papel da televisão, a qual "tem uma participação decisiva na formação das pessoas – mais enfaticamente, na própria constituição do sujeito contemporâneo." (FISCHER, 2001, p.15). Esta participação se dá, em grande escala, na circulação e produção de normas em relação a corporalidade, uma vez "que a TV seria um lugar privilegiado de aprendizagens diversas; aprendemos com ela desde formas de olhar e tratar nosso próprio corpo até modos de estabelecer e de compreender diferenças de gênero (isto é, de como 'são' ou 'devem ser' homens e mulheres), diferenças políticas, econômicas, étnicas, sociais, geracionais." (idem, p.16).

A *orkuteira* Aninha salienta que foi através da veiculação de um programa televisivo que a 'consciência' dela voltou, dando-se conta do quanto tinha comido mal e exageradamente, optando por vomitar devido a sentir nojo do que havia ingerido. Isso assinala que quando a tevê se propõe a exibir um programa que contenha um texto mais questionador permite, como aponta Veiga-Neto (2003), "muitas leituras diferentes", pois "não há uma grande leitura, uma melhor ou mais completa leitura de um texto" (p.74). Ellsworth (2001), analisando modos de endereçamento em filmes, salienta que os espectadores não são, nunca, quem os filmes imaginam que eles são, bem como os filmes não são, também, o que os

---

[50] O Grupo Catho – consultoria de recursos humanos – desenvolveu e divulgou a pesquisa "A Contratação, A Demissão e a Carreira dos Executivos Brasileiros – Edição 2005", realizada entre maio e julho de 2005, envolvendo mais de trinta e um mil executivos brasileiros. De forma irônica, Karlo Gabriel, no *blog* da empresa Catho, refere o seguinte: "A pesquisa aponta que 65% dos presidentes e diretores têm alguma restrição na hora de contratar uma pessoa obesa. Que as aparências contam muito todo mundo sempre soube, mesmo que jurassem que isso não existia. Mas agora o ponto é justamente esse, temos a confirmação que os 'bem cuidados' têm preferência na hora do processo seletivo. De acordo com a pesquisa também, a cada ponto a mais no IMC – Índice de Massa Corporal, no caso de um gerente, ele ganha R$92,00/mês a menos. Com esses dados chegamos a fácil conclusão que ao final do ano, um regime sai mais barato!" (GABRIEL, 2007). A discriminação em relação aos 'obesos' é, portanto, palpável e o sobrepeso ou mesmo o 'excesso' de peso tem influência sobre o salário de funcionários, favorecendo as pessoas 'magras', que obtém, muitas vezes, melhores salários.

espectadores pensam que eles sejam. Tal assertiva cabe, por sua vez, às programações televisivas (bem como às demais pedagogias culturais[51]), uma vez que no excerto citado anteriormente, por exemplo, a telespectadora e internauta Aninha demonstrou o quanto o ensinamento do programa de TV *Super Pop* sobre os males da anorexia e bulimia não foi aprendido do modo que, talvez, o programa desejasse. Há algo entre tal ensinamento e os processos que ocasionam uma certa aprendizagem. Nesse sentido, os modos de endereçamento atuam de forma díspar, possibilitando que os efeitos desejados de tal programação, nesse caso, possam não ser plenamente realizados, tendo em vista que: "Não existe nenhum ajuste exato entre endereço e resposta, o que nos faz concluir que não há como garantir a resposta a um determinado modo de endereçamento." (idem, p.42).

Ora, perturbar, estranhar o que nos é familiar não é algo que, numa relação de causa-efeito, seja efetivado. Portanto, há subjetividades díspares em frente à tela da tevê, impossibilitando que um evento tenha efeitos replicados incessantemente nos sujeitos-espectadores. Do mesmo modo, a repetição de tais ensinamentos pode produzir efeitos cada vez mais satisfatórios se o desejo for de problematizar transtornos alimentares ou, ainda, quando há o incitamento à tais transtornos tanto por intermédio do motejo a figuras 'gordas' quanto pela valorização de padrões corporais que impelem mais pessoas às restrições alimentares hipocalóricas, o que favorece o desenvolvimento de doenças como a anorexia e bulimia nervosas. O que reverbera, por conseguinte, é a evidência de uma rede articulada de interpelações para produzir sujeitos 'magros'. Logo, uma ação ou ações apartadas – como a relatada no excerto anterior, pelo programa televisivo citado – não farão grande diferença se forem ações desconectadas, isoladas, pois a esfera social continua a replicar, de modo geral, o quanto a beleza está para a magreza e que a felicidade advém dela também – como a crescente visibilidade que a televisão dá a

[51] Entendidas como instâncias ou instituições "que, tal como a escola, esteja envolvido – em conexão com relações de poder – no processo de transmissão de atitudes e valores, tais como o cinema, a televisão, as revistas, os museus etc" (SILVA, 2000, p.89).

apresentadoras e atrizes 'magras', descartando as 'gordas' que servem, reiteradas vezes, apenas para as piadas em humorísticos ou outros tipos de produções.

Os aguilhões para a busca de uma perfeição corporal idealizada existem, e produzem efeitos como os seguintes, expostos na comunidade *No Food*, do *orkut*:

> **Tópico:** ***Aconteceu de novo....***
>
> **Lise** 16/11/2006 14:57 Eu acho que cada deve fazer oque bem entender e pronto. Estamos aqui para aprender e viver. De que adianta viver se vivemos infelizes? Bah.. prefiro morrer. A minha infelicidade é ser gorda, sim é fútil mas foda-se. Não acho nada de errado em querer ser magra e bonita. Prefiro morrer tentando do que nunca ter tentando.
>
> **(** 18/11/2006 16:04 é simples...minha felicidade está n MAGREZA e ponto. Nada nem ng vai mudar essa minha "opinião" ,ate gostaria d pensar de outra forma,mas...rsrs , cada um cuidando de sua vida q é melhor !!Acho q somos bem grandinhas p sabermos o q estamos fazendo..já tentei sair dessa uma vez ,e o resultado foi terrivél ,portanto...não vejo lógica em ser "gorda" e fingir q é feliz!

A felicidade conjuga-se com o verbo emagrecer, para se estar magra. Enquanto valor supremo, associado ao estar – enquanto algo que não é perene, pois diz mais respeito a processos identitários – e, por isso, é algo que precisa constantemente ser perseguido. A *orkuteira* de *nickname* Lise salienta que prefere morrer tentando do que nunca ter tentado emagrecer. Logo, aqui temos escritas que põe sobejamente a aparência corporal como valor supremo, diminuindo possíveis buscas em prol da saúde, longevidade... Vemos um extremo, em que é o corpo pelo corpo, uma aparência corporal condizente e em conformidade com os parâmetros idealizados na esfera social, no "dispositivo da magreza" (MARTINS, 2006). Assim, a magreza está para a felicidade do mesmo modo que a gordura está para a infelicidade. Ora, escritas desse tipo nos mostram possíveis significados sobre cada uma dessas duas dimensões, as quais se afetam mutuamente. Enquanto a gordura nos endereça à preguiça, passividade, falta de ânimo, de vontade, entre outros, a magreza nos endereça à atitude, determinação, vontade, capacidade. Separadas por listas de atributos diferenciados, temos o reforçamento de um em contraposição a sua negatividade.

Desse modo, em diversas escritas e imagens utilizadas por *blogueiras* e *orkuteiras* é recorrente a articulação entre o dispositivo da magreza e seus efeitos na constituição dos sujeitos. Dispositivo posto a funcionar midiaticamente, o que justifica que discursos perpassados por questões corporais, por exemplo, ao passarem pelo foco midiático – em especial a televisão –, tenham sua fecundidade majorada. Não é raro me deparar, como já referido, com escritas nas comunidades que versam sobre ideais corporais advindos de imagens de modelos profissionais e celebridades de modo geral. A cada ícone do momento os nomes se atualizam, mas as imagens corporais parecem replicar infinitamente a mesmidade, ou seja: imagens corporais delgadas, jovens, sem celulites, estrias, rugas, manchas, flacidez ou outras possíveis 'imperfeições' corporais...

Esse modelo corporal que impera na sociedade ocidentalizada denota a busca pelo controle, pureza e ordem, máximas construídas pela modernidade que, aliás, parece estar 'encarnada' nestes tempos. Afinal, os enunciados expostos pelas mulheres das comunidades do *orkut* e *blogs* analisados nesse estudo expressam a função de criar e recriar regras de conduta, modos de existência 'normais', submetendo-se a tais regras. Demonstrações, portanto, da tentativa de exterminar a ambivalência, a multiplicidade e a alteridade, colocando *um* modo de *estar sendo* humano como 'normal' para o engrandecimento de alguns em detrimentos dos outros.

Outra questão que creio ser importante é sobre o quanto os discursos corporais são direcionados às mulheres (embora o seu delineamento aos homens não seja nem um pouco desprezível). É do senso comum, aliás, considerar homens 'gordinhos' bonitos, fofinhos, engraçadinhos; posicionamento que não parece se repetir quando se refere às mulheres. Em suma, cuidar do corpo parece ser um padrão de comportamento exigido predominantemente às mulheres por imperar "a idéia de que a beleza está para o feminino, assim como a força está para o masculino" (SANT'ANNA, 1995, p.121). Tal imperativo, entretanto, parece estar se diluindo a

cada dia, uma vez que o acoplamento dos discursos do mercado à beleza amplia as possibilidades de investimento aos gêneros gerando uma tendência a atrelar a beleza também ao masculino – um exemplo disso encontramos no termo metrosexual para nomear os homens que cuidam da aparência de forma mais incisiva.

Nesse sentido, questiono: mulheres, somos assujeitadas a que, *ainda*, na contemporaneidade? Impossível, obviamente, imaginar-nos livres de sujeições. Entendo que dentre um dos mais centrais assujeitamentos contemporâneos está o afeiçoamento a discursos que posicionam as mulheres numa posição de mulher-corpo 'naturalizada'. Ou seja, um atrelamento intenso das mulheres ao corpo. Esse binômio mulher-corpo, aliás, é acionado sobre a divisão binária entre imanência e transcendência em que homens e mulheres são imaginariamente partidos. Estando, nos discursos de modo geral, a imanência (enquanto aquilo que está na materialidade, que é corpóreo) ao lado das mulheres e a transcendência (ligado ao incorpóreo, ao espírito, à razão) ao lado dos homens, somos relacionadas ao espaço privado, doméstico, da maternidade, intuição, passividade, emoção, enquanto os homens são incluídos no espaço público, como sendo dotados de razão, da ação… Embora essas sejam "cristalizações da imagem" que vem sendo constantemente questionadas e problematizadas, elas ainda persistem de uma forma bem astuciosa, e para atentar a isso basta analisar criticamente algumas pedagogias contemporâneas como: certos programas televisivos, campanhas publicitárias – as de cerveja são pródigas nisso –, revistas, músicas, filmes, etc[52].

Tanto a divisão binária referida quanto a idéia de que "as mulheres não tem um sexo, elas são um sexo" (SWAIN, 2007), analisada pela socióloga Colette Guillaumin, acopla os significados do 'ser mulher' ao corpo. O corpo das mulheres é, desse modo, transformado em sexo. Assim, podemos encontrar uma das principais

---

[52] As discussões desse parágrafo referem-se a anotações realizadas no seminário *Feminismos: epistemologia e história*, ministrado pela Profª. Drª. Tania Navarro Swain, em novembro de 2006 no PPGEdu/UFRGS.

condições de possibilidade para o centramento dos discursos corporais normativos sobre as mulheres. Ora, as exigências estéticas são mais endereçadas ao gênero feminino por uma série de razões, entre elas o fato das mulheres serem postas como responsáveis pela sedução e erotismo nas relações amorosas e sexuais – pois é o seu 'corpo' que parece predominar como alvo preferencial nas aproximações com um par amoroso ou sexual.

Importante salientar o quanto somos assujeitadas por padrões de beleza, juventude e, assim, de corpo. Plásticas, próteses, dietas, musculação são palavras que fazem parte do repertório de um número incalculável de mulheres. O complicado é que esses são imperativos que funcionam como uma dobra, pois internalizamos o que vem 'de fora' para 'dentro', nos produzindo e nos tornando sujeitos desses aprisionamentos. Exacerbação de um controle continuado sobre tais sujeitos, uma vez que tal controle não incide somente sobre o corpo mas sobre a própria produção e transformação de subjetividades que, pautadas por tais ações normativas, se avaliam e se julgam tendo como dados comparativos padrões de beleza que desejam alcançar. Tais padrões mostram-se como algo possível e realizável se alguns passos de autogerenciamento forem seguidos, tais como: moderar a alimentação – em alguns casos quase eliminá-la! –, exercitar-se continuamente, amparar-se na miríade de produtos disponíveis para melhorar a aparência física, estar disponível a tortuosas intervenções cirúrgicas, etc., e, acima de tudo, reconhecer-se como alguém que necessita de tais intervenções. É nisso que consiste uma possibilidade de felicidade (alicerçada numa suposta 'liberdade' de gerir e transformar o corpo que, ao mesmo tempo, nos submete a tantos controles mesmo após a 'aposentadoria' dos espartilhos)? Do modo como estamos sendo produzidos na contemporaneidade, tal questão parece evidenciar o quanto o conceito de felicidade é mutável e independe de uma vontade 'genuína', pois é mais da ordem da fabricação, da produção em consonância com discursos que estão circulando num tempo-espaço determinado.

Entretanto, se o discurso é algo que queremos nos apoderar, cabe contestar os discursos que tentam se dotar como o 'novo', a 'via alternativa', a 'solução' para nossos eventuais problemas e dificuldades, pois "embora seus pontos de aplicação possam mudar, a função permanece; e o princípio de um deslocamento encontra-se sem cessar reposto em jogo" (FOUCAULT, 2000, p.23). Relembro, aqui, o quanto os discursos que visavam 'liberar os corpos' das mulheres, por exemplo, reativou formas de controle que eram postas em ação quando se usava espartilho, dentre outros aparatos. Embora seja necessário se considerar as inúmeras 'aberturas' conquistadas pelas mulheres ao longo do tempo, o que quero me referir é o quanto a atualização de discursos opera no sentido que Foucault nos alertou, pois talvez não tenha se tratado de adquirir mais "práticas de liberdade" desde aí, mas em reatualizar discursos que, aplicados de outros modos, não cessam de exercer controle (um controle que, nesse caso, deslocou-se da repressão para estimulação). Hoje podemos dizer que somos vítimas de outras tiranias, as quais se investem para dentro de nós, seja na construção do desejo de nos reavaliarmos incessantemente, ou em atualizarmos nossos corpos por intermédio dos aparatos que nos estão disponíveis. Há de se levar em conta, portanto, que "as grandes mutações científicas [ou mesmo as aparentes grandes modificações das ordens do discurso] podem talvez ser lidas, às vezes, como conseqüências de uma descoberta, mas podem também ser lidas como a aparição de novas formas na vontade de verdade" (idem, p.16).

Recordo-me, nesse instante, da célebre frase de Simone de Beauvoir: "não se nasce mulher, se faz mulher". Logo, 'ser' mulher é algo que passa pela fabricação nas redes da cultura, o que justifica a multiplicidade de modos de 'ser' (ou melhor, *estar sendo*) mulher… Cabe salientar, na esteira de tal consideração, que o feminismo (movimento que se originou no século XIX) veio responder a uma urgência, mais especificamente a de contribuir para a criação de modos outros de vida para as mulheres menos demarcados pela imposição patriarcal. "Críticas da definição biológica da mulher como estreitamente vinculada ao útero, da maternidade

obrigatória e da mistificação da esfera privada do lar, elas têm lutado para que outras formas de invenção de si se tornem possíveis para as próprias mulheres. (RAGO, 2006, p.166). Como uma atualização do feminismo, penso que uma das suas maiores urgências atuais está em incentivar produções éticas de si às mulheres, principalmente levando em conta os grilhões que fazem nos submeter a uma imagem corporal normativa – 'magra', sensual, jovem, de preferência loira... Ora, os discursos normativos sobre o corpo parecem ser um dos nossos maiores submetimentos. Se vivemos em meio a condições de possibilidade, então que tal aproveitarmos para, cotidianamente, rompermos fronteiras, amarras e amordaçamentos que nos convocam a sermos assujeitadas à tríade mulher-corpo-sexo? Cada vez mais parece necessário enfrentar o poder-saber onde ele é mais insidioso, que é nos modos de vida que ele produz.

Dito isso, reafirmo que nada mais aprisionador dos modos de viver a 'condição de mulher' do que os discursos que dizem de nós ao dizer sobre o nosso corpo. Cada vez mais o mundo é atravessado por morais que tratam desse domínio. *Emagrecer só depende de você*, *Não há como ser gorda e ser feliz*, etc., são frases que costumo ler em comunidades do *orkut* sobre emagrecimento, pró-anorexia e bulimia, entre outras, e também em *blogs* de emagrecimento na *web*. Um tipo de moral que se aciona a centralidade da aparência para os sujeitos contemporâneos. Cada vez mais parecemos ser aquilo que aparentamos. Então, estar 'gorda', por exemplo, demonstraria uma negligência de si, uma falta de vontade, de autocontrole sobre si, sobre a sua vida.

Dentro disso, é proeminente as relações estabelecidas entre mulheres e beleza. O excerto a seguir, da comunidade *No Food*, do *orkut*, nos mostra o quanto ser 'magra' é algo sonhado, almejado, cobiçado...

> **Tópico:** ***sonho de ser magra***
>
> **barbie** 27/11/2006 18:55 Emagrecer pra mim significa mto ...nem sei cm eh ser magra , pra mim significa poder vestir as roupas da moda , naum ter vergonha de mim e de

> meu corpo , naum me privar mais de sair p/ me divertir , ateh msm sentir receio de brigar c/ uma pessoa e essa pessoa te ofender na frente de td mundo te chamando de gorda e outros apelidos que jah sei de cor dez da infância , significa ser livre .Acho q tbm significa mto pq os homens vao poder me olhar cm uma mulher e naum cm uma mulher c/ uma doença contagiosa , os homens agem cm se eu fosse um vegetal nem chegam perto de mim ...ateh as mulheres tem um pouko de preconceito , parecem q estão sempre kerendo mostrar o qto são melhores do q eu e q podem mto mais doq eu na minha frente ...isso qdo falam comigo pq na boa mta gente tem preconceito .... Pra mim emagrecer significa mto mais q aparência superficial significa poder ter coragem p/ encarar o mundo em busca da minha felicidade !!!

Ser magra possibilita à internauta Barbie – com um *nickname* bem esclarecedor quanto aos seus desejos corporais e identitários – se livrar de constrangimentos, pois parece que o que de mais vexatório é possível de ser possuído é uma imagem corporal sem sintonia com a atmosfera cultural do momento. É não ser identificada como participando da cultura global que incita à beleza, magreza e juventude. Ela parece querer fazer parte de algo (e, ao mesmo tempo, desvincular-se do 'algo' em que faz parte nesse momento): estar em sintonia com a moda – adequando-se aos seus padrões; não ter vergonha de si mesma por estar 'gorda' e, portanto, visível, exposta às ofensas que advém dessa 'condição'; poder se locomover livremente, sem medos por ser apontada pelos outros nos espaços públicos; ser alvo em potencial das aproximações masculinas, que devido à sua gordura a tratam com uma perturbadora indiferença e até mesmo desprezo; não sofrer com o desdém feminino, nem com as comparações advindas. Mostra-nos o quanto sua capacidade de viver intensa e livremente é obstruída por sua dimensão corporal e o quanto 'ser magra' poderia lhe possibilitar livrar-se de tantas amarras que a prendem num corpo socialmente desvalorizado. Uma idéia de liberdade que, paradoxalmente, a prende à normatividade quando a questão é a imagem corporal. 'Liberdade' para adequar-se e, assim, poder escolher livremente suas roupas, não ter mais vergonha de si mesma, pode sair para se divertir (não se privando mais de coisas desse tipo), não ser mais alvo em potencial de gozações e humilhações, sentir-se desejada, admirada, enfim, incluída no rol dos 'afortunados', dos que não vêem a

sua vida passar diante de si mesmo, mas que vão com ela, adentram os caminhos da 'felicidade' porque são 'iguais', 'normais'. Como Barbie refere: `emagrecer significa mto mais q aparência superficial significa poder ter coragem p/ encarar o mundo em busca da minha felicidade.`

Cabe salientar que não se trata nem da idéia de liberdade como revolução, nem de uma liberdade realizável por intermédio de pequenas revoltas diárias, como possibilidade de sermos-de-outro-modo-daquilo-que-estamos-sendo, ou seja, nos tornarmos outra coisa daquilo que a cultura nos convoca a ser. O que vemos, como um contraponto, é a afirmação de um tipo de liberdade associada à condição de realizar escolhas que acreditamos ser, insuspeitavelmente, nossas. Dentro dessas questões cabe destacar que são 'escolhas' que gravitam sobejamente em torno de excessiva valorização de práticas de controle corporal as quais são, como assinala Ortega (2006), individualistas e apolíticas práticas de bio-ascese. Apolíticas no sentido de que o encharcamento da esfera pública por questões privadas não nos mobiliza a lutas que teriam efeitos a todos, mas faz adentrar no espaço público questões que são de preocupações ditas individuais. Se decorre desse processo um esvaziamento do espaço público – que é espaço político – a despolitização é latente: `Sabe Kra esse lance d querer ajudar os outros é furada, é perca d tempo, infelizmente ñ do conta d cuidar de mha vida direito e por isso tb ñ fico querendo dar conselhinhos aos outros`[53]. Embora possamos considerar *blogs* e comunidades do *orkut* como espaço público – ao passo que *MSN* e e-mail se incluiriam no espaço privado do ciberespaço – cabe salientar que as comunidades e *blogs* analisadas são apolíticas, de modo geral, no sentido que "Falta nelas a preocupação com o outro e com o bem comum." (idem, p.48). Se as preocupações atuais versam sobejamente sobre o corpo, onde foi parar a preocupação com o mundo, que é a base mesma da política? Como argumenta uma *orkuteira*, na comunidade *No Food*, no tópico *Nossa gente... dizem que essa moça morreu:*

---

[53] Extraído da comunidade do *orkut* intitulada *No Food*, no tópico *Anoréxicas não atraem, muito pelo contrário.*

> **Anônimo** 16/11/2006 05:29 [. . .] meninas sempre venho buscar apoio em comunidades como essa pra ter forças... a gente se ajuda a conseguir seguir em frente, pra alcansar o nosso objetivo... tbm temos q nos ajudar a ter a conciencia de q tem uma hra q precisamos parar! bem essa é a minha opnião... eu pensei mto na minha mae quando vi essa historia da modelo que morreu... pensem nas pessoas q vcs amam tbm... *as vezes somos mto egoistas e só pensamos na gente mesmo...* (Grifos meus).

Um egoísmo porque as preocupações em torno de chegar a um ideal construído de perfeição corporal contribuem para que esse seja o foco central da vida de muitas pessoas, o que certifica a tese de Ortega (2006), de que as utopias sociais vem sendo substituídas pelas utopias corporais. Buscas de realização de um ideal corporal, tornando o outro inexistente nesse centramento a si mesmo. Como assinala Ortega (idem, p.54): "Buscamos no corpo uma confirmação e uma verdade sobre nós mesmos que a sociedade não nos oferece. As marcas corporais localizam no corpo os critérios de avaliação subjetiva, o que é certo e errado." Vivemos, assim, num ambiente de incerteza e desconfiança ininterruptas, alçando às marcas corporais a possibilidade de cercear alguma realidade e constância possível. Constrói-se, assim, "uma ficção de liberdade e autonomia pessoal." (ibidem).

Desse modo, os atuais cuidados corporais de agora tendem a ser pensados como o ápice da liberdade individual, pois nunca como antes foi tão possível planejar e construir o corpo que coloniza os nossos sonhos. Essa atmosfera cultural possibilita que a cada dia surjam mais pessoas que, à procura de médicos para a realização de cirurgias plásticas, tragam consigo imagens de celebridades com que querem se assemelhar; seja no nariz, lábio, seios, nádegas, etc. Um mercado que põe a nosso dispor – conforme as possibilidades financeiras de nele adentrar – uma 'liberdade' de gerir o próprio corpo, inflá-lo e planejá-lo em detalhes. Um tipo de liberdade (pós-moderna) que mostra-se como uma constante adequação às normas vigentes. Para adequar-se, então, é imprescindível uma busca que nunca cessa, intensificando o controle. Tal liberdade é inflada pelo desejo de 'inclusão' – fazer parte de um grupo, estar corporalmente em sintonia com inúmeros ditames. Bauman (2003) salienta, nesse sentido, sobre a necessidade sentida pelos sujeitos de pertencer a alguma

comunidade, como uma busca de sentir-se confortável e de, apesar de prezar a sua autonomia individual, não sentir-se sós. A busca por manter relações com algum outro seria, então, uma das motivações para a busca da formação de comunidade. Formação, produção, fabricação, pois comunidade não é algo que se dê tranquilamente, não é algo 'natural', pois é fruto de construção constante, de negociações entre os pares. A comunidade dos 'sonhos' seria composta pelos 'mesmos', ou seja, por sujeitos que seriam semelhantes – atingindo o seu desejo de 'inclusão' (ainda que temporariamente!).

Dentre as técnicas de si que produzem sujeitos sujeitados a discursos corporais, de beleza e juventude, as interligações dos sujeitos ao controle – que nas voltas sobre si que realizam transforma-se em autocontrole – é o mais invocado. Autocontrole na hora de comer (ou não comer), para a realização de exercícios e atividades físicas, para as constantes medições e comparações, etc., pois para alcançar os ideais corporais almejados, o ajustamento a tais práticas normativas são condição *sine qua non*. Nesse sentido, nessas comunidades cada dia que se passa sem perder o autocontrole é dito como uma vitória importante: `<< PIZZA >> Acabo de Resistir!!! Gentem oq vc´s Fazem .. Eu no maior NF que eu ja fiz.. quase 3 dias ^^ indo super bem.. meus pais pedem pizza.. eu quase choro.. AAA.. q droga nao comi. e to feliz XD agora fika com vontade ..vale a pena XD  amanha continuo!!!`[54]

Visibilizar conjuga-se com controlar – estar exposto a, suscetível a, mais controlado a. Nesse sentido, as discussões sobre a questão dos sujeitos nos mostram que ser sujeito a. As participantes das comunidades do *orkut* e mantenedoras de *blogs* sobre tais temas são sujeitos de discursos que as expõem e delineiam como alvos privilegiados de uma série de práticas que, submetendo-as a um constante escrutínio de si mesmas, as controla. Assim, deixar de comer uma pizza, resistir às tentações da comida, então, se torna uma vitória importante, já que elas têm que vencer a cada dia

[54] Comunidade *No Food*, no tópico *<< PIZZA >> Acabo de Resistir!!!*

os seus 'obstáculos' frente ao permanecer 'sem comer' por mais tempo. Em outro tópico, da comunidade *No Food*, temos o seguinte:

> **Tópico:** ***Querem emagrecer???? Se controle então!!!!!!!***
>
> **Cristal** 06/03/2006 21:49 A gente tem que *aprender a ter autocontrole*, pois sem issso a gente ñ vai pra frente, pois será que vale à pena de embuchar de comida e depois sentir o estoamago inflar que nem toda gorda? Vcs querem ser mais uma desse jeito? Vamos nos incentivar aqui, ajudar umas às outras, pois só assim vamos conseguir alcançar os nossos objetivos, que é emagrecer para ser feliz, principalmente pela gente mesmo, pois dar alegria para a gente é fundamental. Se olhar no espelho e se sentir bem ñ tem preço!!!!!!!! *Ter autocontrole é dizer NÃOOOOOOOOOOOOOO, eu NÃOOOOOOOOOOOOOO quero ser gorda, eu POSSO ficar sem isso, eu CONSIGO!!!! Se controlem!!!! Issso ninguém vai conseguir fazer por vcs, pois DEPENDE DE VCS!! E pa realizar isso nada melhor do que vcs se analisarem no dia a dia, vendo no que estão conseguindo melhorar e no que naão. Vigilância!!! Eu luto todo o dia comigo mesma e to conseguindo. Se eu posso, vcs tb podem, depende de vcs! Ñ arraumem outros culpados, tipo a mãe, o namorado... pensem no que vale para vcs!* (Grifos meus).

Além disso, quando a *orkuteira* Cristal refere que *A gente tem que aprender a ter autocontrole*, está salientando uma discussão importante de ser dita, que essas questões passam por uma aprendizagem. O autocontrole não é algo que pode ser utilizado a qualquer momento, mas algo a ser aprendido através de diferentes técnicas e práticas de si se aprende, visando sempre um objetivo definido, que nesse caso é o constante emagrecimento. A repetição do pronome pessoal eu, por sua vez, endereça à questão do quanto esses processos de aprendizagem envolvendo o emagrecimento é algo que depende da própria pessoa, de si mesmo, conforme acreditam. Ela diz: eu NÃOOOOOOOOOOOOOO quero ser gorda, eu POSSO ficar sem isso, eu CONSIGO!!!! Se controlem!!!! Dentro disso, temos a questão de que "só é gordo quem quer", como tão bem nos é ensinado em diferentes anúncios publicitários sobre emagrecimento, por exemplo. Principalmente quando ela relata: Issso ninguém vai conseguir fazer por vcs, pois DEPENDE DE VCS!! Cabe destacar, ainda, a questão da análise, o qual pode ser conectado à idéia do exame sobre si mesmo: E pa realizar isso nada melhor do que vcs se analisarem no dia a dia, vendo no que estão

conseguindo melhorar e no que naão. Vigilância!!! Eu luto todo o dia comigo mesma e to conseguindo.

A máxima de que é preciso "conhecer para governar" encontra aceitação também na *web*. Nesse espaço específico, *orkuteiras* e *blogueiras* buscam um melhor conhecimento sobre si, decifrando-se. Isso ocorre, por exemplo, através das escritas nas formas de diários na *web*. O autocontrole, dentro das tecnologias do eu, atua para produzir os autocontroláveis sujeitos contemporâneos. Estratégia que não incide somente através de um controle que lhes é externo, enquanto "tecnologias de dominação", mas que se ajusta às tecnologias do eu. O que vemos é a produção de um sujeito autocontrolável e, portanto, autogovernável. Assim, "tornam-se importantes as formas de conhecimento, só que desta vez, dirigidas ao conhecimento do próprio eu. Se para governar é preciso conhecer os indivíduos a serem governados, para auto-governar-se é necessário conhecer-se a si próprio. Daí o estímulo a técnicas de auto-conhecimento e a suas formas concretas, materiais, de expressão: diários, auto-exame, confissões, auto-avaliação..." (SILVA, 1995, p.192).

Tais questões corroboram o quanto a produção dos sujeitos ligada ao seu corpo não ocorre apenas por objetivações na cultura, mas, complementarmente, também por subjetivações – enquanto processos imbricados –, ou seja, pelos modos como os indivíduos se relacionam consigo a partir dessas objetivações que, enquanto fruto de discursos específicos, produzem e medeiam as relações que esses estabelecem consigo mesmo. Essa dimensão pode ser vista nos materiais analisados nesse estudo, através das práticas narradas, as quais nos mostram aplicações sobre si de certas relações com o saber e com o poder – exercendo sobre si determinadas ações –, produzindo-se no interior de redes discursivas.

A questão da aprendizagem está envolvida, portanto, nesses processos de *tornar-se* 'magra', ou mesmo *tornar-se* anoréxica ou bulímica. Nesse sentido, é importante referir que compreendo aprender como dotar a si mesmo de algo que lhe era estranho, externo; é fazer de algo, algo seu. Produzir-se enquanto sujeito de

determinado discurso – os que envolvem as normalizações corporais contemporâneas, e.g – é algo que passa por processos de aprendizagem, efetivados, nesse caso, através de técnicas de si. Como Gros (2004, p.620) afirma: "o sujeito se autoconstitui ajudando-se com técnicas de si, no lugar de ser constituído por técnicas de dominação (Poder) ou técnicas discursivas (Saber)." Daí a importância de tais técnicas e aprendizagens para a produção do que nós estamos sendo.

Desse modo, é produtivo pensar os ciberespaços analisados nesse estudo como dispositivos pedagógicos, compreendidos no sentido proposto por Larrosa (1994, p.57): "Qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo." Relações travadas via *MSN*, *blogs*, *orkut*, conversas através de *email*, jogos eletrônicos, etc., podem ser consideradas práticas pedagógicas "sempre que esteja[m] orientado[s] à constituição ou à transformação da maneira pela qual as pessoas se descrevem, se narram, se julgam ou se controlam a si mesmas." (ibidem). O que venho tratando nesse capítulo são práticas de cuidado e controle corporal que, enquanto práticas pedagógicas, constroem e medeiam as relações que os sujeitos estabelecem consigo, as quais são movidas através de cinco dimensões pertencentes aos dispositivos pedagógicos, quais sejam: ver-se, expressar-se, narrar-se, julgar-se e dominar-se (LARROSA, 1994) e anunciam – no caso desse estudo –, mais do que "práticas de liberdade", rigorosos submetimentos que ligam cada sujeito a imagens corporais normativas.

Dito isso, cabe mencionar processos de aprendizagem que desencadeiam certo engajamento no 'estilo de vida' proporcionado pela anorexia ou mesmo no submetimento a rigorosas dietas, como as que incluem 60, 200, 300 ou 600 calorias diárias. Em comunidades do *orkut* de emagrecimento que acompanhei durante essa pesquisa notei que as integrantes dessas comunidades as vêem como possibilidade de adquirir uma força maior para emagrecer, pois os elos que as ligam entre si – dentro da idéia de comunidade estética, discutida no início desse capítulo –, os quais envolvem compartilhamento de dúvidas, vitórias, cobranças mútuas, acordos, entre

outras estratégias, contribuem para que persigam seus objetivos. Sair dessa comunidade, então, pode atuar de modo contrário, como afirma a *orkuteira* Natália, na comunidade *No Food*: `Gente minha história é absurda!!!Eu fazia parte dessa comu,qria emagrecer!Sai da comu e ganhei 7kls!!!Estou de volta e nunk + vou sair!!!`

Entretanto, ainda é necessário sublinhar que nessas comunidades há mulheres nomeadas (por outras e/ou por si próprias) como anoréxicas, bulímicas e ainda aquelas que, embora não possam ser nomeadas do mesmo modo como as anteriores, entram nessas comunidades para emagrecer sem ligar-se a tais transtornos alimentares. Há limites definidos entre as diferenças que circundam tais mulheres. A anorexia nervosa é um transtorno alimentar marcado pela limitação na ingestão de alimentos, estando associado à obsessão pela magreza e, portanto, também ao doentio medo de engordar[55]. A bulimia, por sua vez, consiste em compulsões alimentares periódicas e, do mesmo modo, métodos compensatórios para impedir ganho de peso – como vômitos e/ou uso de laxantes, o que pode ocorrer, inclusive, em casos de anorexia. Ambas envolvem distorções da imagem corporal, pois as mulheres com tais transtornos tendem a achar-se 'gordas' mesmo estando, no caso das anoréxicas, (excessivamente) 'magras' ou mesmo ao verem protuberâncias localizadas em alguma parte específica do corpo, como a barriga ou os glúteos. Tais transtornos estão se difundindo de forma alarmante, alavancadas por todo um contexto, o qual venho ressaltando ao longo desse estudo – a valorização de corpos 'magros, sarados, atraentes, jovens, belos' e a conseqüente desvalorização de corpos 'gordos, flácidos, enrugados, feios', entre outros. De modo geral, como salienta Costa (2005, p.19): "O lado nocivo da obsessão pelo corpo é inegável. Ele aparece na estigmatização dos que desviam da norma somática ideal, na proliferação

[55] Para maiores informações sobre anorexia nervosa vide Weinberg e Cordás (2006). Veja também Psiqweb (2007a, 2007b) para saber mais sobre anorexia e bulimia nervosa. Para compreender de modo geral tais questões ver Damico (2004).

dos transtornos da imagem corporal e na submissão compulsiva à moda publicitária."

Embora esse estudo não se refira diretamente a tais transtornos alimentares, trago essas discussões tendo em vista o fato de que em comunidades analisadas que versam em torno de discussões sobre dietas de emagrecimento, é muito proeminente mulheres se nomearem como anoréxicas ou bulímicas e, ainda, outras querendo aprender a ter tais transtornos para emagrecerem de maneira 'satisfatória'. Dito isso, cumpre registrar que "A anorexia surge em 45% dos casos após dieta de emagrecimento" (PSIQWEB, 2007a). Identifiquei que muitas mulheres que se nomeiam anoréxicas dizem ter começado com dietas de emagrecimento. Assim, muitas mulheres adentram em comunidades do *orkut* para aprender a ser anoréxicas e/ou bulímicas. Podemos fazer uma associação, então, da anorexia como 'estilo de vida', ou seja, como a adoção de um determinado modo de viver, o que contribui para que tais sujeitos não vejam os seus posicionamentos como doença, mas como um modo de vida que elas 'optaram' a ter. Tal termo é utilizado no sentido de banalizar, no cotidiano de suas vidas, essa prática obsessiva de *tornar-se* magra.

Tais questões levam-me a desconfiar de discursos e explicações científicas que se centram numa elevada definição genética para a ocorrência de tais transtornos alimentares[56] - ou ainda aqueles que, não tendo como negar a incidência fortemente marcada da cultura, indicam uma maior quantidade de porcentagem à genética – pois o que tenho visto – num grupo determinado e situado, cumpre ressaltar – é o quanto a cultura intervém nesses processos de tornar-se anoréxica, no caso. Sublinho, assim, o quanto muitas mulheres adentram em comunidades do *orkut* procurando emagrecer devido a demonstrarem um grande descontentamento com sua imagem corporal, o que ocorre através de comparações com imagens corporais que circulam na cultura. Do mesmo modo, muitas relatam o quanto estar 'gorda' causa inúmeros constrangimentos, como podemos visualizar a seguir, na comunidade *No Food*:

Tópico: ***SOCORROOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOO***

Vandinha 14/11/2006 12:35 Oi gente, me ajudem... tenho 1,68m e peso 95kg... me ajudem... O que eu faço????????? *Na aguento mais as piadinhas de gorda, de bola, os olhares,...* Já tomei remédios receitados por médicos, já fiz vigilante do peso, já fui em nutricionista,... nada resolve..... me ajudem... *queria tanto tem a ana!!!!!!!!!!!! meus problemas resolveriam... já tentei ter a mia, mas não consegui... alguém de vcs pode me ajudar???* é sério mesmo.... não consigo nem sair de casa, só quando sou obrigada..... preciso perder no mínimo 40 kg..... SOCORROOOOOOOOOOO (Grifos meus).

O excerto acima reafirma algo que me parece bem recorrente em comunidades analisadas nesse estudo, que é a procura de tais comunidades estéticas devido a constrangimentos e humilhações que pessoas 'gordas' sofrem. Cansadas de tal situação, são levadas a procurar tal ajuda – muitas depois de inúmeras dietas, idas a nutricionistas, psicólogos, endócrinos... – em tais comunidades. Uma procura por adquirir a anorexia para conseguirem "um tipo de **adaptação compulsiva à norma**." (SIBILIA, 2004, p.73, grifos da autora). Logo, *estar sendo* anoréxica, por exemplo, é algo que passa por uma aprendizagem perpassada por "práticas que ensinam as jovens [mulheres] a conheceram seu corpo e dele cuidarem de um determinado modo e não de outro, uma vez que tais práticas são, de alguma forma, ensinadas e aprendidas." (DAMICO, 2004, p.15), como parece corroborar os excertos a seguir, da comunidade *No Food*:

Tópico: desabafo! (por favor, espero respostas!) :)

****pró** 29/11/2006 06:48 gente, nunca desabafei com ninguém e criei esse perfil porque não quero me identificar e precisava falar com pessoas parecidas cmgo! desde meus 10, 11 anos venho com problemas com meu corpo, ai comecei a fazer dietas, algumas vezes davam resultado, mas logo recuperava uma parte dos kl que tinha perdido. jah tomei remédios para emagrecer, funcionam, mas tinha pouca força de vontade, sempre deixo para amanhã as dietas. tenho muito problema com minha auto-estima, me acho muito feia e gorda! tento não comer, mas ai vem aquela vontede do nada e como, não sou de comer muito, mas o pouco que como jah me dá uma culpa enorme, e o maior problemas eh que adoro besteiras! de uns dias pra cá venho vomitando o que como! vou no banheiro, ligo o chuveiro e vomito! é incrível como a sensação de culpa some! na realidade, prefiria ter ana do que mia, pois sei que ana é muito mais certo que a

> pessoa emagrece, mas não consigo, não sei neh, pois agora que estou miando, minha fome parece que está diminuindo tomara que eu consiga comer menos queria que voces postassem aqui pra mim, (não só para mim, neh) dicas de comer menos, frases incentivadoras para eu parar de vomitar e comer menos, passar akela fome compulsiva quem as vezes me domina tenho em minha mente, que depois que eu emagrecer tudo o que quero, coisa que não sei se vou conseguir, vou parar com esses transtornos alimentares, mas não sei se é bem assim, pois ainda não tenho a doença profunda e queria saber se alguma de voces que sofrem de bulimia conseguem emagrecer, pq muitas pessoas me falam que as pessoas bulemicas nem emagrecem vomitando, só mantem...mas não sei se é verdade pois recém to começando!
>
> **Tópico:** ***Me ajudem por favor***
>
> **Litle_Girl** 16/10/2006 19:39 Me ajudem por favor gente vou começar amanhã quero muito emagrecer,jah cansei de ser gorda,fds passado um pessoal foi pra praia e eu naum fui de vergonha de mostrar meu corpo gordo. tenho 1.67 e 71 (isso mesmo 71!!)kg eu tento mas a noite sempre vem alguém aqui em casa e minha mãe faz aquela mesa enorme cheia de coisas e eu não consigo resistir por favor se alguem estiver online me add para conversarmos. estou com minha auto-estima muitiiisssiiimo baixa. Já pensei (e tentei)até suicidio. Obrigado a atenção e força a vcs meninas!
>
> **Ψ Mazinha Ψ** 21/10/2006 10:48 Calma, vc não está sozinha! Eu pesava 102kg, hj tenho 85, ainda tenho mto que emagrecer, mas estacionei. Sei como vc se sente, já deixei de fazer mta coisa por causa do peso.

Obesidade e magreza estão, portanto, em constante tensão, luta, para a adequação às normas corporais, pois é nesse jogo agonístico que instituem/demarcam as supostas normalidades e anormalidades. É preciso, aliás, que o 'outro' seja visibilizado, narrado, inquirido em sua diferença, ou mesmo anormalidade, para que práticas de si que visem a conformidade a subserviências corporais sejam efetivadas.

Cabe salientar, assim, que os objetos não são naturais, mas produtos de práticas (VEYNE, 1998). Logo, o que prevalece nas escritas de *orkuteiras* (e *blogueiras*) são aprendizagens que se dão tanto nesse ciberespaço como em demais espaços da esfera social, proporcionando que sujeitos voltem para si mesmos, a fim de se modificarem para alcançar determinados objetivos, (quase que) invariavelmente referentes à busca de emagrecimento e perfeição corporal. Para analisar as relações

que os sujeitos estabelecem consigo a partir de imagens corporais, portanto, não basta ver o produto – determinado 'corpo', no caso –, mas analisar as práticas que os produzem, as quais são fruto de objetivações produzidas na cultura contemporânea. Daí a importância de tais técnicas e aprendizagens para a produção do que nós somos e, do mesmo modo, a importância de problematizar tais técnicas e aprendizagens para desaprender o que a cultura nos convoca a nos tornarmos – eis, em suma, um trabalho ético vital de ser efetivado, como discuto no capítulo *Um sopro ético nas relações consigo e com os outros – (In)conclusões.*

Cumpre continuar a salientar, por conseguinte, a existência de práticas diárias de controle e cuidado corporal – expressas, nesse estudo, através de práticas que visam o emagrecimento em prol ao enquadramento às rígidas normas corporais. São práticas bem concretas e, algumas, contemporâneas, tais como: dietas alimentares – principalmente as que envolvem controle na ingestão de calorias; pesagens constantes; atividades e exercícios físicos; cálculos de IMC[57]; definição de metas corporais a serem atingidos – especialmente através de um 'ideal' de corpo advindo de alguma personalidade famosa; os relatos escritos dos seus dias, rememorando-os; bem como as comparações estabelecidas consigo – e.g., através das fotos do 'antes' e do 'depois', e com outras pessoas. Tais práticas aparecem, nos ciberespaços analisados nesse estudo, através das escritas confessionais, uma vez que tais práticas parecem ser ressignificadas quando transpostas para a *web*.

Escritas confessionais

Blogueiras e *orkuteiras* vão narrando as suas histórias, sobre o que

[57] Índice de massa corporal (IMC) é uma medida internacional utilizada para o cálculo da obesidade.

acreditam serem os motivos de estar 'gordas', o que está as motivando a buscar modificar os seus corpos e as formas de verem a si mesmas, as práticas cotidianas que passam a assumir (ou mesmo intencionar) para realizar seus objetivos. Uma estratégia importante que identifico nos grupos de *blogs* é, precisamente, visitar outros *blogs* e, lá, deixar recados para que essas pessoas visitem os seus endereços também. Assim a rede vai sendo armada, com conversas e escritas fluindo.

> Meu nome é Sara, tenho 25 anos e estou, atualmente, obesa. Meu peso atual é 93,05. Apesar disso venho melhorando a minha alimentação há algum tempo e emagreci no total 5 kilos. *Resolvi a partir de agora, como uma força a mais, divulgar aqui, diariamente, como é a rotina do meu emagrecimento.* Vou scannear sempre que puder o resultado da balança. O Blog está programado para ter início no dia 07/04/2003. Ainda estou dando os retoques finais no layout e coisas desse tipo ! Vou inclusive mostrar minha fotos do meu antes e meu depois. Eu tenho certeza absoluta que vou conseguir. Cansei escutar a frase: - Nossa ! Você é tão bonita de rosto, porque não emagrece ? (Grifos meus)

O *post*[58] destacado acima, o primeiro do *blog Meu emagrecimento* – datado em 5 abr. 2003 –, mantido pela *blogueira* Sara, refere-se ao fato de que uma das principais motivações para as escritas é que as redes criadas sejam um incentivo para enfrentar as dificuldades de manter uma dieta. Além disso, talvez caiba destacar o próprio papel da escrita na efetivação de um distanciamento necessário para poder olhar para si mesmo de um modo diferente e, com isso, também poder operar um retorno a si mesmo, onde aquele sujeito que éramos no momento da escrita já se esvaiu com a passagem do tempo. Tempo que, aliás, nos distancia do que supomos ter sido um dia, pois a subjetividade, enquanto produção, constantemente é ativada a fazer-se outra. A ressignificação de si, a meu ver, pode ser realizada a partir de um retorno a si mesmo que é efetivado através dessas escritas. Essa é uma prática que Schittine (2004) salienta, pois, a maioria dos *blogueiros* costuma fazer esse retorno ao relerem os seus escritos constantemente. Afinal, algo pode acontecer nesse encontro entre o passado e o presente, que gera outra coisa...

---

[58] Se muitos *blogs* se assemelham a diários virtuais, *post* (ou a ação de *postar*) se refere às cartas, correspondências, enfim, os escritos disponibilizados nesses espaços.

Através da escrita, como exercício de si sobre si, cada um assimila "a própria coisa na qual se pensa. Nós a ajudamos a implantar-se na alma, a implantar-se no corpo, a tornar-se como que uma espécie de hábito, ou em todo caso de virtualidade física" (FOUCAULT, 2004, p.432). Essa escrita, no qual nos inscrevemos no curso de nossas vidas, marca a nossa alma e corpo. Nesse sentido, cabe salientar o papel da técnica utilizada pelas *blogueiras* – vestígio da sua forma de diário virtual – de escrever como foram os seus dias, relatando o que e de que modo comeram, se praticaram exercícios, como isso ocorreu, o que compraram, o que as estimularam, que 'deslizes' na dieta foram cometidos, etc. Um modo de apreender para si certos discursos verdadeiros que elas querem ter marcados em si mesmas, talvez para se constituírem com uma certa armadura para poderem deixar de ceder às tentações altamente calóricas que podem as assolar. Como salienta Ortega (2002b, as práticas de bio-ascese utilizam-se de técnicas que eram utilizadas na ascese da antiguidade, mas os seus objetivos é que variam, ou seja, a ligação dos sujeitos a certos significados valorizados em nossa época, que são inquestionavelmente diferenciados.

Assim, parece que quanto mais os desvios, as faltas cometidas são expressas tanto nos *blogs* quanto nas comunidades do *orkut*, menores serão as possibilidades de neles incorrer. Essa pode ser uma técnica de si corriqueira em nossos dias, propriamente esse ato de narrar o seu dia através daquilo que se come, técnica essa que já víamos nos gregos também, mas de formas distintas, obviamente. Cabe destacar, ainda, quanto a confissão é evidentemente marcada nos *blogs* – aparecendo em alguns momentos também em comunidades do *orkut* – enquanto espaços propiciadores dos sujeitos poderem dizer a verdade sobre si mesmos para si e para os outros – examinando-se.

Escrutínio dos atos, os quais em repetidas vezes são detalhadamente narrados nos ciberespaços estudados, dentro de tópicos variados, entre eles os intitulados 'diários'. Essa ação de registro escrito sobre seus atos funciona como um meio de, através da escrita, rememorar o seu dia para, desse modo, invocar as suas

ações e poder julgá-las. Para um efetivo domínio constante sobre si, essa prática mostra-se eficiente, pois possibilita a busca por não incorrer mais sobre tais erros que, aliás, muitas vezes tornam-se morais.

Importante salientar que antes de adentrar em *blogs,* pensava que, talvez, fosse encontrar alguns que 'valorizassem o ser gordo'. No entanto, para minha surpresa (e já tendo percorrido dezenas deles) não encontrei nenhum que questionasse os padrões de beleza e de corpo expressos na sociedade, nenhum que mostrasse uma menor sujeição a esses discursos – a não ser em pequenos depoimentos esporádicos, quando as *blogueiras* narram alguma situação constrangedora que passaram, associando isso a sua gorditude[59]. Longe de querer fazer um juízo de valor sobre a nossa época, interesso-me em problematizá-la para pensar nos fios de nossa própria constituição como sujeitos de verdades específicas que estamos sendo. Ciente que o cuidado de si é um conceito que vem se modificando ao longo das épocas, creio ser produtivo pensar em como esse conceito, ou esse modo de nos movimentarmos, está funcionando atualmente, no tempo presente.

Nos atuais tempos, "já não é o corpo a base do cuidado de si; agora o eu só existe para cuidar do corpo, estando a seu serviço" (ORTEGA, 2002b p.167). As preocupações sobre o tornar-se outro de si mesmo parecem gravitar, atualmente, em tornar-se outro na aparência, como já foi dito, já que pareço existir somente se admirada pelo olhar do outro – atitude que evidencia uma submissão ao corpo porque, ao que parece, dependemos dele para mostrar *quem, o que* e *como* somos. Em meio ao culto ao corpo são adicionadas próteses de silicone aos peitos, glúteos..., são realizadas cirurgias nas barrigas, nádegas, panturrilhas, entre muitas outras. Transformações que nos modificam na aparência, mas não do modo pelo qual estamos sendo sujeitos, no modo pelo qual estamos levando as nossas vidas...

---

[59] Exceção para o *Blog do Gordo em dieta*, localizado em: <http://gordoemdieta.zip.net/index.html>.

As produções de si através da escrita atendem à necessidade de visibilizar-se no espaço público, estando dentro das práticas confessionais. Atendem à necessidade tanto de 'fazer falar' quanto a de 'ser visto'. Entretanto, isso faz parte do processo de escrever e, ao mesmo tempo, ser inscrito por aquilo que se escreve, pelo modo que se escreve e, ainda, nos espaços internáuticos em que há trocas de mensagens, ser inscrito pelos comentários de outros sobre o que escrevemos anteriormente. Nesse processo, nos produzimos enquanto sujeitos de discursos específicos.

Escrever de modo confessional contribui, ainda, para "estimular algum tipo de reflexão crítica que modifique a imagem que os participantes têm de si mesmos e de suas relações com o mundo, o que [. . .] se chama de 'tomada de consciência'." (LARROSA, 1994, p.47). Em recorrentes momentos me deparei com escritas que alertam sobre a necessidade de 'tomar consciência' sobre as suas condições corporais: `o pior é a consciência pesada,qualquer coisa q como,me errependo depois,e apelo pros laxantes!!!!!!`[60] Ou, ainda: `preciso tomar conciencia da minha condição de gorda para poder modificar isso. Aiiii, é duro isso. Me ajudem!!!!!!!!!!!!`[61]

Assim: observar, narrar, avaliar, classificar, particularizar, medir, comparar, eis uma infinidade de estratégias criadas para ordenar e tornar produtivos os corpos. É assim que o corpo vem se tornando central para atestar as formas de ser que estamos assumindo nestes tempos, como um novo marcador social (DAMICO, 2004). Aprendemos, cotidianamente, a supor que existem 'marcas' nos corpos que nos dizem, fielmente e quase sem engano, como são os sujeitos que estamos enquadrando. Tais 'marcas' mostrariam as diferenças como efeitos da natureza, e não como um processo de fabricação cultural, social e histórico, datado e localizado dentre de certos regimes discursivos que atribuem valores específicos aos diferentes modos de existência. Ainda: através do corpo acreditamos que podemos mostrar

---

[60] Excerto da comunidade *No Food*, no tópico *Desabafo*, em 26 set. 2006.
[61] Extraído do tópico *Desabafo*, da comunidade *No Food* e datado em 28 set. 2006.

como realmente somos, como se o 'ser' de um modo não fosse a simples apreensão, momentânea, de um dos vários modos de ver uma existência que se esvai a cada instante. Cabe ressaltar, ainda, que as análises culturais contemporâneas vêm questionando, cada vez mais, a idéia de que o corpo é definido biologicamente, um 'dado' adquirido com o nascimento. Mais do que um cruzamento de genes e células, o corpo é fruto de uma construção cultural, histórica e social e é assim que o corpo adquire as marcas da sua cultura, que é dotada de significação.

Nesse sentido, falar de corpo implica envolver os seguintes aspectos: a) falar da sua construção – como espero ter abordado, ainda que precariamente, no subcapítulo *A incessante invenção dos corpos em variados espaços*; b) seus cuidados, ou seja, os investimentos que cada sujeito faz sobre si mesmo de modo a preocupar-se consigo – o que evidência modos distintos de cuidado em nossa época e sociedade, e.g.; c) embates entre liberdade-controle, pois vemos uma 'liberdade' que envolve um processo concomitante de controle, enquanto processos que não se operacionalizam separados, mas em conjunto. Afinal, com a crescente responsabilização de cada indivíduo pelo seu sangue, pelas suas células, a liberdade parece estar em cuidar do seu corpo de modo a construí-lo do modo como é sonhado. Todavia, essa sensação de liberdade traz consigo novos modos de controle – e de controlar-se.

Penso que essa discussão configura-se como importante devido ao meu objetivo de situar as relações que mantemos conosco e com os 'outros' no tempo e espaço. Afinal:

> Se admitimos nossa radicalidade histórica, ou seja, que estamos inapelavelmente imersos em culturas cujos discursos e práticas nos instituem como sujeitos históricos que somos, interessa-nos procurar compreender os processos que nos constituem e nos quais nos constituímos. (COSTA, 2005, p.206-207).

Ora, se, como já me referi anteriormente, as relações que cada sujeito estabelece consigo relacionam-se com os modos de se relacionar com os 'outros' – enquanto práticas produtivas – não poderia falar das produções recorrentes dos

‘gordos’ como ‘outros’ sem articular estas discussões ao escopo da cultura, uma vez que “São os textos circulantes no império cultural que estão nos inventando e fazendo de nós o que somos” (idem, p.211). Trata-se, enfim, da necessidade de compreender as práticas no interior de formações discursivas que as tornam possíveis e, muitas vezes, até desejáveis.

Racismo, imperativo da saúde e produção dos 'diferentes': o corpo do 'outro' como a 'coisa' impura

Uma das características da sociedade ocidental, desde a modernidade, refere-se à nomeação e posicionamento daqueles tomados como 'outros': seres culpabilizados por destoarem da normalidade criada, uma vez que suas diferenças (vistas como inatas) são postas como causadoras de todo o mal. Característica de um mundo que não prima simplesmente em excluir os 'outros', mas ao contrário, tende cada vez mais a delimitar o campo de ação desses 'outros' como forma de melhor aproveitá-los, explicá-los, dizê-los, enfim, como forma de melhor conhecer para capturá-los. Cria-se, aí, um longo e infinito processo de criação de 'saberes' – advindos da pedagogia, ciências da saúde, educação física... – sobre os sujeitos para melhor controlá-los e dispor sobre os seus atos. Assim, em nosso mundo marcado pela criação de normas, parece haver uma certa naturalização dos valores inscritos na arena social, impossibilitando que, nas nossas tramas cotidianas, as categorias avaliativas utilizadas para ordenar e classificar os humanos sejam vistas como invenções, datáveis e localizáveis dentro de certos *regimes de verdade*[62].

Nesse sentido, as normas – entendidas como saberes que funcionam como regras e que são, sempre, arbitrárias – parecem funcionar como uma eficaz máquina de diferenciação e captura dos sujeitos. Com isso: a) criam-se saberes ao fabricar e veicular as formas 'desejáveis' de estar sendo sujeito; b) o poder-saber, ao desejar uma forma de ser sujeito busca subjetivar todos e a cada um, produzindo efeitos de verdade e, com isto, ensinando como 'se deve ser'; c) quando a subjetivação se efetiva *resta*, então, aos ditos 'diferentes', guiarem-se pelas normas produzidas a fim de buscarem a modificação de si mesmos – para serem aceitos e aproveitados pelos

[62] Afinal, "cada sociedade tem seu regime de verdade, sua 'política geral' de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e

demais. Este efeito da norma (que apesar de buscar ser único nunca o é) prevê, também, a não aceitação das regras tidas como verdadeiras e únicas, como fica evidenciado nos inúmeros subtipos de 'anormais' criados: travestis, lésbicas, gays, obesos, loucos, etc. Isto equivale a dizer que este processo é complexo, pois mesmo que se busque 'sair' do circuito cultural que tenta produzir a *mesmidade* se está, sempre, sendo constituído e ressignificado pelas leis da norma, que busca a ordenação do mundo. Afinal, "também o anormal está na norma, está sob a norma, ao seu abrigo. O anormal é mais um caso previsto pela norma. Ainda que o anormal se oponha ao normal, ambos estão na norma. É também isso que faz dela um operador tão central para o governo dos outros; ninguém escapa dela" (VEIGA-NETO, 2001, p. 115).

Desse modo, os saberes e poderes, situados e localizados numa determinada época, produzem determinados modos de existência. Saberes da área da saúde, psicologia, educação física, pedagogia, publicidade, etc., possuem, na atualidade, características peculiares de nos fazer sujeitos a eles. Dentro de tal entorno situa-se um dos seres tomados recorrentemente como os 'outros' na atualidade: as 'gordas'. Uma infinidade de saberes sobre elas são criadas para que seja possível, cada vez mais, afastá-las da zona de estranheza, localizando-as na zona de anormalidade e, por uma mobilidade constante, aproximá-las – segundo a forma de "incluir para excluir" (idem) – da zona de normalidade. A primeira zona mencionada refere-se ao que Bauman (1998) toma como 'estranho', ou seja, aqueles seres que não possuem saberes sobre si, sendo desconhecidos dos saberes criados pelas ciências, e.g., ou seja, sem conhecimentos sobre a sua 'condição', sendo incógnitas e, por isso, 'estranhos'. Ser 'anormal' refere -se, por sua vez, aqueles seres que possuem saberes sobre si, podendo ser nomeados como 'outros' a partir de certos saberes específicos... ser 'normal', todavia, alude à idéia de que tais sujeitos tem sobre si uma legitimação social por encarnarem a norma, sendo referência para os outros.

---

os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro" (FOUCAULT *apud* SOUZA, 2001, p.122).

A respeito dessas considerações cabe destacar as reflexões de Bauman (1998) ao argumentar que a modernidade ancorou-se na tríade beleza (como a harmonia e perfeição entre as formas), pureza (enquanto a aniquilação da 'sujeira') e ordem (como a busca de que cada coisa esteja em seu devido lugar e em nenhum outro) para se construir como 'civilização' – compreendida como "a ordem imposta a uma humanidade naturalmente desordenada" (idem, p.8) –, enquanto sinônimo para o termo modernidade. A incessante busca pela efetivação desses ideais modernos, portanto, contribui para a criação de uma sociedade que, buscando um mundo linear, puro e ordenado, constrói o 'outro' e, nesse mesmo movimento, muitas vezes, visa banir esse 'outro' que passa a ser considerado como a 'sujeira' destoante. Como o referido autor aponta:

> entre as numerosas corporificações da '"sujeira" capaz de minar padrões, um caso [. . .] é de importância muito especial e, na verdade, única: a saber, aquele em que são *outros seres humanos* que são concebidos como um obstáculo para a apropriada "organização do ambiente"; em que, em outras palavras, é uma outra pessoa ou, mais especificamente, uma certa categoria de outra pessoa, que se torna "sujeira" e é tratada como tal (idem, p. 17, grifos do autor.).

Embora se possa elencar uma infinidade de existências que corporificariam as marcas da 'diferença', tornando-se a 'sujeira' a ser extraída, ou mesmo, modificada na sociedade, centro-me na questão dos corpos-'gordos' por compreender que as discursividades envolvendo o corpo têm se mostrado como uma potente máquina de diferenciações. Além disso, a possibilidade de demarcação entre os 'outros' e os 'mesmos' são efeitos de nossas relações com esses indivíduos. Deslocamento importante de ser realizado devido ao entendimento de que não é a 'coisa', o sujeito que é 'diferente', ou 'estranho', 'anormal'... visto que eles reverberam os atributos construídos para marcar a nossa relação com eles. Em suma, processo de atribuição de valores sobre a 'coisa', sobre cada sujeito e sua localização numa ordem social mais ampla. Assim:

> A pureza é uma visão das coisas colocadas em lugares *diferentes* dos que elas ocupariam, se não fossem levadas a se mudar para outro, impulsionadas, arrastadas ou incitadas; e é uma visão da *ordem* – isto é, de uma situação em que cada coisa se acha em seu justo lugar e em nenhum outro. Não há nenhum meio de pensar sobre a pureza sem ter uma imagem da "ordem", sem atribuir às coisas seus lugares "justos" e "convenientes" – que ocorre serem aqueles lugares que elas não preencheriam "naturalmente", por sua livre vontade. O oposto da "pureza" – o sujo, o imundo, os "agentes poluidores" – são coisas "fora do lugar". Não são as características intrínsecas das coisas que as transformam em "sujas", mas tão-somente sua localização e, mais precisamente, sua localização na ordem de coisas idealizada pelos que procuram a pureza. As coisas que são "sujas" num contexto podem tornar-se puras exatamente por serem colocadas num outro lugar – e vice-versa (BAUMAN, 1998, p. 14, grifos do autor.).

Em recorrentes escritas de *orkuteiras* é possível observar tais assertivas. Quando escrevem, por exemplo: `ser gorda até q vai, mas longe da gente, absurdo nos obrigar a ve aquelas banhas todas, eca!!!!!!!!!`, ou mesmo: `Se situem GOOOOORDAS, vcs sujam a paisagem. [. . .] tem + é q desaparecer da face da terra ou então se mudara pra outro planeta`. Logo, parece que até é possível continuar sendo do jeito que se está se os limites, as fronteiras – tão incessantemente produzidas e, também, burladas, felizmente – forem bem respeitadas, sem transgressões ou mesmo rupturas. Ou seja, sem possíveis misturas, incitando à mesmidade. Isso se trata da questão da localização e produção da 'coisa'. Sobre tal característica, Bauman (2003) nos alerta que os elementos principais da comunidade são a homogeneidade e a mesmidade.

Desse modo, a mesmidade é questionada quando os 'de fora' impurram as fronteiras – que são móveis – e irrompem nos espaços dos 'de dentro', intensificando/ativando relações. No tempo presente temos, assim, a ativação desse processo, pois nosso mundo, marcado pela velocidade com que a informação se movimenta, torna cada vez mais complexo o controle de fluxos informacionais entre os que estão localizados dentro das comunidades. Desse modo, as fronteiras entre os

'de dentro' e os 'de fora' se tornam mais tênues. Essa movimentação é inerente ao processo de construção de comunidades contemporâneas, o que torna a idéia de unidade uma construção artificial e que, devido a isso, precisa ser buscada no cotidiano, através de lutas precisas e pontuais. Pensando nas comunidades *Eu odeio gordas, Eu odeio gordas que se acham* e *No Food*, assim como na suposta unidade que pretendem adquirir em tais ciberespaços, podemos ver o quanto a idéia de unidade comunitária é ficcional e, como ficção, é da ordem da construção. Supõe-se que todos os membros de tais comunidades aderem, de fato, a tais posicionamentos. Entretanto, nessas comunidades vemos conflitos, disputas, que se dão com outros membros que – muitas vezes intencionalmente – entram nesse tipo de comunidade para discutir/problematizar as escritas sobre os sujeitos expostos nas comunidades em questão. Comunidades que, portanto, não mostram apenas unidade, mas conflito, disputa. Nesse sentido, cabe ressaltar que qualquer pretensão de unidade é algo que precisa ser vigiado e defendido *ad infinitum*. Afinal, "a comunidade *realmente existente* se parece com uma fortaleza sitiada, continuamente bombardeada por inimigos (muitas vezes invisíveis) de fora e freqüentemente assolada pela discórdia interna [. . .]" (BAUMAN, 2003, p.19, grifos do autor.).

Segundo essa noção de Bauman (idem), comunidade significa mesmice, que é a ausência do outro, "especialmente um outro que teima em ser *diferente*, e precisamente por isso capaz de causar surpresas desagradáveis e prejuízos" (idem, p.104, grifo do autor). Esse 'diferente' é corporificado numa variedade de 'tipos' humanos que causam estranheza e insegurança, afirmação e fixação Identitária, pois eles nos mostram aquilo que (talvez) estejamos queremos deixar de ser, ou aquilo que estamos começando a ser embora neguemos, ou mesmo aquilo que estamos sendo... É a diferença que incomoda pela sua ambigüidade, pela sua condição de ser palpável – embora não palatável – e, portanto, capaz de se espalhar em nós/por nós. A diferença, encarnada nos 'diferentes', é o que nos ronda, o que se torna uma ameaça constante. As 'gordas', nesse caso, talvez sejam um exemplar dos mais

perversos de onde pode chegar a nossa (falsa) humanidade, transformada em desumanidade, pois elas são, recorrentemente, marcadas como alvos preferenciais de uma miríade de práticas de discriminação, alçadas ao foco constante das gozações, à penalidade por não se encaixarem nos rígidos padrões corporais que imperam na sociedade. Isso ocorre freqüentemente, inclusive nas comunidades, pois se vê a separação entre "a *homogeneidade* dos de dentro, em contraste com a *heterogeneidade* dos de fora." (BAUMAN, 2003, p.105, grifos do autor).

Tratando das comunidades do tipo 'eu odeio' presentes no *orkut*, cabe salientar o uso de estratégias para burlar grupos de justiceiros que apagam comunidades difamadoras nesse *site* de relacionamentos, ou mesmo estratégias adotadas por tais grupos para burlar as investigações da polícia federal para indiciar pessoas 'preconceituosas' na *web*. Isso se deve, entre outras coisas, pela idéia do politicamente correto que prega 'harmonia' entre os ditos 'diferentes' e os não 'diferentes'. O politicamente correto, então, não propicia que haja uma desestabilização das produções diferenciais do 'outro', sendo visto como uma estratégia que se assemelha à tolerância, ou seja, as palavras mudam de nome, no entanto, a sua produtividade diferencial continua latente. Desse modo, a discriminação em relação às 'gordas' tem continuidade, sendo algo aceito sem maiores questionamentos, afinal, supõe-se que "só é gordo quem quer". Posicionamentos como esses são, muitas vezes, postos como uma brincadeira – geralmente aceita e referendada – ou mesmo como uma possibilidade de exercitar a 'liberdade de expressão'.

Assim, comunidades como *Eu odeio gordas*, nome que direciona à idéia de que odeia 'gordas' em geral, acabam sendo excluídas e outras entram em seu lugar, como a *Eu odeio gordas que se acham*, que retira o tom generalizado por outro que situa que tipo – entre os milhares expostos – de 'gordas' eles odeiam especificamente. Estratégia utilizada por membros de comunidades desse tipo para não serem alvos de tantas represálias.

Tais questões levam-me a inferir que os 'gordos' e os 'obesos', ao estarem inseridos numa sociedade em que há "uma *obsessão dos invólucros corporais*: o desejo de obter uma tensão máxima da pele; o amor pelo liso, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem" (COURTINE, 1995, p.86, grifos do autor), tornam-se 'impuros', 'sujos' na localização que ocupam em nossa sociedade. Encarnam, em suma, a "ansiedade frente a tudo o que na aparência pareça relaxado, franzido, machucado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido; uma contestação ativa das marcas do envelhecimento no organismo [e, principalmente, uma contestação aos que apresentam 'diferenças' marcadas em sua carne]" (ibidem).

Ainda que os ideais de beleza, pureza e ordem tenham sido preceitos gestados na modernidade, no pós-moderno vemos a sua extensão, pois através da espontaneidade, desejo e esforço individuais eles atualmente devem ser perseguidos e realizados (BAUMAN, 1998). A condição pós-moderna, portanto, também constrói, fabrica, inventa os seus 'diferentes', 'anormais'... dotando-os de significados e sentidos diferenciados, conforme o tempo-espaço.

Quando consideramos o 'outro' como a sujeira e tratamos de organizar os espaços eliminando essa indesejável 'criatura', ou seja, a presença de pessoas que tem encarnadas sobre si as marcas da impureza, cria-se um grave problema em que se decide sobre a vida e morte desses 'outros'. Sujeitos que, no caso deste estudo específico, movem-se num entre-espaço, não sendo nem totalmente capturados pelos discursos acerca da beleza e dos ideais corporais, nem totalmente imunes a esses mesmos ideais. Ou seja, sujeitos que vejo buscarem, muitas vezes ardentemente, incluir-se nos fluxos discursivos acerca da beleza, da magritude... mas que, embora essa seja uma perseguição, por motivos outros, tem os seus embates com essas mesmas lógicas, não deixando de realizar as ações e práticas que as situam nessa posição de serem a 'sujeira' que suja a paisagem que o mundo 'deveria ter', como demonstram os excertos destacados a seguir, da comunidade *Eu odeio gordas que se acham*, mais especificamente no tópico *Gorda merece viver?*:

> **Abraão** GORDA MERECE VIVER? 21/11/2005 14:25 ai gorda tem mais é q morrer mesmu.. ja q nao soube cuidar da vida q lhe foi dada!! esse bando de suina imbecil q se acham.. vc ja viram como sao as gorda?? pq todas elas sao todas falsas e gostam d fingir de felizes e se achar engraçadas? tem mais é q morrer do coração porra!! são apenas anomalias assim como esses gays q gostam de se fazerem de coitadinhos e defenderem as obesas!! gorda é lerda nao sabe fazer nada direito.. nem trabalhar sao lentas como o tamanho da merda q saem de seus cús como esgotos entupidos!! EU ODEIO GORDAS E VIADOS (VOU PEGAR TUDO NA PORRADA.. ESSES FDP) !!!
>
> **Seiya** verdade 21/11/2005 14:31 essas merdas estão reclamando demais!! dá licença, monte de banha que sempre vem com a mesma desculpa, falta vergonha na cara, em vez de ficar postando aqui, vai fazer exercícios, brincar com o cachorro, se divertir, agora...ficar reclamando da vida aqui hahaha pra vc ver, nós somos tão insignificantes pra elas né... pois é, elas se ofendem, então são mais insignificantes ainda hahahahahaahah! é foda
>
> **anônimo** 21/11/2005 16:27 POR SER UM PRIMATA . AHUAHUAHUAHUAHU PORQUE PRETO PRA MIM E PRIMATA PRIMO DE PRIMEIRO GRAU DO MACACO , ODEIO PRETO QUE SE ACHA PRETO CATIGUENTO PRETO TEM QUE MORRER TODO.....
>
> **Rafael** 22/11/2005 04:40 Para de falar mal de preto, ele nasceu preto e nao atrapalha ninguem, pelo contrario, sao gente boa d+, agora vcs gordas nao, vcs enxem o saco, atrápalham com o visual e com a inveja, gordas vao virar sabao.
>
> **Seiya** isso é desculpinha de gorda 22/11/2005 05:13 é a escória da humanidade as gordas....mal amadas e descontam fazendo post de racismo hahahahaaa comédia mesmo!! pior que gorda só mesmo gorda mal amada e racista, sem semancol

'Não sabem cuidar de si', são 'anomalias', 'lerdas', 'não fazem nada direito', não tem 'vergonha na cara', 'não praticam exercícios', o seu visual 'atrapalha', são 'invejosas'... Em suma, as 'gordas' – assim como outras 'categorias' de humanos, como os excertos apontam – são narradas de modos depreciativos, pois elas 'atrapalham', não se 'encaixam' no modelo de sociedade apregoada nos variados espaços contemporâneos. A sua localização, portanto, em uma sociedade que alça ao corpo a função de atestar aquilo que se é, ou seja, julgamentos morais que se dão pela aparência, as produz como seres que 'atrapalham', não se encaixam num mundo que almeja a ordem, beleza e pureza. Com a sugestiva indagação "Gorda merece viver?", os sujeitos-escreventes desse tópico tratam de definir se a 'categoria' (de pessoa (?), de animal (?) – que raça é essa?) 'gorda' faz jus a continuar habitando esse mundo que, para esse determinado grupo comunitário, 'pertence' às pessoas 'magras' e, portanto, 'normais'.

Quando me referi, anteriormente, que se trata de decidir sobre a vida e a morte dos 'outros', esclareço que "por tirar a vida não entendo simplesmente o assassínio direto, mas também tudo o que pode ser assassínio indireto: o fato de expor à morte, de multiplicar para alguns o risco de morte ou, pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição, etc." (FOUCAULT, 1999, p.306). No caso das comunidades do tipo 'eu odeio' que analiso nesse estudo, trata-se de matar por intermédio das palavras, pois, afinal, não se trata de matar a alteridade quando a silenciamos, quando alçamos os sujeitos ditos 'diferentes' à impureza, quando, enfim, os produzimos como um objeto que serve, apenas, para reafirmar a nossa Identidade ou mesmo a comunidade que pertencemos?

Dentro do contexto exposto é possível afirmar que o racismo atualiza-se – no caso desse estudo, principalmente, através de práticas que gravitam em torno do 'eu odeio' e, ainda, por um autocentramento em práticas de bio-asces contemporâneas, as quais borram, e algumas vezes até interditam, relação com os outros – e, com isso, faz uso de novas e diferentes estratégias. O que parece estar em evidência são, portanto, "múltiplas formas de racismo que não por isso deixam de ser menos trágicas, menos macabras, menos humanas" (SKLIAR, 2004, p.71). Mas é preciso indagar: "Com efeito, que é o racismo? É, primeiro, o meio de introduzir afinal, nesse domínio da vida de que o poder se incumbiu, um corte: o corte entre o que deve viver e o que deve morrer." (FOUCAULT, 1999, p.304). O racismo, assim, parte da demarcação de "quem são os mesmos" para, assim, inventar "quem são os 'outros'". Separação, apartação, construção de fronteiras simbólicas e materiais. O movimento de criar fronteiras e, com isso, erigir sólidas e potentes estratégias de nomeação dos estrangeiros, dos párias, é uma possibilidade de se pensar no racismo, visto que se trata do 'fechamento' das fronteiras aos outros distantes em contraposição à abertura das fronteiras aos outros próximos. Ou seja, apartar a figura do outro incontornável, irreparável, inassimilável, e aproximar o outro que é próximo e, nesse escopo, a estratégia de fazer do outro radical um outro próximo, à sombra da Identidade-referência.

O racismo proclama, assim, uma morte que nos é anunciada cotidianamente, visto que "não há nada na nossa cultura que nos permita pensar e fazer com que o racismo desapareça, já que todo o movimento, todas as ações da nossa cultura estão dirigidas a uma violenta construção diferencial do outro; este processo leva à produção de uma cultura racista [. . .]" (SKLIAR, 2004, p.75). Embora o racismo seja algo que discursos que se dizem democráticos intentem 'contornar', ele é algo que, também, a contemporaneidade não cessa de instigar e incitar, através de fabricações diferenciais sobre o outro. Ora, quando se estabelecem classificações e, por conseqüência, comparações tendo em vista parâmetros classificatórios, o que se está erigindo é a produção do racismo numa cultura que se veste com véus supostamente democráticos, mas que não cessa a diferenciação entre nós e eles, entre eles e nós, fixando fortemente, novamente, as fronteiras. "A questão é que a alteridade começa a estar ausente, começa a faltar, e resulta ser imperiosamente necessária a produção construtiva do outro como diferença." (idem, p.74).

Retomando o excerto exposto anteriormente, um dos sujeitos-escreventes da comunidade *Eu odeio gordas que se acham* expressa que: `ai gorda tem mais é q morrer mesmu.. ja q nao soube cuidar da vida q lhe foi dada!! [. . .] tem mais é q morrer do coração porra!! são apenas anomalias`. Parece-me que tais assertivas endereçam à idéia de que as 'gordas', no caso, ao não terem sabido `cuidar da vida q lhe[s] foi dada`, transformam-se em outra raça, algo que as afasta da idéia uniformizada de sermos, todos, e finalmente, humanos. A esses caberia, assim, a morte, enquanto possibilidade de 'limpar' o mundo do que 'suja' a paisagem, do que incomoda por não ser a imagem espelhada de do 'eu'. Processo esse que ocorre concomitantemente com a necessidade desse 'outro' para a constituição de si, ou seja, nos agrupamentos comunitários, o 'outro' é presença constante para criar a idéia de uniformidade dos que estão dentro da comunidade.

Sobre tais questões é pertinente considerar, ainda, que "*racializar* um grupo, um indivíduo, um país, uma comunidade, uma raça etc., é o ato de *matar* mais cedo

ou mais tarde – e sobretudo mais cedo, como estamos assistindo hoje." (SKLIAR, 2004, p.72, grifos do autor).

"No contínuo biológico da espécie humana, o aparecimento das raças, a distinção das raças, a hierarquia das raças, a qualificação de certas raças como boas e de outras, ao contrário, como inferiores, tudo isso vai ser uma maneira de fragmentar esse campo do biológico de que o poder se incumbiu; uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros." (FOUCAULT, 1999, p.304). A primeira função do racismo é, nesse sentido, "fragmentar, fazer cesuras no interior desse contínuo biológico a que se dirige o biopoder." (1999, p.305). Uma apartação do tipo biológico, o que possibilita que um grupo heterogêneo da sociedade – a população – como uma miscelânea de raças; subdividir a espécie em subgrupos, que é, nada mais, que a produção de raças.

Raça refere-se a "Grupo humano que supostamente se distinguiria de outros por apresentar características físicas, biológicas ou genéticas homogêneas." (SILVA , 2000, p.95).

A segunda função do racismo seria possibilitar uma relação positiva, consistindo numa afirmação da Identidade de uma raça em relação à(s) outra(s) raça(s). Ou seja, referendação da idéia de que "quanto mais você deixar viver, mais, por isso mesmo, você viverá". (p.305). O racismo consente que as relações diferenciais entre as raças sejam do tipo biológico, ou seja: "quanto mais as espécies inferiores tenderem a desaparecer, quanto mais os indivíduos anormais forem eliminados, menos degenerados haverá em relação à espécie, mais eu – não enquanto indivíduo, mas enquanto espécie – viverei, mais forte serei, mais vigoroso serei, mais poderei proliferar". (p.305). Nesse sentido, "A morte do outro não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura." (p.305).

Trata-se, então de uma relação biológica, de eliminar as impurezas, sanar os desvios. Ora, se numa sociedade da normalização, onde operam em conjunto a tecnologia disciplinar e a regulamentação – biopolítica – , o fazer viver é alçado às alturas, tirar a vida nesse sistema é aceitável se trata da "eliminação do perigo biológico e ao fortalecimento, diretamente ligado a essa eliminação, da própria espécie ou da raça. A raça, o racismo, é a condição de aceitabilidade de tirar a vida numa sociedade de normalização." (p.306). Para desqualificar a dita "raça ruim" e poder matar, deixando ao mundo mais ordenado, puro, higiênico... sociedade da normalização.

Na esteira de tais considerações cabe salientar o quanto a já destacada atualização do racismo desenvolve-se a partir de modificações que engendram outros modos de ver a vida e a morte, incidindo, ainda, nos modos de intervir na vida. No escopo das transformações que conduziram do "deixar viver e fazer morrer" da sociedade de soberania para o "fazer viver e deixar morrer", nas sociedades biopolíticas (FOUCAULT, 1999). Na teoria clássica da soberania, então, o foco era deixar viver e fazer morrer: "O efeito do poder soberano sobre a vida só se exerce a partir do momento em que o soberano pode matar." (idem, p.286). Desse modo, tenho visto que muitos sujeitos das comunidades do tipo 'eu odeio' – muitos nomeadores das 'outras-gordas' – se auto-intitulam, de certo modo, como soberanos, como uma posição que eles se auto-atribuem, dotando-se do direito de apontar o 'outro', o que é um jeito de matá-lo continuamente.

Dentro da mudança do enfoque do "deixar viver e fazer morrer" para o "fazer viver e deixar morrer", o conceito foucaultiano de biopoder torna-se produtivo para pensarmos, aqui, o quanto no escopo das discussões sobre as produções de si e dos 'outros' a partir de imagens corporais recorrentes na esfera social, é importante salientar sobre a questão da saúde, a qual compõe uma rede articulada de sentidos sobre riscos e dificuldades que podem enfrentar aqueles que aos discursos produzidos aí não se curvam ou, mesmo, não se adequam. O imperativo da saúde, assim, articula-se de modo insidioso aos discursos corporais

que 'dizem de nós' e 'dizem dos outros'. Nesse sentido é que intento problematizar tal imperativo, atentando para os seus efeitos na produção de sujeitos. A área da saúde, então, produz, a seu modo, os seus 'diferentes' – através dos 'estilos de vida' que valida, bem como as nomeações que daí derivam.

Assim, trago alguns excertos de algumas comunidades do *orkut*. Tais excertos estão distribuídos por tópicos que intitulam o tema das discussões.

> **Tópico:** ***Seus preconceituosos!!***
>
> **Adriano** Essa Gorda com certeza se acha!! 12/7/2005 15:18 Se acha a ultima mortadela do laticínios (Helo Kit)*Vai toma conta da sua vida ou melhor da sua saúde (poque todo gordo tem que se cuidar se não morre dentro de casa tendo seu corpo retirado pelos Bombeiros*(que destroem a casa p/ o guinxo poder entrar)rsrsrs. Não digo pra vc ir pro inferno pq nem o diabo iria te aguentar! (Grifos meus)
>
> **Tópico:** ***Seus preconceituosos!!***
>
> **Adriano** Gordas Malditas que se acham.. 12/7/2005 15:22 *Em rio que tem gordas as piranhas morrem com as artérias entupidas!!!kkkkkkkkkk* (Grifos meus)
>
> **Tópico:** ***Comunidade mentirosa, difamadora***
>
> **Bruno** gordas q se axam sao ridiculas! 23/3/2005 18:48 sua gorda !! c num keh c zuada entao nao seja metida ou perca toda essa sua banha!! *vai faze 1 esporte 1 caminhada faz bem para a saude!!* na verdade num tenhu nada contra os gordos,ateh pq tenhu varios amigos e amigas acima do peso ideal,eu tenhu prblemas com as gordas netidas q ficam usando ropa colada q fazem nos, q estamos dando 1 volta por aih,vomitarmos!!essas gordas d q estou falando nao tem noçao do ridiculo!!elas axam q soh pq sao ricas podem tudo,ou pq nos ultimos meses perdeu 1kg!! assim como eu disse no começonum tnhu nada contra os gordos,soh tenhu coisa contra os metidos ah e otra coisa,jah q vc tah enchendo tanto nosso saco postando 1 bando d msgs axu q vc eh 1 obesa paty do caramba q soh pensa na opiniao dos otros!!!axu nao,tenhu certeza pessoas assim sao inseguras!! vai perde essa sua banha!!ou deixe d c metida(oq eh muito melhor pq msm q seja magra,ser metida nao eh 1 boa coisa) esse eh meu ponto d visat (Grifos meus)
>
> **Tópico:** ***Inté galera...***
>
> ✟**Cintia** A INVEJA REINA 08/11/2005 11:39 HAHua gordinha, eu, darling??Desiste, querida, eu sei q sou magra..Já cansou d ser humilhada e quer imaginar q o mundo eh uma bola obesa como vc??AHAH..sinto muito mas nessa eu ñ caio..Quem sabe falar q eu tinha bigode seria mais criativo e engraçado!!Calma, sem inveja e desespero, eu te compro um Magrins..Uma coisa q graças aos meus pais eu ñ tenho em excesso é gordura(Y).Assim como fala q eu sou "gordinha", falou q a Luisa tbm eh, q eh uma menina super magra e falou mal de outro mina, falando q ela tinha silicone..Se liga ô invejosa..Que tal vc ficar na fte de uma casa de macumba

como oferenda prum preto véio pra ele t tirar as banhas??Eles adoram leitoas..Haha..fika pegando fotos d profile falando q as minas saum feias..q tal vc se conformar??Jah q vc eh taum feliz com seu corpo,tira o rabão de celulite da cadeira e vai participar de um concurso de MISS TOUCINHO BRASIL?? HAUHUA pelo amor..realiza, gatinhá,ñ precisa tentar humilhar os outros pra se sentir melhor..Se vc fizesse algo por vc, acho q ficaria mais feliz do q fikar se humilhando numa comunidade!!MAs se kiser continuar, vá em frente, esse será seu objetivo de vida, parabéns!! AHh..*vai cuidar da tua saúde..vc eh taum escrota q deve transpirar margarina.. O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:EXCESSO DE CHANTILLY NO SANGUE ENTOPE AS ARTÉRIAS. CRESÇA E EMAGREÇA,* COISA FOWFA, INFELIZ E INVEJOSA!! (Grifos meus)

Tópico: ***Problemas com gordas***

Miauzinha! Sibele... é melhor ler novamente. 10/04/2006 22:39 Dona Sibele, se vc ler novamente minha última msg, verá q concordo c/ vc. Porém essa comunidade se refere a "gordas q se acham", se houver alguma comunidade se referindo a "magras q se acham" tbém detono. E ser gordo(a), no meu ponto de vista, não é um defeito. *Porém tbém não é nada saudável pois, afeta não só a saúde física como a saúde psicológica do gordinho(a).* Qto a pessoas negras, a senhora fique sabendo q pra mim não existem negros, brancos, amarelos, etc... mas, existem pessoas e só. E o racismo, qdo ocorre, não é somente de brancos contra negros, existe tbém de negros contra brancos. (Grifos meus)

Tópico: G*anham o que com essa comunidade??*

Adolfinho 11/01/2006 05:52 *Eu ganho o prazer de poder humilhar essas porcas que não prezam pela saúde e pelo corpo!* (Grifos meus)

Tópico: ***Vou denunciar a comunidade...***

DanS2Leh 21/10/2005 19:10 o ROLIÇA... faz um favor?? NAUM SE METE ONDE NAUM DEVE SE METER`! primeiro, qnto a musica, ele diz q naum pode ser perfeito nas ATITUDES e PENSAMENTOS, naum na APARENCIA fisica! Outra, quase ninguem da comunidade tem algo contra gordas, soh contra gordas q se AXAM! entaum, se vc naum eh uma gorda q se axa, pra q vai se enfezar?? A naum ser q vc seja uma gorda do tipo q mete um piercing no umbigo, coloca akela blusinha colada, akela calça cintura baixa apertada e sai na rua axando q tah abalando, enkuanto o piercing tah sufocado e escondido no meio das banhas (recomendações pra se cuidar de um body piercing: durante a cicatrização não deixar abafado ou preso em lugares onde a cicatrização não possa receber oxigenação adequada... e garanto q, com banha em cima do piercing, ele naum tem como cicatrizar direito!). Outra... essa comunidade naum julga ninguem pela aparencia, mais pela combinação aparencia + atitude! Se a garota eh gorda, mais eh humilde, eh gente boa, sabe o q usar de roupa, naum fica kerendo se aparecer, ela nunca vai ter inimigos dessa comunidade, mais, vc, provou q eh uma gorda q se axa! Coisas q odeio: gordas q se axam "peitudas", sendo q na verdade akilo ali eh banha! gordas q se axam bundudas mais akilo eh pura gordura misturada com celulite e eh td mole e caido! *e qnto a essa de julgar as pessoas pelo coração e naum pela aparencia... filha... acordaaaaaaaaa... no mundo de hj, TODO MUNDO eh julgado pelas aparencias! e eu naum me refiro a amor, sexo, ficadas, me refiro A TUDO! outra:*

> *obesidade EH uma doença, q pode acarretar perca de folego, cansaço exessivo, e ateh um atake cardiaco! Colesterol alto entope as veias dificultando a circulação do sangue aumentando a pressão sanguinea! Ou seja, se vc axa q tah com tudo, sinto muioto, mais soh a sua saude jah tah na merda!* (Grifos meus)
>
> **Tópico:** ***Vou denunciar a comunidade...***
>
> **Daniel** Cê gosta de ler? 12/11/2005 18:33 *Pq vc nao vai ler em cima de uma esteira? Ou entao em cima de uma bicicleta ? Vc ganha muito mais, ou melhor perde né? Perde essa banha q ta sobrando sua gorda preguiçosa, sai de cima dessa cama e vai fazer alguma util pra sua saude!!!!!*Sua sem vergonha, para de discutir q cê tá errada, sua aberração!!!!!!*VAI PRO SPA!!!!!!*CACHORRA!!!! (Grifos meus)

Esses excertos corroboram a idéia de que os discursos advindos da área da saúde são potentes para a fabricação de diferenciações. Através deles sujeitos 'autorizados' a falar do 'outro' nomeiam, classificam, enquadram... As escritas nos mostram, assim, vestígios de discursos científicos que produzem modos dos sujeitos se relacionarem consigo e com os 'outros' a partir do reconhecimento desses discursos como 'verdadeiros'.

Nesse sentido, as "práticas científicas podem ser pensadas como práticas sociais profundamente implicadas em relações de poder" (SOUZA, 2005, p.172). Práticas que "– ao produzirem tipos particulares de saberes, pessoas, habilidades, instrumentalidades – configuram-se como mecanismos que se difundem no corpo social e, simultaneamente, marginalizam e homogeneízam a multiplicidade coexistente na sociedade" (Ibidem).

Interessante, por conseguinte, o quanto essas práticas não soam unívocas, pois há sujeitos que as contestam, como ilustro a seguir:

> **Tópico: G*anham o que com essa comunidade??***
>
> **Bruxa** burro 11/01/2006 07:36 k*em te disse k as magras tratam da saúde e do corpo???* (Grifos meus)
>
> **Tópico:** ***Por que q toda gorda me odeia???***
>
> **Fabiane** le 13/01/2006 07:30 vc lembrou de algo importante, existem várias formas de se engordar, na adolescencia eu não era gorda pesava 59kg, com 1,63m, não estava tão gorda , mas nunca tive estes preconceitos bobos, hoje com 22 anos estou muito acima do peso mas não escolhi isto, tenho hipotireoidismo e descobri muito tarde, já havia engordado muito, a alimentação aki em kasa é muito saudavel, só que não consegui controlar minha taxa de hormonios. A ia me esquecendo de dar um aviso para os burro de plantão da comunidade, *ser gorda não significa não ter*

> *saíde, fiz exmes recentementes , meu médico falou que estou todo bem por dentro, a gordura não prejudicou minha saude,* mas me controlo com doces e gorduras , alias odeio goerdura na comida. (Grifos meus)

Esses são, em suma, problemas que acometem nossa sociedade; algo que nós mesmos estamos construindo, e algo que nós precisamos enfrentar.

Olhares produzindo a diminuição do 'outro' – ou do que se sente...

> Existe um olhar que parte da mesmidade. Outro que se inicia no outro, na expressividade de seu rosto. Talvez esta distinção seja uma forma para poder olhar entre aquelas representações, aquelas imagens que tomam como ponto de partida e como ponto de chegada o eu mesmo, mesmo – sumidouro, o refúgio do próprio corpo e do mesmo olhar –, e aquelas que começam no outro e se submetem a seu mistério, seu distanciamento, sua rebeldia, sua expressividade, sua irredutibilidade. Uma imagem do mesmo que tudo alcança, captura, nomeia e torna próprio; outra imagem que retorna e nos interroga, nos comove, nos desnuda, nos deixa sem nomes. (SKLIAR, 2003a, p.67-68)

Conforme as colocações de Skliar, há dois modos de olhar para o outro. Um modo que busca, ao olhar o outro, encontrar um pouco de si, o seu reflexo, o que torna possível que, ao não encontrar um simples reflexo, busque nomear, marcar, diferenciar, capturar esse outro. Outro modo que se abre aos mistérios do outro, à sua irredutibilidade, ao que o outro nos produz ao nos interrogar, nos colocar em suspensão. Trata-se, em suma, de modos distintos de olhar: um parte da mesmidade e o outro da alteridade. Levando isso em consideração adianto que, nessa seção, trago modos de olhar para os 'outros-gordos' que estão localizados na mesmidade e que, além disso, visam a uma diminuição desses sujeitos.

Por falar em diminuição: "Conheceis essa sensação de diminuir dentro de alguém?" (GOMBROWICZ, 2001, LARROSA, 2004). Tal sensação manifesta-se a partir de modos de nomear e olhar os outros. Trata-se de olhares que partem de cima, verticalizados, que referendam a mesmidade...

Trata-se "de que cada um de nós somos definidos e criados na alma dos demais, de que nós mesmos definimos e criamos aos outros com as imagens que formamos

deles." (LARROSA, 2004, p.265). "Trata-se da diminuição, do estreitamento, de todos aqueles que só podem sentir-se grandes quando diminuem aos outros, dos que só podem sentir-se crescer diminuindo. E se trata também do rebaixamento, da auto-elevação por rebaixamento, de todos os que se colocam em posições altas, dos que olham e atuam nas alturas, mas porque rebaixam aos demais, porque alimentam sua estatura de todo o baixo e o rebaixamento que produzem e reproduzem ao seu redor. Trata-se do jogo entre o grande e o pequeno, entre o superior e o inferior, entre o alto e o baixo. Trata-se da verticalidade, da desigualdade, da criação de diferenças de valor entre os homens: de tamanho, de nível, de estatura. Trata-se da arrogância, do menosprezo, do poder, da submissão, da dignidade, da humilhação. Trata-se dessa sensação de diminuição dentro de alguém." (LARROSA, 2004, p.266).

"entre um olhar que identifica, classifica e ordena, que pretende determinar o quê de cada coisa e que se há de fazer com ela, e um olhar que vive, que se move, que se cruza com outros olhares, com outros corpos". (idem, p.271).

A cultura, enquanto disputa por processos de significação opera em tortno da dimuição e do rebaixamento...

A 'diferença' não é algo que esteja apenas no corpo, visto que é produzida no interior das relações que mantemos com os sujeitos. Trago, nesse sentido, alguns excertos sobre alguns dos modos pelos quais as modalidades humanas caracterizadas como 'gordas' são nomeadas. A seguir, o excerto extraído da comunidade do *orkut Eu odeio gordas que se acham*, dentro do tópico *Você tem alguma história engraçada de gorda?*:

> **Pathy** Essa historia nem eh engraçada, mas eh mto.... 21/11/2004 06:19 Irritante Pessoal... eu fui num show ontem (20/11)e por azar, fiquei rodeada de gordas/os... a primeira cena foi engraçada.. olho pra pista... vem uma gorda gigantesca com um cabelo mal pintado de loiro... uma blusa rosa com uma florzinha de pano rosa pink na blusa... uma saia mto curta marron e um sapatinho {ou tenis, sei lah} rosa tbm.. ahhahaha.. ela correndo pareceu uma vaca feliz no campo!! Depois começou as cenas irritantes: Uma gorda na minha frente cum um cabelo cumpridu e nojentu solto (num show de rock??!!) e falandu altu e si achandu td... falandu altas mintiras prum cara q tbm era gordu q

> tava nu ladu dela.. nossa.. ela si achava mtoooooo... du meu ladu uma outra gorda loira falsa, mais tiazona jah... cum uma roupa mto piniquenta (como eu sei? qdu começou o show ela qs mi derrubou cum akelis braços gordos e suadus ... na primeira music jah tava td nojenta.. iéca!) e du ladu meu outru ladu.. um gordu nojentu tbm.. na primeira music jah tava fedendu e suadaum (esse tbm si achava mto!!).. mi impurrou um monti ateh fica na minha frenti.. tbm bati mto nas costas nojentas dele.. ahuahuah.. depois resolvi ir mais pra tras.. pq akele ambiente tava mto inospito.. ahuahuahuhauhauah.. eh issu aí galera.. apesar da pessima experiencia cum gordos/as nojentos/as e q se acham mtuuuuu o show foi mto bom.

O que vemos é a marcação sobre quem é o 'diferente', 'estranho', a 'aberração', o ser 'bizarro' – conforme nomeações que são referidas às mulheres consideradas 'gordas' em alguns espaços virtuais –, enquanto estratégia de fabricação, localização e diminuição desse 'outro'. Para receber o selo de 'outro' esse ser precisa surpreender, perturbar, inquietar frente o *status quo*, pois se o Mesmo se vê refletido nele, ele não é o 'outro', e sim um igual à referência. As estratégias narrativas sobre 'quem são' os 'outros' servem como garantia para a construção de significados sobre as diferenças que, por serem produzidas na linguagem, nos processos de significação, 'necessitam' de um espaço de visibilidade para serem faladas e indagadas em sua própria diferença. No caso da história contada anteriormente, podemos indagar: quem está falando? Uma pessoa que se situa – e é situada – dentro dos atuais padrões corporais para falar de si ao estar falando do/e pelo 'outro', que não tem como falar de si próprio. Nessa situação específica, provavelmente por estar confortável na sua posição de 'normal', a narradora da história encontra-se *autorizada* a definir o 'diferente' através do controle dos significados sobre esses sujeitos. Enfim, o 'outro' é falado, narrado e produzido como fora do padrão e, desse modo, pessoas como a citada se constroem e se reafirmam como indivíduos 'normais'. Uma busca, em suma, de construir pertencimentos e exclusões através da criação de fronteiras entre os tidos 'normais' e os 'anormais'.

Sobre os sujeitos que se *autorizam* a falar sobre/e pelos 'outros', cabe ressaltar que normalmente os sujeitos que escrevem na comunidade *Eu odeio gordas* e E*u odeio gordas que se acham*, por exemplo, são mulheres e homens que se narram como

adeptos da malhação, que gostam de 'baladas', de paquerar, de serem vistos e admirados, ou seja, sujeitos que estão 'dentro' dos padrões de normalidade contemporâneos; pessoas que se julgam 'dignos' de definir quem são os 'outros', já que eles se vêem como homens e mulheres 'normais'. Com isto "algumas [identidades] gozam de privilégios, legitimidade, autoridade; outras são representadas como desviantes, ilegítimas, alternativas. Enfim, algumas identidades são tão 'normais' que *não precisam dizer de si*; enquanto outras se tornam 'marcadas' e, geralmente, *não podem falar por si"* (LOURO, 2000, p.67, grifos da autora). Além do mais, o que parece estar sendo construído, dia-a-dia, é um cuidado de si através do controle do 'outro', ou seja, se narra os outros para que cada um construa a si próprio e se reafirme dentro de certos parâmetros, que são os construídos como 'desejáveis'.

Importante salientar, novamente, que as escritas sobre os 'outros' não são produções 'individuais', pois tiveram condições de possibilidade para emergir numa cultura em que há o silenciamento e a negação de modos outros de ser e perceber o mundo. Podemos pensar, desse modo, em toda uma discursividade que produziu a enunciadora do excerto exposto anteriormente, possibilitando que ela expressasse o seu desprezo às pessoas 'gordas'. Afinal, estamos inseridos numa cultura em que este tipo de enunciado é construído, legitimado, disseminado, tornando-se um regime de verdade.

Além disso, como afirma Silveira (2002): "Os textos são produzidos a partir de discursos e de linguagens [. . .] que não apenas (e não principalmente) 'expressam' e 'comunicam' – como as análises clássicas das funções da linguagem nos ensinavam – mas também 'constroem' e 'constituem' a realidade" (p.19). Com isso quero reiterar que as escritas tornadas públicas no *orkut* e em *blogs* – assim como em outros espaços – que demonstram ódio às pessoas nomeadas como 'gordas', e.g., não são a simples expressão da 'verdade' dos comunicantes ou dos alvos da comunicação, mas artifícios produtivos para a fabricação dos significados e imagens criadas sobre os sujeitos nomeados como 'outros' incluindo, ainda, as imagens que esses 'outros' tem

de si. Afinal, como salienta Moita Lopes (2001), através das práticas narrativas os sujeitos são construídos, assim como constroem os outros e se ligam ao mundo social. Desse modo, as práticas narrativas podem ser vistas como ações devido ao que produzem, e analisá-las nos possibilita ter "acesso à socioconstrução das identidades sociais" (idem, p.63). Os efeitos das histórias que contamos e que nos são contadas – no caso desse estudo histórias escritas – podem ser visualizados no excerto destacado a seguir, em que a autora demonstra o seu sentimento em reação a piadas e gozações – construídas nas contingências macro-sociais que nos atravessam, e que, de fato, atravessaram membros do seu meio familiar[63]:

> Ando meio magoada com as pessoas em especial as da minha família domingo fiz um almoço pro meu pai, Depois de mais de 1 ano sem nos vemos. Tudo poderia ter saído bem, mas não foi assim. poxa quando você fica muito tempo sem ver alguém, não espera que a primeira coisa que ela fale e o quanto você esta gorda e coisas do tipo Brincadeiras sem graça que consegue derrubar e humilhar qualquer um. Bom foi isso que aconteceu Eu estava tão ansiosa por esse almoço. Mas meu pai fez questão de estragar ao chegar falando mal da comida, colocando defeito em tudo. Mesmo sabendo que eu não cozinho tão bem Ha não ser doces, isso infelizmente eu sei fazer. Na verdade na hora que ele chegou ao invés De falar "oi", foi logo falando: "nossa você esta bem mais gorda hein?". Ate então tudo bem, mas piadas do tipo. Deixa-me subir primeiro na escada porque vai que vc entala Ou do tipo "nossa se você virar muito na cama é capaz de esmagar alguém". Me detonou, o pior foi ouvir esse tipo de coisa do meu pai. E na frente de todos que estavam aqui, eu me senti humilhada. Detonada.Claro que sei que estou gorda, sei que tenho que emagrecer. Mas mesmo assim isso não e motivo pra ninguém usar como piada to ate hoje meio pasma e chateada.

E mesmo a declaração de Érika, a seguir, que nos relata como engordou e, posteriormente, o que a motivou a buscar o emagrecimento. Incluindo, no desfecho, a contribuição do seu *blog* e da sua rede de amizade construída nesse espaço, como pode ser exemplificado:

> Meu nome é Érika, tenho 31 anos, sou casada, mãe de lindo garotinho chamado Eduardo. Moro na cidade de Mogi das Cruzes-SP e como muitas outras pessoas estou lutando para tentar emagrecer. Vou contar um pouco de como tudo começou. No ano de 1997 cheguei a pesar 120 quilos,

---

[63] Extraído do diário virtual *Emagrecendo*, localizado no endereço <http://emagrecendocomblog.zip.net/>.

> resultado de um acidente que sofri no Japão em 1996. Quando retornei ao Brasil, todos ficaram muuito espantados, e com toda a certeza, pois antes de embarcar para o Japão eu pesava 65 quilos. Determinada a emagrecer fiz todo tipo de tratamento médico, desde a ingestão de medicamentos a dietas malucas. Do ano de 1997 até o ano 1999, emagreci 23 quilos, chegando aos 97 quilos e mantive este peso até o ano de 2001. Em outubro de 2001 engravidei e no final da gestação, após o nascimento do meu filho, estava pesando 116 quilos. Não tive maiores problemas para perder os quilos adquiridos na gestação, porém em janeiro deste ano, fomos ao Parque Aquático Wen't Wide, ao lado do Hopi Hari, e lá passei por uma situação muuito constrangedora, que não tive coragem de contar para ninguém até hoje. Estava com meu filho, para variar estava correndo atrás dele, quando passei na frente de um grupo de jovens e escutei um deles comentar: - Nossa!!! Que horror!!! Que japonesa mais gorda? Ninguém merece ter uma visão dessas neste dia tão lindo!!! e todos começaram a rir. Para piorar a situação, eu tinha que passar na frente deles novamente, e escutei outro comentário: - Ah não, assim não dá! Será que ela não se toca. Gente.....me senti muuito mal, fiquei com vontade de chorar e passei o resto da tarde deitada na espreguiçadeira super deprimida. Até então,eu não tinha a noção do quanto estava obesa, e do quanto nós somos penalizados e massacrados por causa disso. O melhor de tudo é que, esse comentário maldoso mudou minha vida!!! Foi a gota d'água!!! Então comecei uma dieta com o auxílio de uma nutricionista e descobri que não existe nem uma mágica para emagrecer, o segredo é a reeducação alimentar combinada com atividade física diária para queima de calorias. Mas, tudo era muuito monótono... e para seguir o cardápio da dieta que ela havia me passado eu tinha que, ou ganhar muuito bem, ou ter maridão rico que bancasse tudo, e como não tinha nem uma coisa e nem outra, desisti. Mas não engordei, muito pelo contrário, até que perdi alguns quilos. Até que um dia, navegando pela internet descobri as blogueiras light através da Revista Dieta Já, e fiquei muuuito interessada. Como não entendia nada de Blog e de HTML, pedi uma ajudinha para um primo, o querido Rafael, que me ajudou a montá-lo. No começo tudo era muito tímido, tinha vergonha de postar, era desconfiada, até que recebi meu primeiro comentário e conquistei minha primeira amiga light a Camila, logo vieram mais e hoje já são muitas. O resultado de tudo isso? Você pode conferir logo abaixo, quando iniciei meu blog em 22/07/2005[64].

As notícias e informações que nos chegam através dos mais variados espaços contemporâneos gravitam, diversas vezes, em torno dos males da obesidade, assim como dos modos de cuidar do corpo e da saúde, incluindo ensinamentos sobre os procedimentos relacionados com a lipoaspiração, cirurgia plástica, etc. Como formas

---

[64] *Diário de emagrecimento*, localizado no endereço <http://diario-de-emagrecimento.blogspot.com>.

produtivas de construção de sujeitos e realidades, os ensinamentos urdidos nas tramas da cultura *produzem*. Produzem diferenças, (pre)conceitos, normas, padrões estéticos e de comportamentos, singularidades, efeitos... Desse modo, creio que as histórias selecionadas apontam a reverberação desses discursos, pois eles confluem nos modos de subjetivação que incitam, os quais podemos ter 'acesso' através das narrativas que expõe o 'outro' e, por outro lado, através das que dão a palavra para que esse 'outro' fale, diga a sua palavra e diga de si.

Creio que há de se pensar que "todos nós, como sujeitos discursivos, deveríamos ser sensíveis às dimensões que fazem da linguagem cotidiana um lugar privilegiado de consagração do preconceito, do desprezo, do repúdio, da ridicularização e, mesmo, do ódio" (SILVEIRA, 2002, p.22). Nesse sentido, as narrativas demonstram o quanto criamos e recriamos, a todo instante, *outros-outros* enquanto nós, os mesmos, nos auto-afirmamos. Ora, enquanto criações, as diferenças não são dadas, naturais, ou mesmo estáticas, mas são tornadas diferenças *em relação* a outras diferenças que, aliás, se dão nas tramas do cotidiano, através de discursos assumidos na forma de 'verdades'.

Saliento, inclusive, que os preconceitos – visíveis nas escritas expostas ao longo dessa pesquisa – são direcionados a sujeitos que 'destoam', por questões diversas, dos corpos-modelo que a sociedade contemporânea vem fabricando. Nesse sentido, cabe salientar que procuro me distanciar de análises que, de modo um tanto ingênuo, vêem o ciberespaço como que apartado da sociedade em geral. Como exemplo, posso destacar o quanto tem sido veiculado na mídia – ou mesmo em estudos que problematizam o *bullying* e *ciberbullying* – que essas práticas de discriminação podem ser isoladas, amarradas que estariam a um particularismo que nos impossibilita percebê-las como encarnadas nos próprios modos de nossa sociedade se constituir e se fazer presente no contemporâneo. Ressalto, assim, que os modos de 'relação consigo', bem como os modos de 'relação com os 'outros'' gestados a partir de olhares preconceituosos que classificam e hierarquizam as

diferentes existências, estão sendo sustentadas pelo contexto social e cultural que as tornam possível, dando sustentação a tais práticas.

É assim que, talvez, o mais importante seja a necessidade de não se separar o que acontece na *web* das dinâmicas sociais e culturais, pois, elas não são coisas apartadas, por mais que pensá-las como autônomas em si mesmas nos dê a tranqüila sensação de que o nosso mundo não produz os posicionamentos, percepções, sentimentos... presentes no ciberespaço, uma vez que são postas como práticas situadas localmente – como se estas práticas fossem algo isolado na nossa cultura –, que surge numa relação específica, não envolvendo as redes discursivas que as tornam possíveis. Afinal, as reações de repulsa aos sujeitos tidos como 'possuidores' de corpos 'outros', e.g., não são meras expressões de seus comunicantes, mas posicionamentos construídos no interior de uma cultura que cria saberes específicos para cada tipo de modalidade humana. Contribuindo, assim, para as classificações e hierarquizações que contribuem para a demarcação dos lugares sociais cabíveis aos diferentes sujeitos ou, mesmo, aos sujeitos tidos como 'diferentes'.

Vale deixar um convite ressoando...:

> Para se ter uma idéia das discriminações das quais são vítimas as pessoas "roliças", nada como uma navegada rápida pela Internet. Os sites das associações de obesos estão repletos de depoimentos anônimos, todos mais dolorosos uns que os outros. (POTET, 2005)

UM SOPRO ÉTICO NAS RELAÇÕES CONSIGO E COM OS OUTROS – (IN)CONCLUSÕES

Esse conjunto de questões evidenciam, para mim, a urgência de criarmos novas formas de nos relacionarmos com nós mesmos – indissociáveis de formas novas de nos relacionarmos com os outros. Essa é, sem dúvida, uma tarefa política das mais importantes: produzir novas subjetividades humanas que tenham a ver mais com a invenção, com a ruptura, com pensamentos vagantes, com a criação de vidas que ultrapassem o que é destinado para nós, vidas que invertam as flechas subjetivantes dirigidas a elas, apontando novos caminhos... Vidas que carreguem consigo o que pode haver de mais genuíno, inventivo e belo, que é a abertura para novas possibilidades de ser humano nesse tempo em que as coisas parecem, às vezes, tão 'naturais', 'fixas', ou mesmo 'sem sentido'...

Eis o porquê, portanto, de afastar-me, nesse momento, das problematizações que tratam do imperativo da eficácia que nos constitui, impregnando quase todos os recantos da nossa existência. Quero mostrar as possibilidades de um entre-lugar nos discursos que, creio, situa-se na ética, ou seja, nos modos de cada sujeito operar sobre si em prol de construir uma vida mais bela, principalmente levando-se em conta as inúmeras sujeições e submissões que nos são direcionadas no tempo presente. Trata-se, em suma, de discutir "a retomada da ética e da prudência como modos de resistência atuais." (SANT'ANNA, 2002, p.108).

A questão nietzscheana "O que estamos fazendo de nós mesmos?" retumba em meu ouvido desde que meus olhos nela pairaram. Creio que é a expressão de um questionamento ético que todo ser humano faz (ou deveria fazer) em algum momento de sua existência. Trata-se, em suma, de um modo de resistência aos imperativos do saber e do poder, ou seja, do que nos é 'dado' a pensar, sentir, ver, agir, expressar... Assim, talvez, possamos redirecionar nossas vidas, destituindo o

que nos agarra aos arautos firmes da Identidade, que em nós é fixada de forma tão arraigada, impossibilitando viagens destinadas à criação de outras formas de ser consigo e com os outros.

"O que estamos fazendo com os 'outros'?" Essa questão pode ser formulada como um desdobramento da primeira, já que imaginar as possibilidades inventivas de recriarmos a nós mesmos pode produzir tanto outros modos de nos olharmos quanto outros modos de nos relacionarmos com os nomeados como 'outros' na sociedade contemporânea. Nesse sentido, Ortega nos fala da lição que Foucault aprendeu no Irã, de que "Não há transformação do mundo sem a transformação de si" (1999, p.25). Assim, indagar "O que estamos fazendo de nós mesmos?" é trazer um sopro ético, marcado não somente pela denúncia das representações que nos fixam em certos lugares, ou mesmo das crueldades as quais movimentamos e/ou nos assombram cotidianamente, mas, sobretudo, para buscar evidenciar as experiências aprisionadas, negadas e/ou silenciadas pelos discursos que estão mais em evidência nos espaços públicos. Importância, fundamentalmente, de "dizer que há experiências em jogo nesses espaços, que há aprendizados de experiências ou ainda que há a negação de outras experiências" (FISCHER, 2004, p.45).

A angústia latente de repensarmos as nossas existências é a afirmação de um *estar vivendo* comprometido com o que difere, produz o novo, recria sujeitos e reinventa realidades. É *estar vivendo* de forma comprometida com a ética, enquanto possibilidade de transformação dos sujeitos, das reconstruções de si que cada sujeito pode operar através das técnicas de si, entendidas como "procedimentos, [...] pressupostos ou transcritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si" (FOUCAULT, 1997, p. 109). Urgência de repensarmos as relações que estamos mantendo com nós mesmos, já que "O indivíduo possui a capacidade de efetuar determinadas operações sobre si para se

transformar e constituir para si uma forma desejada de existência" (ORTEGA, 1999, p. 23), efetuando constantes reelaborações de si como alternativas às sujeições.

Além disso, a indagação inicial – "O que estamos fazendo de nós mesmos?" – não se direciona apenas a um sujeito, pois os "Processos de subjetivação dão conta da produção de formas de vida e de sociedade" (idem, p.171). Logo, essa pergunta traz consigo uma urgência porque "Sentimos ou pressentimos que, nos processos de subjetivação, decide-se algo que envolve a vida dos indivíduos e das sociedades, pois, neles, trava-se uma luta contra o nosso tempo, contra o que somos" (CARDOSO JR., 2002, p.186). Afinal, para quem se preocupa com as dores que assolam nosso mundo e que tocam nossas existências, como não considerar, e.g., a aversão quase que generalizada não apenas à obesidade, mas aos sujeitos nomeados como 'obesos' (ou 'gordos', ou 'gordinhos' – pois temos aí escalas nos graus da aversão) e que, nesse processo de nomeações constantes, tem as imagens de si mesmas construídas, assim como as imagens que os outros deles possuem? Aversão essa construída através da série de códigos normativos e prescritivos que, num embate de forças assimétricas, ganham mais legitimidade nos investimentos direcionados aos sujeitos, compondo as suas existências através dos processos de objetivação e subjetivação. Assim, não se trata, aqui, de falar de um sujeito, mas o que se produz sobre os sujeitos em tempos e espaços específicos. Isso me leva a indagar: como se constitui, em nossa cultura, esse tipo de imagem sobre os 'outros'-'gordos', por exemplo? Ou, ainda, como as ações em relação ao 'outro', pautadas através do desprezo, da arrogância, da hostilidade... são tornadas possíveis?

Mais do que uma reflexão centrada apenas sobre o que de 'maligno' e 'perverso' anda disputando legitimidade na sociedade – como as caracterizações da sociedade atual que a revestem como centralmente individualista, narcísica... –, produzindo os indivíduos deste tempo, prefiro pensar como, nesse entorno, dentre tantos outros possíveis e realizáveis, podemos nos tornar-outra-coisa-daquilo-que-estamos-sendo. Para tanto, precisamos analisar o nosso tempo, o que está afetando os

sujeitos, tornando-os sujeitos a. Isso traz a questão de que vivemos embates profundos entre os códigos e a ética. Nesse sentido, Ortega (1999) traz a questão de que as análises realizadas a partir da perspectiva foucaultiana tem se centrado demasiadamente sobre o Foucault genealógico (poder) e o Foucault arqueólogo (saber), deixando em segundo plano o Foucault da ética. A ética, possibilitadora de abrir rupturas e singularidades através das relações que os sujeitos podem estabelecer consigo mesmo, permite aquilo que foi exposto a pouco: tornar-se-outra-coisa-daquilo-que-estamos-sendo. Entretanto, pensar na atualidade é se debater com a coexistência das duas possibilidades: enveredar sobre os códigos normativos e prescritivos ou, por outro lado, sobre a ética[65]. No entanto, difícil falar de ética sem considerar que condutas estão sendo incitadas através das relações de poder, como ação sobre outras ações e, do mesmo modo, através da criação de campo de saberes. Além disso, saber e poder não produzem, sempre, como produto da subjetivação, um assujeitamento. As possibilidades de resistência mais eficazes estão nas relações consigo, ou seja, nas possibilidades de recriar a si mesmo nas operações que cada sujeito faz consigo mesmo – papel político das relações consigo, pois propiciam aberturas a novas formas de existência.

Como os indivíduos transformam-se em sujeitos presos a certa forma de valorar o seu corpo e o corpo do 'outro'? Que ensinamentos, através dos aparatos de saber e poder, são continuamente investidos sobre os sujeitos para que eles operem sobre si mesmos a fim de não abrir rupturas e serem repetidores em série das grades – históricas, políticas, culturais e sociais – de assujeitamento? Justamente por essas forças serem monstruosamente enormes é que se reveste de importância política identificá-las para tentar intervir ali, onde elas são mais produtivas, ou seja, na produção de modos de vida:

---

[65] Anotação realizada no seminário *Trilogia da Amizade em Francisco Ortega: para pensar juventudes,* ministrado pela Profª Drª Rosa Maria Bueno Fischer, em 2005/2.

> Esta noção de modo de vida me parece importante. Não seria preciso introduzir uma diversificação outra que não aquela devida às classes sociais, diferenças de profissão, de níveis culturais, uma diversificação que seria também uma forma de relação e que seria "o modo de vida"? Um modo de vida pode ser partilhado por indivíduos de idade, estatuto e atividade sociais diferentes. *Pode dar lugar a relações intensas que não se parecem com nenhuma daquelas que são institucionalizadas e me parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética* (FOUCAULT, 2005, grifos meus).

Se modos de vida são criados é, também, devido ao intermédio das relações com o outro, como veremos a seguir.

Da necessidade do outro para a produção de si...

> O outro ou outrem é indispensável na prática de si a fim de que a forma que define esta prática atinja efetivamente seu objeto, isto é, o eu, e seja por ele efetivamente preenchida. Para que a prática de si alcance o eu por ela visado, o outro é indispensável (FOUCAULT, 2004, p.158).

As discussões trazidas por Ortega (1999) a respeito da intersubjetividade demonstram o quanto Foucault rechaça a idéia de um sujeito desde sempre dado, completo, seguro, apontando-nos a historicidade deste sujeito, que é 'fundado e refundado na história'. Constituição de si que não se dá através de uma dimensão monádica, ou seja, um sujeito constituído somente por si mesmo, sem necessidade de relacionar-se com os outros para a sua produção. Pelo contrário, a autoconstituição ética do sujeito tem na dimensão intersubjetiva a intersecção entre o micronível, que é da ordem da dimensão individual, e o macronível, que expressa a dimensão coletiva da autoconstituição (ORTEGA, 1999).

Segundo Foucault (2004), a constituição de si através da relação com o outro, na Grécia clássica, dava-se através de três mestrias exercidas do mestre sobre o

indivíduo. A primeira refere-se à mestria do exemplo, onde o outro serve de modelo para auxiliar na formação do indivíduo em questão. A segunda é a mestria da competência, ou seja, a transmissão do saber do sábio, o mestre, ao indivíduo o qual ele se dedica e, por último, a mestria socrática, como nomeia Foucault, ou mestria das adversidades (ORTEGA, 1999), exercida através dos diálogos ao modo socrático, onde o indivíduo demonstra seus embaraços e faz suas descobertas – como Alcibíades, que descobriu, através das lições de Sócrates o quanto não sabia e, do mesmo modo, o quanto sabia por não saber. Desse período, em que o outro que servia para a constituição de si era o mestre, foi-se, paulatinamente, até a etapa em que uma variedade de indivíduos pode servir para a constituição de si. Como pode ficar mais bem visualizado a seguir:

> O papel do mestre como o outro singular e intermediário na autoconstituição da tradição socrático-platônica será superado, pois a prática de si transcende seu contexto originário da práxis filosófica. Essa função não será somente realizada pelo mestre, pelo filósofo, mas por uma série de indivíduos. [...] A dimensão intersubjetiva da cultura de si desenvolve-se, porém, não somente num contexto institucionalizado, mas também nas relações correntes de parentesco, compromisso ou amizade, relações que implicam uma forte ligação intersubjetiva e nas quais o papel do outro na constituição de uma relação recíproca consigo mesmo é essencial (idem, p. 132).

Na atualidade, por outro lado, vemos o quanto os jovens [e outras gerações] constroem as suas posições-de-sujeito através das relações estabelecidas com os outros, como as relações que se dão entre os pares nas atividades de ócio, escolares, no trabalho, no lazer, nas interações mantidas com a mídia [com seus astros e estrelas que tornam-se os heróis e heroínas das pessoas], nos ciberespaços da internet, etc., que implicam uma condição *sine qua non* para a produção dos sujeitos. Em suma, o outro pode ser quase que qualquer um: o/a artista, a mãe, o pai, o/a colega popular da escola, o/a mendigo/a, o/a 'gordo/a' da família, da escola, do trabalho, da sua rua... Falar da constituição de si através da relação com o outro, na contemporaneidade, torna-se complexo, pois, como já foi referido, envolve o embate

entre a constituição de si a partir dos códigos, que demandam certo enraizamento nos modos de *estar sendo*, ou, por outro lado, da ética, enquanto as formas dos sujeitos se relacionarem consigo mesmo visando a sua transformação – embates que se dão de forma *agonística*, ou seja, através de uma "relação que é ao mesmo tempo incitação mútua e luta, tratando-se não tanto de uma oposição frente a frente quanto de uma provocação contínua" (FOUCAULT, 1994, *apud* ORTEGA, 1999, p.168).

Nos excertos que exponho a seguir podemos visualizar a constituição de si através de uma relação com o 'outro' que não se dá para uma prática transformadora de si. Pelo contrário, é através da nomeação desse 'outro' que esses sujeitos se filiam, cada vez mais, aos códigos normativos e prescritivos que demandam uma Identidade-referência ao referir-se aos padrões corporais, por exemplo.

> **Fernando** Olha essa gorda q se acha! 2/5/2005 09:06 Tirando a boca em formato de chupar pinto, de rosto ainda ia... mas como mulher bonita é o conjunto, kralho!! parece uma pêra estragada ou um violão quebrado!! http://www.orkut.com/AlbumZoom.aspx?uid=5009356493770223 76&pid=12 E o cara escondido atrás dela!!
>
> **Fernando** Credooo 5/6/2005 16:27 Deus do céu. ajude-a!!!
>
> **The dream;** uhauhaa pior é essa aqui 8/6/2005 05:59 http://www.orkut.com/AlbumZoom.aspx?uid=9209852168932384701&pid=15 ajhshjajhsjhajha se liga nos bracós atleticos,e na kra de "eu sou gostosa"
>
> **Stela** nosss 15/6/2005 15:27 saum nesses momentos q me sinto mtuuuu bem ...uhauuhahaua
>
> **Bruna** ecaaaaaaa 1/7/2005 12:22 nada é pior do q esse site! eu encontrei ele numa comu de dietas p/ vc nunca xegar nesse estado... qm tiver coragem: http://gordasgostosas.blig.ig.com.br/
>
> **Paulinha** 2/7/2005 10:11 CARALHUUU Q HOOORROOOOORR SENHOR JESUS Q COISA HORRIVEL !!!!!!!!!!!!! EH NEXAS HORAS Q EU ME SINTO FELIX DE VERDADE KRA.....
>
> **Anônimo** uhuhu 3/7/2005 08:51 Q NOPJO ME DEU VONTADE DE VOMITRA QUANDO EU VIH AKILO..Q NOJIO[66]

O que esses internautas fazem é demonstrar o quanto esse 'outro', no caso as 'gordas', são necessárias para a afirmação da sua identidade, já que olhando para

esses 'outros' e reconhecendo neles formas 'indesejáveis' de *estar sendo* mulher, no caso, podem voltar-se para si e darem-se conta de que são 'normais', de que estão em consonância com os parâmetros de normalidade criados, ou seja, o pavor da gordura, de 'ser' 'gorda', é algo que não as acomete, seja porque o biotipo delas não é propenso a isso, seja porque fazem um intenso investimento sobre si mesmas para regularem-se e, assim, conquistar e manter a 'boa forma' – pois o 'perigo' está ao lado. Ora, o que estou relatando aqui é uma apropriação do 'outro' para a constituição de um si que não visa a sua transformação, como na ética. É, antes, um uso perverso, de assimilação do 'outro' para o engrandecimento do mesmo.

Se estive falando da assimilação do 'outro' pelo mesmo, passo, agora, com Ortega, a falar do encontro com o outro – a intenção é mostrar as possibilidades existentes em nossa sociedade para o tipo de relação que podemos construir a partir do encontro com a figura do 'outro'. Como Ortega assinala, utilizando Foucault: "O encontro do outro produz 'uma prova transformadora de si', em vez de 'uma apropriação simplificadora do outro com o fim da comunicação" (1999, p.124). Assim, encontrar o outro permite que eu abra a minha existência a essa outra figura, transformando a minha existência na relação com esse outro que servirá para a minha transformação, nas relações que cada sujeito mantém consigo mesmo. Em suma, encontro; nem apropriação, assimilação ou consumo do 'outro' pelo mesmo.

"A relação ética surgida do encontro do outro na sua alteridade absoluta destroça a soberania do eu. Ela atuará como um projeto de-subjetivante. O encontro do outro põe o egoísmo do eu em questão e engana a intencionalidade do sujeito" (ORTEGA, 1999, p.140). Essa de-subjetivação é a possibilidade da criação de resistência frente a um poder subjetivante, e que pode ser realizada através das práticas que um indivíduo dispõe para experimentar uma determinada relação

---

[66] Excertos da comunidade *Eu odeio gordas que se acham,* no *orkut*, e refere-se ao tópico *Olha essa gorda q se acha*! Em tópicos como esse *orkuteiros* costumam indicar, através de *links*, endereços onde outros membros e visitantes da comunidade podem se deparar com uma *gorda que se acha*.

consigo. Ora, um encontro com o outro que desestabiliza as estruturas Identitárias quando o outro é percebido na sua alteridade, na sua condição de ser "absolutamente outro" (LÉVINAS, 1987, *apud* ORTEGA, 2002, p.139). É assim que Lévinas "advoga uma experiência da subjetividade que tenha a intersubjetividade como sua condição de possibilidade: somente mediante o outro a experiência de si é possível" (ORTEGA, 1999, p.125). Não se trata, portanto, de "uma experiência do outro subsumível ao si mesmo, mas de uma experiência de sua alteridade, da 'crença no *ethos* do outro'" (idem, p.125).

Tanto para Foucault quanto para Lévinas a ética não exprime relações baseadas nos princípios universais, não sendo da ordem da normatividade, mas é, justamente, uma maneira de a elas escapar, através da invenção de novos modos de relacionar-se consigo. Porém, há diferenças. Enquanto para Foucault a ética envolve, primeiramente, a relação consigo, para Lévinas assenta-se a "primazia da relação com o outro para o estabelecimento da relação consigo mesmo", o que "representa uma possibilidade de situar a intersubjetividade no centro constituição do sujeito", onde o outro é imprescindível para a produção de si mesmo e, assim, contrariamente a Foucault, a relação com o outro vem em primeiro lugar. Para dar continuidade, importante salientar que: "A forma, que, segundo Foucault, a estética da existência deve ter na atualidade não permanece no nível individual do homem dominante de si representativo da Antigüidade, mas aponta para uma subjetivação coletiva, para uma forma de vida ou para, nas palavras de Deleuze, um devir minoritário, que encontra sua expressão na amizade" (ORTEGA, 1999, p.138).

Assim, num presente tão marcado por "tendências individualizantes e subjetivantes da sociedade moderna" (idem, p.26) urge repensarmos as possibilidades de constituição de novas formas de sociabilidade e subjetividades. E a amizade é uma das mais potentes formas de resistência contemporânea contra os perversos modos de relacionamento que estamos mantendo com nós mesmos e, também, com os 'outros'. A importância da amizade situa-se como possibilidade de

subjetivação coletiva, onde o outro importa não para que ele seja consumido por um Eu, nessa crescente lógica do consumo do 'outro', mas para que, sintonizando-se com essa outra existência, cada um possa estilizar a sua vida, operando sobre si mesmo de modo a ter uma vida mais bela. Eis o potencial subversivo da amizade, pois abre a possibilidade de reinventarmos a nós mesmos, já que o outro tem valor não para ter suas forças subtraídas em 'meu' proveito, mas porque ele é uma dimensão de máxima importância para a criação de novas subjetividades, subjetividades que venham a transgredir os modelos expostos para nós.

Se a amizade é uma forma de subjetivação coletiva, ela tem a ver com "multiplicidade, intensidade, experimentação, desterritorialização" (ORTEGA, 1999, p. 157), pois sua "importância reside nas inúmeras formas que pode encarnar" (idem, p. 158). Para tanto, ela é feita através de um 'programa vazio'. Um programa a ser feito com o outro para a criação de algo novo através da intensidade desse encontro. Como Foucault brilhantemente assinala:

> Mas a idéia de um programa e de proposições é perigosa. Desde que um programa se apresenta, ele faz lei, é uma proibição de inventar. Deveria haver uma inventividade própria de uma situação como a nossa e que estas vontades disso que os americanos chamam de comming out, isto é, de se manifestar. O programa deve ser vazio. É preciso cavar para mostrar como as coisas foram historicamente contingentes, por tal ou qual razão inteligíveis, mas não necessárias. É preciso fazer aparecer o inteligível sob o fundo da vacuidade e negar uma necessidade; e pensar *o que existe está longe de preencher todos os espaços possíveis.* Fazer um verdadeiro desafio inevitável da questão: o que se pode jogar e como inventar um jogo? (2005. Grifos meus).

Foucault "possuía um interesse especial em apresentar a estilística da existência da Antigüidade – de forma transformada – como um contramodelo [às] estratégias atuais de individuação" (ORTEGA, 1999, p.138). Se operei, em minha escrita, um desvio de rota das práticas de assimilação do 'outro' para as práticas da constituição de si a partir do encontro com o outro é porque esse deslocamento permite que, movida de uma esperança genuína, eu possa acreditar que outras

relações humanas são possíveis de serem inventadas, sobretudo a partir de um certo desenraizamento do modo como estamos sendo, considerando que "Toda revolução mundial é precedida de uma revolução da alma" (MACHO *apud* ORTEGA, 1999, p.31). Ora, se o Ocidente contemporâneo vem sendo incansável em criar parâmetros de normalidade que, numa sociedade múltipla, é cada vez mais difícil de se encaixar, apesar das contínuas tentativas de muitos, sejamos nós, sujeitos deste tempo, incansáveis na arte de abrir rupturas, linhas de força que nos levem a outras direções e isso pode se dar, principalmente, através de uma relação consigo que vise a ética.

Esse capítulo, enfim, tem a ver com a idéia de que se o que não ocorre é uma 'evolução', 'progresso', continuidades, mas rupturas e descontinuidades, então é possível reivindicar um sopro ético. Se, em suma, a descontinuidade é uma de nossas poucas constâncias, como concluir um texto em que as perguntas se multiplicam de forma assustadora? Como concluir um texto quando nossas explicações se esvaem frente a gama de possibilidades para um mesmo fenômeno neste cambiante e complexo mundo? Pesquisar para quê? Para aplacar um pouco a sede de questões ou, prioritariamente, para tornar-se outro e aceitar a nossa inconclusão, inconstância e incerteza permanente?

REFERÊNCIAS

ALMEIDA; Maria Isabel Mendes de; TRACY, Kátia Maria de Almeida. *Noites nômades:* espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ARFUCH, Leonor (Comp.). Introducción. In: ARFUCH, Leonor (Comp.). *Pensar este tiempo:* espacios, afectos, pertenencias. Buenos Aires: Paidós, 2005. P.11-20.

BAPTISTA, Luís Antônio. Sujeitos e subjetividade na contemporaneidade: reflexões sobre o anestesiante espetáculo da diferença. In: *Ensinar e aprender*: sujeitos, saberes e pesquisa. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE). Rio de Janeiro: DP&A, 2000. P.55-65.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. *Amor líquido:* sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BRUNO, Fernanda. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e comunicação. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n.24, p.110-123, julho 2004.

CARDOSO Jr., Hélio Rebello. Foucault e Deleuze em co-participação no plano conceitual. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze:* ressonâncias nietzchianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. P. 184-197.

CHMIEL. Silvina. El milagro de la eterna juventud. In: ARIOVICH, Laura *et al*. *La juventud es más que una palabra.* Buenos Aires: Editora Biblos, 1996. P.85-102.

CORAZZA, Sandra Mara. *O que quer um currículo?:* pesquisas pós-críticas em educação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber. Novos olhares na pesquisa em educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos investigativos:* novos olhares na pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. P.13-22.

_____. Velhos temas, novos problemas – a arte de perguntar em tempos pós-modernos. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Orgs.). *Caminhos investigativos III:* riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. P.199-214.

_____. Sujeitos e subjetividades nas tramas da linguagem e da cultura. 10º ENDIPE — *Simpósio Sujeitos e subjetividades na contemporaneidade*. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/neccso/downloadtextos.html>. Acesso em: 03 fev. 2006.

COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura*: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

COSTA, Gal; VIANA, Herbert. *Gal Costa Acústico*. São Paulo: BMG Brasil Ltda,1997. 1 CD.

COURTINE, Jean-Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo. Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. P. 81-114.

DAMICO, José Geraldo Soares. *"Quantas calorias eu preciso [gastar] para emagrecer com saúde?" Como mulheres jovens aprendem estratégias para cuidar do corpo.* Porto Alegre: UFRGS, 2004. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

DOSSIÊ UNIVERSO JOVEM 3. MTV Brasil (Org.)., 2005.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Nunca fomos humanos* – nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.07-76.

ETCOFF, Nancy. *A lei do mais belo*: a ciência da beleza. Trad. de Ana Luiza Borges de Barros. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

FEIXA PAMPÓLS, Carles. A construção histórica da juventude. In: CACCIA-BAVA, Augusto et all. *Jovens na América Latina*. São Paulo: Escrituras editora, 2004. P. 257-327.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão e Educação*: fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Mídia e artes da existência: para pensar imaginários em excesso. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, n. 7, p.41-48, jan./jun. 2004.

FISCHLER, Claude. Obeso Benigno, Obeso Maligno. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. P. 69-79.

FISH, DEAD. *Ao Vivo.* Rio de Janeiro: Deckdisc, 2005. 1 CD.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2*: o uso dos prazeres. 6. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. *Tecnologias del yo y otros textos afines.* 3. ed. Barcelona: Ed. Paidós Iberica, 1996.

_____. Subjetividade e verdade. In: Res*umo dos cursos do Collège de France (1970-1982).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. P.107-115.

_____. *A ordem do discurso*. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

_____. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Trad. de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 2001.

_____. *A hermenêutica do sujeito.* Trad. Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Da amizade como modo de vida*. Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html>. Acesso em 04 de jun. de 2005.

GABRIEL, Karlo. *Aparência é tudo!* Disponível em: <http://blog.catho.com.br/2006/04/25/aparencia-e-tudo>. Acesso em: 14 jan. 2007.

GARBIN, Elisabete Maria. *www.identidadesmusicaisjuvenis.com.br: um estudo de chats sobre música da Internet.* Porto Alegre: UFRGS, 2001. 270 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

_____. Cultur@s juvenis, identid@des e Internet: questões atuais. *Revista Brasileira de Educação*, n.3, p.119-135, maio/jun/jul/ago 2003.

GARCIA, Chico. *Não sou eu quem decido.* Disponível em: <http://www.seeklyrics.com/lyrics/Chico-Garcia/N%E3o-Sou-Eu-Quem-Decido.html>. Acesso em: 11 jan. 2006.

GOELLNER, Silvana. Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes *et al*. *Corpo, gênero e sexualidade:* um debate contemporâneo na educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. P. 28-40.

GREEN, BILL; BIGUM, CHRIS. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula*: uma introdução aos estudos culturais em educação. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. P. 208-243.

GRÜN, Mauro. A restauração da dúvida como operador ético, político e científico da investigação – revendo Sócrates e Descartes. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (orgs.). *Caminhos investigativos III:* riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. P.141-153.

GROS, Frédéric. Situação do curso. In: FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito.* Trad. Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.613-661.

GUSTAFSSON, Jan. Figuras de la alteridad: visiones danesas de América a. In: CRISTOFFANINI, Pablo R. (Comp.). *Identidad y otredad en el mudo de habla hispánica*. México: Universidad de Aalborg, Universidad Nacional Autónoma de México, 1999. P. 123-149.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.22, n.2, p.15-46, jul/dez 1997.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. P.103-133.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2005.

HOMEM, Maria Lucia. Entre próteses e prozacs. O sujeito contemporâneo imerso na descartabilidade da sociedade de consumo. *Estados Gerais da Psicanálise*: rede dos estados gerais da psicanálise. Disponível em:>http://estadosgerais.org/mundial_rj/download/4_Homem_135161003_port.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2003.

KEHL, Maria Rita. *Com o outro no corpo*: o espelho partido. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1112200507.htm> Acesso em: 12 jan. 2006.

KRESS, Gunther. O ensino na era da informação: entre a instabilidade e a integração. In: GARCIA, Regina Leite; MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. *Currículo na contemporaneidade*: incertezas e desafios. São Paulo: Corteza, 2003. P. 115-137.

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Orgs.). *Habitantes de Babel*: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001a.

_____. Babilônios somos. A modo de apresentação. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Orgs.). *Habitantes de Babel*: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001b. P.07-30.

LARROSA BONDÍA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.28, n.2, p.101-115, jul/dez 2003.

LEMERT, Charles. *Pós-modernismo não é o que você pensa*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 2000.

LEMOS, André. Ciber-socialidade – tecnologia e vida social na cultura contemporânea. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas; BENTZ, Ione Maria Ghislene; PINTO, Milton José (Orgs.). *Práticas discursivas na cultura contemporânea*. São Leopoldo: UNISINOS, 1999. P. 9-22.

_____. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Orgs.). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003. P. 11-23.

_____. Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão. In: Razón y PalabraDisponível em:<http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/anteriores/n41/alemos.html#au>. Acesso em: 08 jun. 2006.

LÈVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Artenova, 1973.

_____. *A paixão segundo G.H*. Rio de janeiro: Rocco, 1998.

LUFT, Celso. *Minidicionário Luft*. 20 ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

LYOTARD, Jean-Francois. *O pós-moderno explicado às crianças*: correspondência, 1982-1985. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

_____. *A condição pós-moderna*. 2.ed. Lisboa: Gradiva, 1989.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza Lopes (Org.). *Narrativa, identidade e clínica*. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA, 2001. P.55-71.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1999.

_____. *Para uma política da amizade:* Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

_____. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002a.

_____. Da ascese à bio-ascese ou do corpo submetido à submissão ao corpo. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze:* ressonâncias nietzchianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002b. p.139-173.

_____. Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). *Culturas jovens*: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 42-58.

PINHO, Júlio Afonso. Redes digitais: uma nova sociabilidade? In: RUBIM, Antônio Albino Canelas; BENTZ, Ione Maria Ghislene; PINTO, Milton José (Orgs.). *Práticas discursivas na cultura contemporânea*. São Leopoldo: UNISINOS, 1999. p.111-132.

POTET, Frédéric. Chega de "gordofobia"! Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2005/10/01/ult580u1695.jhtm>. Acesso em: 10 out. 2005.

PSIQWEB. *Anorexia nervosa*. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/anorexia.html>. Acesso em: 02 fev. 2007a.

_____. *Bulimia nervosa*. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/bulimia.html>. Acesso em: 02 fev. 2007b.

RIBEIRO, Renato Janine. O passarinho de Godard (prefácio). In: ALMEIDA; Maria Isabel Mendes de; TRACY, Kátia Maria de Almeida. *Noites nômades:* espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. P. 11-16.

RIGGINS, Stephen Harold. The retoric of othering. In: _____ (ed.). *The lenguage and politics of exclusion*. London: Sage, 1999.

ROCHA, Cristianne Maria Famer. *A escola na mídia*: nada fora do controle. Porto Alegre: UFRGS, 2005. 288 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de subjetividade*, São Paulo, v.1, n.2, p.241-251, set/fev 1993.

ROSE, Gillian. *Visual methodologies-an introduction to the interpretation of visual materials*. London: Sage, 2001.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Descobrir o corpo: uma história sem fim. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.25, n.2, p.49-58, jul/dez 2000.

_____. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). *Corpo e história*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. P.3-23.

_____. Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze:* ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. P.99-110.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. "Um preto mais clarinho..." ou dos discursos que se dobram nos corpos produzindo o que somos. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.22, n.2, p.81-115, jul/dez 1997.

_____. *Um Olhar Caleidoscópio sobre as Representações Culturais de Corpo*. Porto Alegre: UFRGS, 1998. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

SARAIVA, Karla. A Babel eletrônica – hospitalidade e tradução no ciberespaço. In: SKLIAR, Carlos (Org.). *Derrida & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna*: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SIBILIA, Paula. *O Homem Pós-orgânico*: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. Os diários íntimos na Internet e a crise psicológica. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs.). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003. P.139-152.

_____. O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n.25, p.68-84, dezembro 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Teoria cultural e educação* – um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula*: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p.190-207.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Textos e Diferenças. *Leitura em REVISTA.* Ijuí, n.3 jan//jun 2002.

SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença:* e se o outro não estivesse aí?. Rio de Janeiro: DP&A, 2003a.

_____. É o outro que retorna ou é um eu que hospeda? Notas sobre a pergunta obstinada pelas diferenças em educação. Disponível em <http://www.anped.org.br/25/sessoesespeciais/carlosskliar.doc>. Acesso em: 05 fev. 2003b.

SOUZA, Nadia Geisa Silveira de. *Que corpo é esse? O corpo na família, mídia, escola, saúde...* Porto Alegre: UFRGS, 2001. 168 f. Tese (Doutorado em Bioquímica) – Programa de Pós-Graduação em Bioquímica, Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

_____. O corpo: inscrições do campo biológico e do cotidiano. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.30, n.1, p.169-1186, jan/jun 2005.

SWAIN, Tania Navarro. Entre a vida e a morte, o sexo. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys10/livre/anahita.htm>. Acesso em: 15 fev. 2007.

TAPSCOTT, Don. Geração Digital. *A Crescente e Irreversível Ascensão da Geração Net*. São Paulo: Makron Books, 1999.

VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Lisboa, Edições 70, 1991.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares... In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos Investigativos*: novos olhares na pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. P. 23-38.

_____. Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n.3, p.5-15, maio/jun/jul/ago 2003.

VEYNE, Paul. Foucault revoluciona a história. In: VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*: Foucault revoluciona a história. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p.237-285.

WEINBERG, Cybelle; CORDÁS, Táki Athanássios. Do altar às passarelas: da anorexia santa à anorexia nervosa. São Paulo: Annablume, 2006.

WIKIPÉDIA. *Orkut*. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/ORKUT>. Acesso em: 08 fev. 2006.

_____. *Crossdresser*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Crossdresser>. Acesso em: 10 ago. 2006.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade*: 1780-1950. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

WHITAKER, Francisco. O que são redes? Disponível em: <http://www.rits.org.br/redes_teste/rd_estrutalternativa.cfm>. Acesso em: 07 mar. 2006.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo